



RUMO À UNIVERSIDADE

Se Liga no Enem prepara 12,6 mil alunos da Paraíba para as provas

Estudantes da Rede Pública têm acesso a material na internet e aulas presenciais por todo o estado. **Página 5**



Foto: Evandro Pereira

Rotina de plantas e animais é alterada com a nova estação

A primavera é caracterizada por aumento da temperatura e redução das chuvas, o que modifica o meio ambiente e a vida da fauna e da flora. **Página 20**

Manaíra: do turismo religioso ao lar das preguiças-gigantes na pré-história

Fotos: Prefeitura de Manaíra/Divulgação



A cidade sertaneja, que possui 10 mil habitantes, investe no turismo com a construção do Parque da Lagoa. O meio ambiente saudável e a tradição religiosa também compõem os atrativos da cidade.

Página 8

■ “Não é preciso ser ator ou milagreiro, ter bom timbre de voz, mas declamar sentindo cada palavra, como faço quando declamo Drummond, é um transe”.

Kubitschek Pinheiro

Página 10

■ “A questão, enfim, transcende à mera categoria em cinema, se é ficção ou documentário. Fato é que essa história de “cinema verdade”, a rigor, inexistente”.

Alex Santos

Página 11

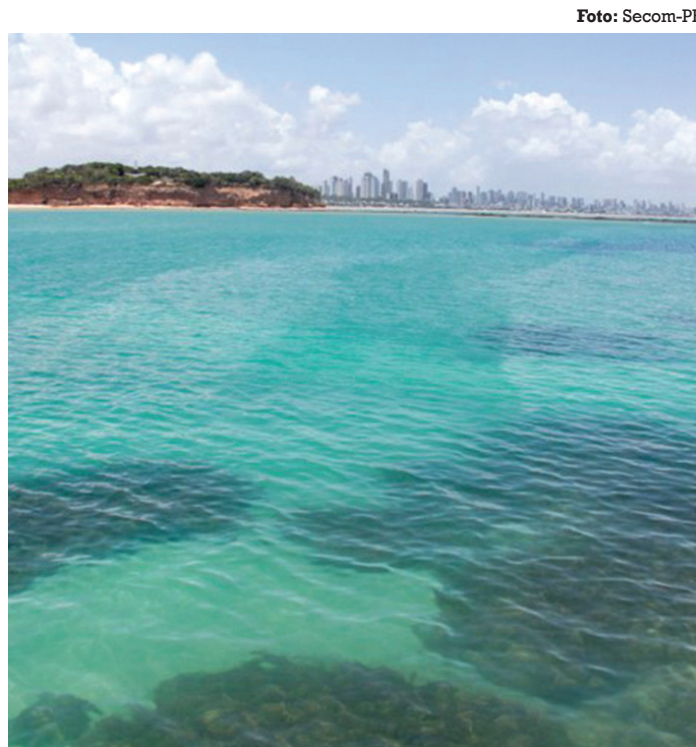


Foto: Secom-PB

Paraíba terá um museu subaquático

A Cinep realiza, junto com o IFPB e a UFPB, estudo para a implantação do projeto em João Pessoa.

Página 3

Valores de imóveis podem triplicar na alta temporada

Para fugir de altos preços e do risco de golpes uma alternativa é a busca antecipada por imóveis de veraneio.

Página 17

Municípios voltam a ter perdas do FPM, aponta Famup

A última queda registrada foi de 24,43% dos valores previstos a serem repassados às prefeituras.

Página 13

Foto: Edson Matos



Memórias

A responsabilidade à frente da editoria do Diário Oficial

O cuidado com os detalhes é uma das marcas do trabalho minucioso de Lúcio Flávio à frente do Diário Oficial. Ele começou como digitador e hoje edita a publicação.

Páginas 14 e 15



Envelhecimento da população

O envelhecimento da população gera mais cuidados com os idosos. Dados divulgados pela Agência Brasil confirmam que o continente americano e o Brasil estão envelhecendo mais rápido do que a média mundial. Esse fato, faz com que a ampliação do acesso dos idosos à vacinação seja um dos instrumentos necessários para a garantia de uma velhice saudável e autônoma. Além de hábitos saudáveis, estar vacinado evita que infecções causem estresse no organismo e desencadeiem problemas que podem até mesmo se tornar crônicos.

O Programa Nacional de Imunizações (PNI), que completou 50 anos neste mês, oferece um calendário específico para essa população. Além das vacinas contra hepatite B e difteria e tétano, que são recomendadas desde a infância e podem ser administradas também nas faixas etárias superiores, idosos acamados ou em abrigos também devem receber a vacina pneumocócica 23-valente.

Pessoas acima de 60 anos também precisam ser avaliadas caso precisem receber vacinas como a tríplice viral e a febre amarela, que têm a tecnologia de vírus vivo atenuado. Além disso, as campanhas anuais contra a influenza e a vacinação contra a Covid-19 são consideradas prioritárias para essa população.

Do ponto de vista individual, o idoso pode ter recomendações adicionais de vacinação, no caso de condições específicas de saúde, o que inclui doenças crônicas frequentes como o diabetes. Nesse caso, deve-se procurar um médico que encaminhe o paciente para os Centros de Referência em Imunobiológicos Especiais (CRIE).

Assessora de Imunizações da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), Lely Guzman, destaca que a vacinação dos idosos estava entre as preocupações da organização ao instituir a Década do Envelhecimento Saudável entre 2021 e 2030. No fim desse período, uma em cada seis pessoas no continente americano terá mais de 60 anos.

Os dados não são preocupantes. Afinal, se nossa população está envelhecendo, é porque há melhor qualidade de vida, valorizada pelo acesso à saúde e a medicamentos, além de lazer e atividades outras que contribuem para que as pessoas possam viver em melhores condições.

No entanto, é bom ficar atento para as necessidades dos idosos. Um exemplo. Mesmo sendo prevenível por vacina no Brasil desde a década de 1990, o vírus Influenza faz 70% de suas vítimas entre a população idosa. Além de internação e morte, essa doença também pode descompensar doenças crônicas como cardiopatias e diabetes e causar acidentes vasculares. Por conta disso, é importante o reforço das políticas públicas de cuidados com os idosos, para que esse envelhecimento seja realmente algo que possamos nos orgulhar.

Artigo

O rádio, uma paixão nacional

Sem qualquer dúvida, o rádio é o meio de comunicação de massa de maior alcance público. No livro “Histórias que o Rádio Não Contou”, Reynaldo Tavares escreveu: “O rádio é o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador das novas esperanças; o consolador do enfermo”. A emissora de rádio é a companhia do ouvinte, com quem consegue se aproximar com intimidade. Ela é capaz de unir povos e culturas.

Essa poderosa ferramenta de comunicação alcança comunidades remotas, promovendo o debate público, independente do nível educacional das pessoas. Na contemporaneidade tem assumido novas tecnologias, como banda larga, celulares e tablets, inovando nas formas de interagir e participar.

Oitenta por cento da população consome o rádio nos seus diversos formatos, incluindo streamings de áudio ou em podcasts, conforme pesquisa realizada em 13 regiões metropolitanas pela Kantar Ibope Média, neste ano. Foi apurado, ainda, que cada ouvinte passa 3h55 minutos escutando rádio por dia.

Durante uma exposição comemorativa pelos 100 anos da Proclamação da Independência, ocorreu a primeira transmissão radiofônica nacional em 7 de setembro de 1922. O então presidente Epitácio Pessoa foi o primeiro a testar o sistema e realizou um discurso veiculado por 80 altofalantes. A Sociedade do Rio de Janeiro foi a primeira rádio do país, fundada em abril de 1923, por Roquette Pinto e Henry Morize, atual Rádio MEC.

A Empresa Paraibana de Comunicação – EPC possui duas emissoras de rádio, a Tabajara AM, que está no ar desde 1937, sendo a mais antiga do estado, e que nos próximos meses migrará para FM com nome de Parahyba, e a Tabajara FM, inaugurada em 1999. Com o objetivo de resgatar a história do rádio, A EPC instalou o Museu do Rádio Paraibano, buscando fortalecer e enaltecer seu papel histórico para o bem da comunicação e da sociedade.

Com uma programação que inclui informações, notícias, entretenimento e mú-

sica, ele enriquece o dia a dia dos ouvintes e é a forma mais democrática de comunicação presente em todas as camadas da sociedade, desde as grandes cidades às áreas mais distantes. O rádio é fonte de informação rápida, funcionando 24 horas por dia para levar as notícias mais importantes para os ouvintes. A pesquisa da Kantar demonstra que 64% dos ouvintes acreditam nas notícias que ouvem. Após cem anos da primeira transmissão, vem se criando em novos formatos, como o podcast ou videocast.

É uma “paixão nacional”. Hoje são mais de 10 mil emissoras de rádio FM e AM ativas no Brasil, contribuindo diretamente para a promoção da cidadania e o fortalecimento da democracia. Com os smartphones, o rádio tornou-se ainda mais portátil, proporcionando a oportunidade de ouvir sua programação predileta em qualquer hora ou lugar.

Amanhã é celebrado o Dia Nacional do Rádio em homenagem a Edgar Roquette Pinto, considerado o pai da radiodifusão no Brasil, lembrando a data do seu nascimento. Num tempo em que novas tecnologias se tornam rapidamente obsoletas, o rádio, mesmo sem fazer uso de imagens, se mantém como importante veículo informativo e de entretenimento.

“

Oitenta por cento da população consome o rádio nos seus diversos formatos

Rui Leitão

Foto Legenda



O piano centenário pede reformas

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

O valor do editorial

De quando em quando volto a render minhas justas homenagens ao editorial, o qual, sobretudo agora, se impõe como fonte a mais responsável na formação da opinião bem informada, tornando-se, depois da página de vitrine, minha primeira leitura.

Tomei esse caminho na própria A União, muito embora o editorial, escrito pelo diretor ou, em suas ausências, por veteranos da qualificação de Wilson Madruga ou Sá Leitão Filho, fosse costumeiramente a palavra do governo ou o que o governo (então de José Américo) julgasse mais interessante.

A União, em seu primeiro número, começou pelo editorial. Antepôs-se a todas as matérias do dia e marcou tradição com seus editorialistas, a começar por Gama e Melo, jurista, intelectual e homem público da admiração de um vizinho que iria surpreender algum tempo depois, o major Floriano Peixoto, quando aqui serviu em missão especial e de cadeiras na calçada da General Osório, numa relação que culminou em convite para o doutor Gama ocupar o Ministério da Justiça após a queda de Deodoro. O paraibano agradeceu por modéstia mas, vendo bem a sua biografia, não é difícil de ter sido por pudor democrático.

Editorial de prestígio regional era o de Esmeraldo Marroquim no Jornal do Comércio do Recife, isto nos anos 1950. Um outro jornal da época que primava pelo artigo de fundo era A Imprensa, dirigida por padre Odilon Pedrosa. Chegou a incomodar o governo, batendo em cima da remoção política de professoras. Isto no governo de quem? Do grande José Américo. O padre foi confinado em Pirpirituba, recém-saída de vila, morrendo aposentado em Sapé e nos deixando quatro livros do bom escrever e do melhor pensar. Foi esse padre ilustre que me ensinou a ler jornal.

Não é de graça, portanto, esta minha atenção diária ao editorial. Nos idos de 1958, o editorial deste jornal chegou a in-

“

A União, em seu primeiro número, começou pelo editorial

Gonzaga Rodrigues

fluir de certo modo no posicionamento do próprio governador, com aliados da facção mais reacionária mas, até certo ponto, deixando correr frouxo no jornal a ação das Ligas Camponesas, tal como ocorria no vizinho governo de Arraes. Em Cabra Marcado para Morrer o assassinato de João Pedro é toda a 1ª página de A União. A redação dirigida por Hélio Zenaide e composta de repórteres como Severino Ramos parecia atestar de fato que o jornal era pago pelo povo. O editorial, verdadeiras obras-primas no gênero, era lavrado por Malaquias Batista Filho. Nos jornais concorrentes a raiva à palavra camponês fazia trocá-la por rurícola.

Motivou-me voltar ao assunto o editorial dessa quinta-feira, 21, dedicado à palavra do Brasil na 78ª Assembleia Geral das Nações Unidas: “...Lula botou o dedo nas feridas do mundo, ao denunciar, por exemplo, a corrosão do princípio da igualdade soberana entre as nações – paridade que, diga-se de passagem, nunca houve em momento algum da história – os despropósitos do neoliberalismo e os efeitos deletérios das desigualdades sociais, dos preconceitos, dos conflitos armados e da degradação progressiva do meio ambiente.”

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U I D I O R I A : 99143-6762

TURISMO SUSTENTÁVEL

Museu subaquático será construído na Paraíba

Projeto vai promover a cultura de preservação oceânica no estado

Carol Cassoli
carol.cassoli@gmail.com

Juliana Cavalcanti
juliana.ferreiracavalcanti@gmail.com

A Paraíba vai ganhar um novo atrativo turístico. Trata-se de museu subaquático. O projeto, que está sendo desenvolvido pela Companhia de Desenvolvimento da Paraíba (Cinep) em parceria com a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e com o Instituto Federal da Paraíba (IFPB), é uma ação do Governo do Estado para promover a cultura de preservação oceânica na Paraíba e faz parte de uma série de ações socioambientais voltadas à promoção do turismo técnico-científico no estado.

Ainda incomum no mundo, o museu subaquático tem como objetivo preservar os oceanos ao mesmo tempo em que estimula os turistas a refletirem sobre temáticas comuns à população e incentiva a valorização dos Povos do Mar Paraibano. De acordo com o diretor presidente da Cinep, Rômulo Polari, a criação de um museu como este, passa pela elaboração de uma rota para mergulho, através da qual o turista poderá mergulhar para contemplar um espaço que contará uma história que refletirá a identidade do estado. “Pretende-se contar uma história da Paraíba. Com esses elementos, o museu vai ter um potencial enorme, pois o turista vai mergulhar sabendo o que verá no museu. Por isso, o museu terá o poder de atrair o turista para dentro do mar”, destaca.

Parte do Programa Estratégico de Estruturas Ar-



Foto: Secom-PB

Projeto surge para impulsionar o desenvolvimento turístico sustentável da região

tificiais Marinhas da Paraíba (Preamar-PB), o museu tem como base a instalação de recifes artificiais marinhos, a criação de áreas temáticas para o mergulho contemplativo e a restauração ecológica dos ambientes coralíneos naturais do estado. Segundo a bióloga, professora da UFPB e coordenadora dos sub-programas de Restauração Ecológica de Corais e de Educação Ambiental, Karina Massei, o projeto surge como forma de impulsionar o desenvolvimento turístico sustentável da região, que é um dos eixos do Preamar-PB.

“O museu surge como uma oportunidade de atender uma demanda da sociedade paraibana, aproximando o trabalho do homem à natureza para despertar uma cons-

ciência plena dos turistas e comunidades locais”, explica a estudiosa.

Massei ilustra que, dentro do equipamento turístico, o visitante terá, ainda, oportunidade de compreender técnicas para cuidar do solo marinho como se cuida da terra na agricultura, tornando-a fértil e sustentável: “Utilizando métodos adequados, experimentados em outras regiões do planeta, o visitante será protagonista da própria realidade e irá não só apreciar a exuberante paisagem marinha, mas vivenciar como podemos conservar e restaurar os nossos corais, estes seres geobiológicos fascinantes que nos promovem tantos serviços ambientais e muitas pessoas os confundem por pedras”.

■
Dentro do equipamento turístico, o visitante terá, ainda, oportunidade de compreender técnicas para cuidar do solo marinho como se cuida da terra na agricultura, tornando-o fértil e sustentável

Mais que aventura, um mergulho com propósito

Ao proporcionar ao turista uma experiência subaquática única, o museu subaquático do estado dará ao visitante a oportunidade de imergir numa viagem regenerativa e integradora, através de um mergulho com propósito, integrando saberes e fazeres locais, num espaço ordenado com estruturas biogênicas tematizadas multifuncionais.

A partir de um conceito apresentado apresentado pelo professor do Campus Cabedelo Centro do IFPB e coordenador do Preamar

-PB, Cláudio Dybas, durante a assinatura do acordo de parceria do Preamar-PB, em janeiro deste ano, a Cinep tem trabalhado com recifes artificiais para recuperar a biodiversidade, fomentar o turismo náutico e subaquático e colaborar com o manejo da pesca na Paraíba.

Segundo Karina Massei, o museu subaquático faz parte de uma fundamentação técnico-científica em que a equipe multidisciplinar do Preamar-PB avalia os materiais mais similares com os recifes naturais

para criar um ambiente envolvente. “Pretendemos não só garantir uma bela aventura subaquática mas oportunizar - seja para quem é fã de arte, cultura, natureza e vida marinha -, um mergulho com propósito, pois através de estruturas tematizadas e de um turismo regenerativo, vamos abordar temas como a sustentabilidade e conservação ambiental”, reforça.

A ideia é que o projeto entretenha todo tipo de público e ofereça atividades em diferentes profundida-

des, para que até mesmo os visitantes que não sabem nadar possam participar da experiência. “Considerando os preceitos do Turismo Regenerativo e Inclusivo, estamos trabalhando na implementação de uma realidade distinta, não só a nível ambiental, restaurando o balanço dos ecossistemas costeiro e marinho, mas oportunizando a criação de um modelo integrado pelos eixos econômico, cultural, educativo e socioambiental. Isso é a Ciência da Sustentabilidade”, pontua a bióloga.

“No Preamar, a educação ambiental nas escolas, guias turísticos locais, catamarãs da região e comunidades de pescadores pretende mostrar através de reuniões como todos serão envolvidos nesse eixo da educação ambiental, que é possível desenvolver economicamente, mas de forma sustentável não agredindo e regenerando a natureza”, defende.

Agora, no entanto, estes profissionais passam por um processo de educação, ajudando toda a comunidade que vive da pesca na costa paraibana. E isso permite que a Paraíba se destaque não apenas no turismo cultural, de sol e praia, negócios e eventos, mas também seja referência no turismo sustentável, se comprometendo com a conservação do meio ambiente.

no. Com isso, a gente começa a definir o perfil do turista que vamos ter no futuro”, declara. O representante da Cinep explica, também, que os projetos englobados pelo Preamar-PB impactam positivamente toda a sociedade. Rômulo conta, por exemplo, que, antigamente, os pescadores jogavam no mar geladeiras, pneus e itens que poluíam o meio ambiente.

UNInforme

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

SEM PODER DE DECISÃO DENTRO DO PARTIDO, DEPUTADOS DO PL ESTÃO PRESOS À SIGLA ATÉ 2024



Foto: Agência Câmara de Notícias

Cada vez mais alijados das discussões acerca da participação do PL no processo eleitoral de João Pessoa e de outros municípios, entre os quais Cabedelo, o deputado federal Cabo Gilberto e o deputado estadual Wallber Virgulino estão, por assim dizer, “num mato sem cachorro”. Ambos estão sem nenhum poder de decisão dentro do partido e ao menos até a abertura da janela partidária no próximo ano, quando a legislação eleitoral permite a troca de partido sem que isso caracterize infidelidade partidária, que resulta em perda de mandato, estarão presos à legenda. Uma outra solução para eles é se a direção estadual expulsá-los. Aliás, Wallber Virgulino disse, em entrevista, que Wellington Roberto, presidente estadual, faria “um grande favor” a ele se o expulsasse da legenda. Nilvan Ferreira, o outro integrante do autointitulado “triumvirato” está em situação, digamos assim, mais confortável. Como não é titular de mandato eletivo, pode migrar para outro partido a hora que quiser. O problema para ele é a dificuldade de encontrar uma legenda com força, musculatura política e recursos financeiros robustos capaz de enfrentar uma eleição majoritária na capital. Por enquanto, o aceno do União Brasil para a sua filiação é apenas o que é: um aceno. Não um fato concreto.

NARRATIVA REJEITADA

Cabo Gilberto não acredita que a sua destituição do comando do PL de João Pessoa tenha sido determinada pelo ex-presidente Bolsonaro, como declarou o presidente nacional do partido, Valdemar da Costa Neto – informação também confirmada por Marcelo Queiroga. Para ele, o movimento partiu do deputado federal Wellington Roberto. E tanto é assim que ele afirma que continuará defendendo o legado bolsonarista.

PROJEÇÕES E CONJECTURAS

O triumvirato poderá encontrar guarida no União Brasil? Bem, o senador afirma que o partido irá participar da majoritária, mas não cravou se seria na condição de cabeça de chapa. Inclusive, afirmou que existe uma possibilidade de indicar o candidato a vice numa chapa de oposição. Esta segunda opção, certamente, não agrada ou interessa a Nilvan Ferreira, que quer ser candidato a prefeito.

EM PÉ DE GUERRA

“O PL está fazendo de tudo para perder as eleições”. Do deputado federal Cabo Gilberto, reportando-se à sua destituição da presidência do diretório do PL de João Pessoa e a consequente ascensão ao cargo do médico Marcelo Queiroga, que é pré-candidato a prefeito da capital. Ele, o deputado Wallber Virgulino e o radialista Nilvan Ferreira estão em “pé-de guerra” com a direção estadual do partido.

PRAZO DE 10 DIAS PARA DEFESA

O prefeito de Lucena, Leo Bandeira (MDB) tem 10 dias para apresentar sua defesa no processo de cassação aberto pela Câmara Municipal da cidade – o prazo começou a vigor desde sexta-feira (22), data em que foi formada a comissão processante. Ele é acusado de infração à Lei de Responsabilidade Fiscal por supostos gastos excessivos com combustível, entre outras irregularidades.

“NÃO É APOIO IDEOLÓGICO”

Provocado pela imprensa, o deputado estadual Caio Roberto explicou em que moldes ocorre à sua adesão à base do governador João Azevêdo (PSB). “Nosso apoio é em relação às disputas municipais, ao apoio do governador aos nossos candidatos [e vice-versa]. Não estamos vinculando a questões ideológicas”, disse, ressaltando que isso não representa apoio à esquerda e a Lula.

PP JÁ TRABALHA COM A HIPÓTESE DE LUCAS DISPUTAR O GOVERNO

A direção nacional do Progressistas já trabalha com a hipótese de Lucas Ribeiro ser candidato do partido ao Governo do Estado, em 2026. O jovem político poderá assumir o governo da Paraíba a partir de abril do próximo ano, caso o governador João Azevêdo saia do cargo – como determina a legislação eleitoral – para disputar uma cadeira no Senado Federal. “Terá o nosso apoio para que a Paraíba possa ser administrada pelo Progressistas”, disse o presidente nacional da legenda, Ciro Nogueira.

Pedro Santos

Secretário de Estado da Cultura

“A regionalização é a forma mais democrática de aplicar a Lei Paulo Gustavo”



Secretário destacou a liberação de R\$ 46 mi em editais, além dos programas ICMS Cultural e Arte na Bagagem

Taty Valéria
tatyana.valeria@gmail.com

Pedro Santos assumiu a pasta da Secretaria de Estado da Cultura em fevereiro de 2023. Graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal da Paraíba, foi analista técnico em Gestão Cultural do Ministério da Cultura, coordenou a 3ª Conferência Estadual de Cultura, a Rede Estadual de Pontos de Cultura (2014), o Fundo de Incentivo à Cultura e coordenou a primeira etapa de implementação da Lei Aldir Blanc no estado.

O secretário assumiu a pasta durante um momento único: a retomada dos incentivos à produção cultural no Brasil, depois de anos de desmonte de políticas públicas e estagnação do mercado por conta da pandemia de Covid-19. Em entrevista ao Jornal **A União**, Pedro Santos esclarece alguns dos principais pontos do edital “Lei Paulo Gustavo” na Paraíba, que vai oferecer um aporte de R\$ 50 milhões em incentivos para projetos culturais.

A entrevista

■ No último dia 11 de setembro, foram lançados os editais de cultura da Lei Paulo Gustavo-LPG aqui na Paraíba. O edital específico do Audiovisual saiu dia 15 do mesmo mês. Qual a diferença entre esses editais e porque o do Audiovisual saiu depois?

Em relação aos dias de lançamento foi uma estratégia que nós construímos para dar tempo das pessoas conhecerem os editais. Então, de forma gradativa, fomos lançando os editais regionais; depois lançamos o ICMS Cultural; lançamos o do Audiovisual; lançamos as convocatórias do Conselho Estadual de Cultura e da Conferência. Isso para que houvesse tempo das pessoas compreenderem cada um desses editais, em função disso que nós resolvemos lançar dessa forma, através de blocos.

■ As ações de incentivo cultural somam investimentos de aproximadamente R\$ 50 milhões. O senhor pode explicar um pouco sobre esses recursos?

A gente trabalha com três fontes de recursos. Nós temos aqui recursos da Lei Paulo Gustavo, que foram transferidos aos estados e municípios e no caso aqui da Paraíba, recebemos R\$ 48 milhões e desses, aproximadamente R\$ 46 milhões já estão disponíveis através dos editais.

Nós temos também recursos da iniciativa privada, ou seja, o programa ICMS Cultural que, ao invés de destinar parte do imposto, que é o ICMS, para o estado, a empresa tem a oportunidade de destinar diretamente a um projeto cultural. E temos também recursos do próprio Tesouro Estadual, através do projeto do edital Arte na Bagagem que trata do fomento à participação de artistas paraibanos em eventos regionais, nacionais e internacionais. Então, são três fontes de receita.

■ O que é o ICMS Cultural e como

Incentivo

Projeto ICMS Cultural vai possibilitar que empresas que aderirem ao programa possam investir em projetos cadastrados junto à Secretaria de Cultura

ele irá funcionar?

O programa ICMS Cultural, criado pelo governador João Azevêdo através de um decreto, basicamente reproduz a mesma lógica, o mesmo conceito que outras leis estaduais e federal de incentivo à cultura, como por exemplo a Lei Rouanet. Aqui, permitimos que o empresário e a empresa, possa, ao invés de recolher o ICMS para o estado, ela destine parte desse imposto diretamente a um projeto cultural selecionado. Trabalhamos com 100% de aproveitamento. E o que é que significa? Se uma empresa destina R\$ 50 mil reais a um projeto cultural, são de R\$ 50 mil reais que poderão ser usados como crédito na hora de baixar teu ICMS. Então, é 100% de aproveitamento.

O ICMS Cultural também permite que empresas que tributem com base no lucro real ou no lucro presumido, participem. Ou seja, vamos trabalhar tanto com grandes empresas, como a Vivo, a Claro, a Energisa, como também vamos trabalhar com pequenas empresas, pequenas redes de supermercado, postos de combustíveis, farmácias. Esse edital é de fluxo contínuo, ou seja, os proponentes, os produtores culturais, podem apresentar os seus projetos, recebem uma carta

de autorização e, em seguida, estão aptos a fazer a captação junto às empresas e realizar o projeto.

Mas, é importante dizer que antes de qualquer coisa, a empresa já tem que estar aderida, ao programa. O processo de adesão ocorre através do site da Secretaria de Cultura: www.cultura.pb.gov.br.

■ O edital Arte na Bagagem está em andamento e já selecionou 31 propostas. Como está o cronograma? Como funciona esse edital?

O Arte na Bagagem é um programa inédito, também anunciado pelo governo de João Azevêdo. Consiste basicamente no apoio à participação de artistas e grupos culturais paraibanos em eventos, que podem ser regionais, nacionais ou internacionais. Abrimos a chamada pública por trimestre, então, a cada trimestre há uma chamada para contemplar quem vai viajar naquele período. Por exemplo: se nós temos um realizador paraibano que foi convidado para lançar seu filme em um festival de cinema, ele irá submeter sua proposta, e caso aprovada, esse realizador irá receber um incentivo do Governo do Estado para lançar sua obra.

Através desse incentivo, o auxílio para as viagens dentro do Nordeste é de R\$ 2 mil. Dentro do território nacional, o valor sobe para R\$ 3 mil, e fora do Brasil, o incentivo chega a R\$ 7 mil. Essa é uma forma que nós encontramos para fazer com que a arte que é produzida na Paraíba possa ecoar. Tem muita coisa boa sendo produzida no estado em todas as áreas e eu destacaria o cinema e a literatura. São duas grandes potências da arte paraibana.

As artes visuais e a música também possuem um destaque e, muitas vezes, os artistas ficam restritos a João Pessoa e aos limites do nosso estado. O Arte na Bagagem é um programa que surge para potencializar essa participação dos nossos artistas e grupos fora e, ao mesmo tempo, contribuir para uma construção e um fortalecimento da imagem positiva do nosso estado lá fora, a nossa luta contra a estigmatização, qualquer tipo de preconceito com o nosso estado, que também se dá no campo do simbólico. E esse campo do simbólico, muitas vezes, principalmente, é expressado através da arte. Então, colocar artistas paraibanos para ocupar palcos fora da Paraíba é também uma forma de nós fortalecermos positivamente a imagem do nosso estado lá fora.

■ No dia do lançamento da LPG o

senhor afirmou que os 12 editais regionais tornam o processo mais democrático. Por que?

Exatamente, a gente entende que esse é um processo que busca democratizar o acesso ao recurso do fomento à cultura. Por que? Se você olhar a série histórica, por exemplo, do Fundo de Incentivo à Cultura, você vai constatar uma alta concentração de beneficiários em João Pessoa, quando muito em Campina Grande. Isso decorre, evidentemente, do fato de termos aqui a maior parte da população da Paraíba, mas também pela oferta de informação, de qualificação.

Quando criamos os editais regionais, asseguramos que o recurso fique na região e que os artistas daquela regional concorram entre si. Não precisam estar concorrendo ao recurso público com artistas de outras regiões, porque entendemos que cada regional tem a sua particularidade e sua peculiaridade em termos de oferta, de cursos, de qualificação profissional.

É em função disso que nós entendemos que a forma mais democrática do recurso da Lei Paulo Gustavo ser absolvido pela comunidade cultural, classe artística, produtores culturais, é justamente através da regionalização dos investimentos. Isso também é algo já previsto na regulamentação da Lei Paulo Gustavo, que prevê ações afirmativas e entre as ações, as medidas de regionalização e desconcentração do investimento.

■ Para quem pretende inscrever um projeto na LPG, o que deve ser observado?

O processo de inscrição da Lei Paulo Gustavo é relativamente menos burocrático do que foi, por exemplo, a Lei Aldir Blanc. Nos editais da Lei Paulo Gustavo, nós não estamos solicitando, em um primeiro momento, a parte da documentação, que geralmente é o que dá mais dor de cabeça para os produtores culturais e para os artistas.

Então, nesse primeiro momento, pedimos apenas o projeto e os materiais referentes ao projeto, ou seja, vamos trabalhar com o fomento às ideias. Se você tem uma ideia, você vai transformá-la em projeto e vamos fomentar a realização desse projeto. As inscrições são virtuais, e contratamos um *software* específico para isso, que é o sistema Prozas. As pessoas podem se inscrever e devem se inscrever através dessa plataforma.

Caso haja dúvidas, por exemplo, nós temos vídeos, tutoriais na internet, já fizemos um ao vivo, vamos fazer mais dois até o final das inscrições, ensinando às pessoas

não só a inscrever o projeto, mas a escrever o projeto, pensar o projeto, maturar o projeto. Se ainda assim houver dúvidas no processo de inscrição, nós fizemos uma parceria com a Fapesq, Fundação de Apoio à Pesquisa, e o Instituto Federal da Paraíba, e instalamos 22 escritórios por todo o estado.

Nesses escritórios, com pessoal qualificado e que funciona nos dois turnos, o artista ou o grupo vai poder tirar suas dúvidas com esses profissionais. São formas que nós construímos para potencializar cada vez mais a participação, sobretudo, de quem não tem a expertise ou conhecimento necessário para poder elaborar um projeto e submetê-lo.

Os editais regionais da Lei Paulo Gustavo estão com inscrições abertas até 9 de outubro e nosso objetivo é pagar todos os beneficiários dentro do exercício de 2023. Então, há um esforço grande por parte da Secretaria de Cultura, contratando equipe adicional, para realizarem as análises dos projetos.

■ Qual a expectativa em relação à retomada da produção cultural na Paraíba a partir da LPG?

A Lei Paulo Gustavo chega com um compromisso muito forte em relação ao audiovisual, sobretudo. Eu acredito que esses recursos vão tornar ainda mais potente aquilo que nós já produzimos. Nós temos aqui na Paraíba um celeiro de produção audiovisual e um histórico também. Desde Aruanda, Romeiros da Guia, o Salário da Morte, que são obras seminais para o cinema nacional, inclusive. Então, o que a gente tem recebido agora em termos de investimento vai, certamente, potencializar. E não só a produção audiovisual, mas também o consumo, o acesso a isso que tem sido produzido.

Eu fico bastante honrado por poder estar na Secretaria de Cultura neste momento, um momento extremamente profícuo não só pela Lei Paulo Gustavo, mas também por todas as ações que o Governo do Estado vem realizando. Nós temos aí a oportunidade de construir políticas estruturantes, com perspectiva de concurso público, da criação de um quadro efetivo de pessoal, da modernização das nossas legislações, da retomada do Conselho Estadual de Política Cultural, que é o espaço das políticas públicas, produção e monitoramento. Me sinto muito honrado e espero que o nosso trabalho possa gerar impactos positivos na vida das pessoas e, sobretudo, daquelas pessoas que vivem e trabalham com o campo da arte e da produção cultural.

RUMO À UNIVERSIDADE

Se liga que o Enem é em novembro

Programa do Governo da PB prepara mais de 12 mil alunos da rede pública para o Exame Nacional do Ensino Médio

Michelle Farias
michellesfarias@gmail.com

Alunos matriculados na 3ª série do Ensino Médio e egressos da rede estadual de ensino se prepararam gratuitamente para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) com o programa “Se Liga no Enem”. Nesta edição de 2023, foram oferecidas 12.600 vagas, distribuídas nas 14 Gerências Regionais de Educação (GREs) do Estado, para a modalidade remota. A aula de abertura do programa aconteceu em 14 de julho, por meio do Canal do YouTube da Secretaria de Estado da Educação (SEE). As provas do Enem serão aplicadas nos dias 5 e 12 de novembro.

A SEE por meio dos programas Se Liga no Enem Paraíba e Desafio Nota 1000 auxiliam na preparação dos estudantes para o Exame Nacional do Ensino Médio proporcionando um espaço para revisões de conteúdos, simulados, produções e devolutivas de redações, práticas laboratoriais, oficinas temáticas, atividades culturais, trocas de experiências e formações contínua e continuada dos professores.

De acordo com a SEE, desde 2018, quando teve início o programa Se Liga no Enem, e posteriormente em 2020, com a criação do Desafio Nota 1000, houve um aumento gradual no número de estudantes aprovados em universidades públicas.

No ano de 2022, foram mais de seis mil estudantes da 3ª série do Ensino Médio e egressos aprovados em Instituições de Ensino Superior através do SisU, com mais de 400 aprovações em 1º lugar e mais de 400 redações de excelência, com notas a partir de 900 pontos. Desses aprovados, 63% participaram ativamente das atividades do programa Se Liga no Enem.

Mais de 20 mil estudantes da rede estadual obtiveram suas aprovações em instituições de ensino superior, tanto no estado da Paraíba quanto em outros estados brasileiros. Totalizando uma média anual de mais de quatro mil aprovações.

De olho em uma vaga na área de Tecnologia, o estudante João Batista Gomes Bezerra de Souza, que mora em Cachoeira dos Índios, Serião paraibano e tem 18 anos, estuda pela manhã na escola, revisa o conteúdo à tarde e no início da noite começa a preparação para o Enem com o conteúdo oferecido pelo Se Liga no Enem, tudo

“O Se Liga me apresentou o Enem desde que comecei o Ensino Médio, em 2021. Melhorei bastante minha capacidade de resolver questões

João Batista G. Bezerra de Souza

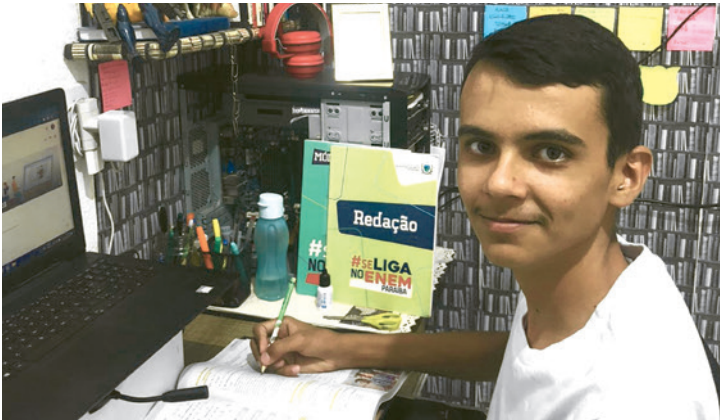
bem dividido, com intervalos estabelecidos.

“O Se Liga me apresentou o Enem desde que comecei o Ensino Médio, em 2021. Melhorei bastante minha capacidade de resolver questões e ainda hoje estou melhorando cada vez mais, principalmente na redação que é minha maior dificuldade. O Se Liga conta com ótimos profissionais e eles são sempre bem atenciosos com os alunos, buscando ajudá-los em suas dificuldades e motivando-os cada vez mais”, avaliou João Batista Gomes Bezerra de Souza.

O programa Se Liga no Enem dispõe de 15 professores dos componentes curriculares cobrados no Enem, que desenvolvem atividades baseadas na matriz de referência do exame nacional. Juntamente com o planejamento da coordenação geral e pedagógica do programa, os professores preparam questões autorais, simulados, videoaulas, *podcasts*, materiais de apoio e participam diariamente de estudos orientados no formato síncrono pela plataforma *Google Meet*. O programa também realiza “aulões” presenciais.

“A Secretaria de Educação tem a intenção de prosseguir alcançando um número cada vez maior de jovens estudantes ingressantes no Ensino Superior. Para isso, vem buscando juntamente com as 14 gerências regionais de ensino, promover o incentivo na participação e engajamento dos estudantes da rede nas atividades dos programas voltados a preparação para o Enem, subsidiando recursos e aprimorando os espaços escolares”, explicou o coordenador pedagógico do Se Liga no Enem Paraíba, Haniel Carlos de Souza Lima.

Foto: Arquivo pessoal



João Batista Gomes faz preparação para o Enem pelo Se Liga



Foto: Secom-PB

Desde 2018, quando teve início, o Se Liga no Enem aumentou o número de estudantes aprovados em universidades

Reeducandos também fazem preparação

A preparação para ingresso em cursos superiores tem contribuído para a ressocialização de apenados que estão reclusos em unidades prisionais da Paraíba. Em média, 50 reeducandos são aprovados anualmente no Exame Nacional do Ensino Médio para adultos privados de liberdade, o PPL. A contagem das aprovações para o Enem PPL leva em conta as seleções do SisU e Prouni e tem mostrado uma curva ascendente desde 2019, quando o Se Liga no Enem foi expandido para o sistema prisional.

Os apenados têm acesso a videoaulas, *podcasts* e aplicação de simulados. As unidades prisionais têm aderido às aulas como também as inscrições dos Privados de Liberdade para os Exames Nacio-

nais. A Secretaria de Estado da Educação tem contribuído dando suporte de equipamentos, a exemplo de TVs nas unidades prisionais que dispõem de salas de aula.

O gerente de Ressocialização da Secretaria de Administração Penitenciária (Seap), João Sitônio Rosas, explicou que a preparação para o Enem será intensificada neste mês de outubro. O fortalecimento das ações voltadas para educação dos apenados segue determinação do secretário, João Alves, com base em diretrizes do governador João Azevêdo. Além do Enem, os reeducandos se preparam para as provas do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja).

“Ultrapassamos a barreira dos dois mil inscritos, pela

primeira vez. São exatamente 2.037 reeducandos, em 64 unidades prisionais que vão participar dessas provas. Isso foi um recorde absoluto. Inclusive, a Seap recebeu uma ficha de parabenização da Secretaria Nacional de Políticas Penais. O Encceja é o nosso foco do momento, tanto na organização, quanto na aplicação. É um exame que vai ter o envolvimento de mais de duas mil pessoas”, pontuou João Rosas.

Paralelo a isso, a Seap discutirá o planejamento para o Enem PPL em uma reunião. “Tem essa iniciativa também de revisão do conteúdo, com a própria Secretaria da Educação do Estado através do Se Liga no Enem. A expectativa é de que tenhamos um recorde também no número de inscritos do Enem e conse-

quentemente no número de aprovados e selecionados para cursos de nível superior, tanto no ProUni, quanto no SisU. Assim como foi no ano passado, quando nós tivemos 60 reeducandos aprovados”, concluiu.

As provas do Enem PPL serão aplicadas nos dias 12 e 13 de dezembro, dentro de unidades prisionais e socioeducativas. Há provas em penitenciárias, cadeias públicas, centros de detenção provisória e instituições de medidas socioeducativas.

O Enem PPL avalia o desempenho do participante que concluiu o Ensino Médio e, a partir de critérios utilizados pelo Ministério da Educação (MEC), permite o acesso ao ensino superior por meio de programas como SisU, ProUni e Fies.

Programa foi fundamental na aprovação

Trajetória

Stheffany Vieira estudou o Ensino Fundamental e Médio na rede estadual e participou do Se Liga no Enem



Foto: Arquivo pessoal

Stheffany Vieira cursa o 5º período do curso de Pedagogia na Universidade Federal de CG

sorvido na minha jornada em Pedagogia, é como adicionar uma cor viva ao quadro da minha vida. Estudar Pedagogia é como desvendar os segredos por trás de uma sala de aula, onde aprendizado e desenvolvimento se entrelaçam em um balé harmonioso”, explica.

Stheffany acrescenta que jornada em Pedagogia é uma constante fonte de inspira-

ção, que a guia em direção a um futuro que sempre soube que era o que queria.

“Cada teoria, método e abordagem que exploramos não são apenas palavras em um livro, mas sim ferramentas que moldam meu entendimento sobre como nutrir a curiosidade, incentivar a autodescoberta e criar um ambiente onde cada criança floresça”, conclui.

SETEMBRO AMARELO

Para descomplicar a saúde mental

Livro facilita o reconhecimento das principais doenças e suas características, deixando o tema mais acessível

Carol Cassoli
carol.cassoli@gmail.com

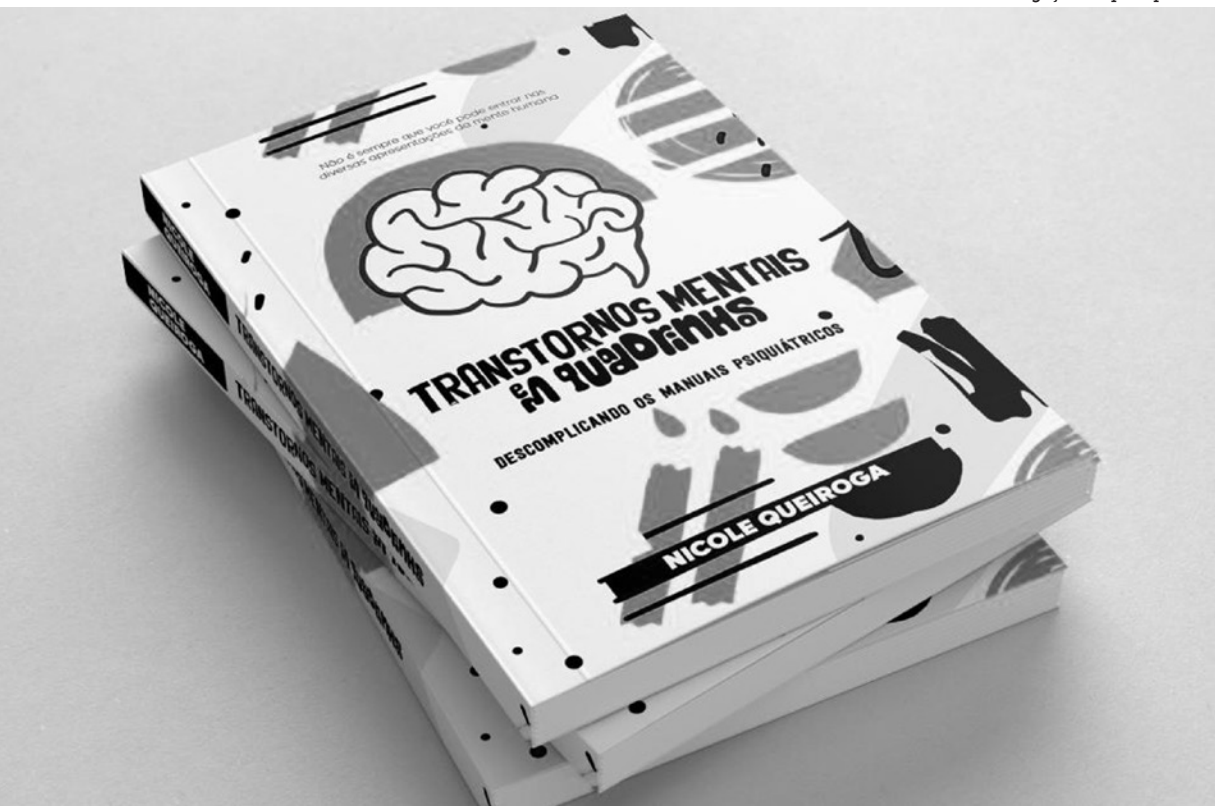
O Brasil conta, hoje, com a quinta população mais depressiva do mundo, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). Além disso, o país lidera o *ranking* latino-americano quando se trata de cidadãos com ansiedade e depressão. A OMS aponta que são quase 19 milhões de brasileiros sofrendo destas patologias. Se consideradas as pessoas que, por desconhecem os sintomas, não buscam um diagnóstico, este número é ainda maior. É por isso que a preocupação com o diagnóstico correto destas e de outras doenças tem aumentado entre os profissionais que atuam na área da saúde mental.

Defensora do debate a respeito da saúde mental, a psicóloga paraibana Nicole Queiroga explica que conversar sobre o assunto é um caminho para se desenvolver e exercitar a empatia nas pessoas. “A importância de debater a temática dos transtornos mentais, especialmente no mês dedicado à prevenção do suicídio, reside em promover a sensibilização, empatia e entendimento sobre questões de saúde mental. Isso pode ser feito através de diálogos abertos, educação e divulgação de informações precisas sobre transtornos mentais”, afirma. Para Nicole, abordar a temática a partir da afetividade

Dados
Segundo a Organização Mundial da Saúde, o Brasil lidera o ranking latino-americano de cidadãos com ansiedade e depressão

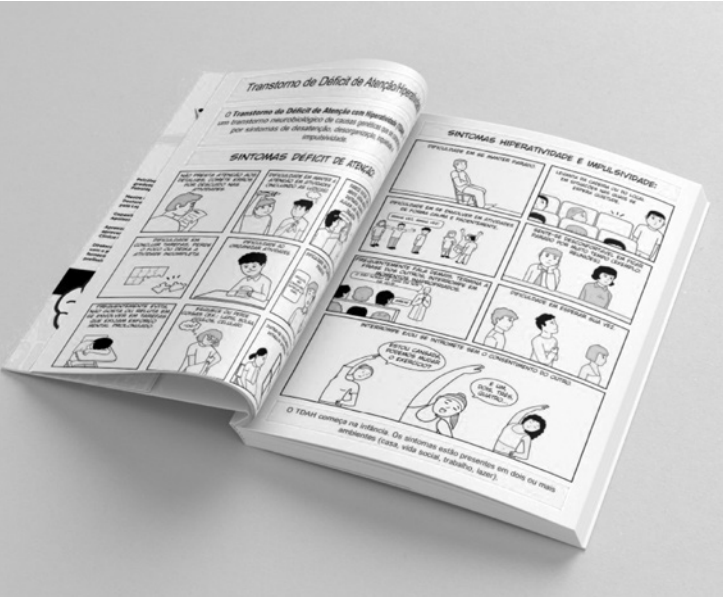
de é fundamental para reduzir o estigma, encorajar a busca por ajuda e criar um ambiente de apoio para aqueles que enfrentam desafios de saúde mental.

Diante do adocimento da população e do negligenciamento no diagnóstico de grande parte das pessoas, a psicóloga decidiu publicar um livro para facilitar o reconhecimento das principais doenças mentais e suas características. De acordo com ela, o propósito de “Transtornos Mentais em Quadrinhos: Descomplicando os Manuais Psiquiátricos” é tornar a compreensão sobre o assunto mais acessível, utilizando a arte em quadrinhos e uma linguagem simples para “traduzir” os critérios do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5-TR), um livro técnico uti-



Fotos: Divulgação/Arquivo pessoal

“Transtornos Mentais em Quadrinhos: Descomplicando os Manuais Psiquiátricos” traduz critérios do DSM-5-TR



Livro usa quadrinhos e uma linguagem simples sobre saúde mental

lizado como referência para identificação de uma série de patologias da mente.

Embora tenha sido desenvolvido para didatizar essas informações a leigos, o livro também pode ser útil para estudantes e profissionais da área de saúde mental. E, em um país como o Brasil que, segundo o relatório anual do Estado Mental do Mundo, organizado pela empresa de pesquisa em saúde mental Sapien Labs, ainda sofre com os impactos da pandemia no psicológico da população, ter acesso a informação deste tipo é fundamental

para reverter este quadro. “A ideia por trás deste livro é facilitar a compreensão dessa temática complexa e intimidadora, tornando-a mais didática e visualmente atraente. Ele é destinado a qualquer leitor interessado em compreender e desmistificar os transtornos mentais”, explica a autora.

“Transtornos Mentais em Quadrinhos: Descomplicando os Manuais Psiquiátricos” aborda e ilustra mais de 70 transtornos mentais e pode ser adquirido com frete grátis para todo o país, por meio do site produtivamente.lojaintegrada.com.br.

■ O livro da paraibana Nicole Queiroga ilustra mais de 70 transtornos mentais

GOVERNANÇA DA INTERNET

Paraibano é selecionado para participar de Fórum Global da ONU

Fernanda Dantas
Especial para A União

Faltando menos de um mês, o paraibano Lucas Andrade se prepara para voar até Kyoto, no Japão, para participar do Fórum Global de Governança da Internet (IGF), promovido pela Organização das Nações Unidas (ONU). O jovem de 24 anos é o único vindo da Paraíba entre os dez brasileiros selecionados para participar, com todas as despesas inclusas, do evento que discute políticas públicas relacionadas à internet, que acontece entre os dias 8 e 12 de outubro.

Natural de uma comunidade rural chamada Assentamento Tiradentes, na cidade de Mari, Lucas sempre estudou em escola pública e dependia do transporte escolar cedido pela prefeitura. Ele viu, durante a infância e adolescência, sua família enfrentar dificuldades financeiras, que sobreviviam à base da agricultura familiar e do programa Bolsa Família.

Foi com esperança nos estudos onde enxergou o sonho de ter melhores condições de vida e dar um conforto maior aos familiares. “Aos meus 18 anos, fui aprovado no Enem, em 2017, para o curso de Relações Internacionais (RI) na UEPB e tudo na minha vida começou a mudar. Migrei para a capital, João Pessoa; fiquei longe da família e fui descobrindo o mundo”, relembra o início da trajetória acadêmica.

A razão pela escolha da carreira está na paixão de infância por conhecer as novas

culturas mundo a fora, aliada à sede de fazer a diferença na realidade de pessoas desassistidas, uma vivência que conheceu de perto.

Hoje, além de bacharel em RI, Lucas faz pós-graduação em Gestão da Inovação, Tecnologia e Empreendedorismo pela Centro Universitário União das Américas Descomplica (Uniamérica). “Costumo dizer que os profissionais das Relações Internacionais são médicos sociais. Temos como objetivo trazer a cura para as doenças sociais através de ações e programas que provoquem mudanças, mudanças essas que só é possível por meio de investimento, parcerias e cooperação”, explicou.

Sua área de atuação conversa diretamente com a temática do fórum IGF. O internacionalista trabalha há cerca de três anos com a questão da governança na internet, levantando a bandeira da inclusão digital para as comunidades mais vulnerabilizadas, principalmente as rurais. O motivo também tem a ver com as experiências de vida. “A minha atual área vem de uma dor que eu, minha família e milhões de brasileiros sofrem, que é o não acesso à internet, popularmente conhecida como exclusão digital”.

A trajetória até o IGF começou quando o jovem participou da última edição do programa *Youth* Brasil, que concedia a 100 selecionados uma capacitação justamente na área onde Lucas atua. Ele não só realizou o programa como ficou entre os dez melho-



Fotos: Arquivo pessoal

Lucas Andrade é natural da cidade de Mari e bacharel em RI

res colocados entre os participantes, e tal grupo foi contemplado para compor a delegação brasileira na conferência internacional no Japão.

O diplomata não esconde a animação para a missão tão importante. “O que me deixa mais honrado é saber que, enquanto jovem rural, serei porta-voz de cerca de 30 milhões de camponeses que vivem em zonas rurais. Sem sombras de dúvida, é um momento único para ampliar, ainda mais, o potencial paraibano e, ao mesmo tempo, estar em um espaço global, promovido pela ONU, é saber que os jovens são capazes, sim, de dialogar com maior eficácia e influenciar positivamente as políticas globais e decisões governamentais que afetam as comunidades rurais em todo o mundo”.



“**A minha atual área vem de uma dor que eu, minha família e milhões de brasileiros sofrem, que é o não acesso à internet**”

Lucas Andrade

Evento vai discutir vários assuntos ligados a internet

Desde 2006, o Fórum Global de Governança da Internet é realizado, uma vez por ano, em uma cidade-sede diferente, sob os auspícios da Organização das Nações Unidas (ONU). De acordo com Lucas Andrade, o objetivo principal é o de discutir, a nível global, uma ampla gama de assuntos diretamente relacionados à internet, como inteligência artificial, tecnologias emergentes, fragmentação da internet, cibersegurança, cibercrime, segurança

online, proteção de dados, exclusão digital, entre outros. “O IGF é um espaço de diálogo inclusivo e colaborativo, incluindo representantes de governos de dezenas de países; empresas globais de tecnologia como a Google e Meta; a sociedade civil com demandas locais urgentes; acadêmicos e técnicos da área, para discutir, de maneira horizontal, políticas inovadoras, para minimizar os desafios emergentes na era digital”, esclareceu.

PRESÍDIO FEMININO

Local tem mesma diretora há 12 anos

Cinthy Almeida comanda 170 apenadas com humanismo, respeito, sem discriminação e com muita disciplina

Taty Valéria
tatyana.valeria@gmail.com

Inaugurada em 1999, a Penitenciária de Reeducação Feminina Maria Júlia Maranhão abriga, atualmente, 170 apenadas. Na gestão desse complexo, que inclui sala de atendimento médico e odontológico, oficinas de costura e produção de fraldas, sala de aula, alojamento para gestantes, escritório de atendimento jurídico e demais setores que dão sustentação ao andamento das atividades, está Cinthy Almeida, que desde 2011, assumiu a função de ser diretora da maior penitenciária feminina da Paraíba.

Agente penitenciária, desde que foi aprovada no concurso público, a diretora celebra o fato de que, a partir daquele ano, todas as unidades prisionais estaduais

passaram a ser geridas por profissionais de carreira. A responsabilidade em assumir a direção com complexo prisional trouxe uma responsabilidade a mais. “Por se tratar de ser a primeira agente penitenciária a ser nomeada como diretora, senti uma responsabilidade enorme porque eu tinha a certeza que, se a experiência não fosse bem sucedida, eu poderia fechar as portas para os demais agentes. Imagino que tenha dado certo, já que estou aqui a todos esses anos”, celebra Cinthya.

A diretora não esconde a satisfação em permanecer no cargo, e reconhece que o trabalho em conjunto é um dos fatores primordiais da boa gestão. “Sou muito grata por ter a oportunidade de desempenhar essa função junto com minha equipe. Amadurecemos muito, evoluímos. Hoje,

dentro do ambiente prisional, não é levado em consideração apenas a questão da disciplina e da contenção qualificada, mas também da humanização, e isso é um processo constante de evolução”, e completa: “O que faz as coisas fluírem é a convivência”.

Em relação à sua função, de ser a responsável por 170 mulheres que estão em dívida com a Justiça, Cinthya demonstra uma percepção que difere da figura do senso comum. “Eu percebo que o que nos difere dessas mulheres que estão recolhidas aqui, se resume a uma questão de escolha. Num dado momento da vida, elas tomaram alguma posição que as trouxe pra cá e isso pode acontecer com qualquer uma de nós”, enfatiza, deixando muito claro que não está romantizando nem glamourizando essa questão.



Foto: Evandro Pereira

Na sua gestão, Cinthya criou vários programas que beneficiam, indistintamente, todas as apenadas



Foto: Evandro Pereira

Apenadas continuam com o trabalho após ganhar liberdade

Castelo de Bonecas e a reinserção pela arte

A Penitenciária Feminina Júlia Maranhão desenvolve projetos de reinserção social, sendo o Castelo de Bonecas, o mais significativo. “Dentro dos vários projetos desenvolvidos aqui através da Secretaria de Administração Penitenciária, o de maior destaque é o Castelo de Bonecas, conhecido nacionalmente. Tem apoio do Governo do Estado e vem mudando a vida de muitas mulheres, oportunizando um novo recomeço”.

Além de bonecas de pano, de vários tamanhos e modelos, também são confeccionadas bolsas e acessórios. Durante a pandemia, foram confeccionadas 200 mil máscaras de tecido, que além da demanda interna, foram doadas para os presídios masculinos e para o Hospital Napoleão Laureano.

A primeira exposição do Castelo de Bonecas aconteceu em 27 de julho de 2012 e a ideia surgiu a partir de uma interna que confeccio-

nava bonecas feitas dos retalhos de sua própria roupa e com pedaços da espuma do próprio colchão. Ela usava as bonecas para decorar a cela. “Naquela época, ainda não havia o fardamento, que hoje estão disponíveis em todas as unidades prisionais da Paraíba, e que é de uso obrigatório nas dependências comuns das unidades”, diz a diretora, que continua.

“Foi proposto que ela fizesse outras bonecas com materiais fornecidos por nós, pela administração. Ela conseguiu ensinar para outras internas e tudo foi crescendo. Nós ainda não tínhamos como dar vasão a essas peças e pensamos em realizar uma exposição dentro do presídio e convidar pessoas de outros órgãos para que pudessem ter acesso e conhecer o que vinha sendo feito”.

As bonecas produzidas pelas apenadas ganharam a simpatia da gestão. “Passamos a ser convidadas para eventos do próprio Governo e hoje temos um lugar garantido em todas as edições do Salão de Artesanato, com um estande reservando para expor todos os demais projetos desenvolvidos nas demais unidades prisionais”, conta a diretora. Em 2017, o projeto Castelo de Bonecas recebeu um aporte financeiro do Judiciário e novas máquinas de costura foram adquiridas. O trabalho foi ampliado e proporcionou um aumento no número de mulheres envolvidas.



Foto: Evandro Pereira

Apenada tem local para cuidar do seu recém-nascido

Estima e recomeço para além dos muros

“Para nós é prazeroso, temos informações de que várias mulheres que hoje estão gozando sua liberdade, continuam desenvolvendo essa atividade e isso é muito gratificante”, diz Cinthya, destacando que a reincidência de quem participa do programa é nula. “Você consegue perceber que vale a pena, enxerga a mudança de comportamento e isso é estendido às famílias. Muitas delas não recebem visitas, não recebem amparo e quando elas começam a desenvolver esse trabalho, as famílias se reaproximam, eles conseguem perceber esse desejo de mudança”.

A diretora deixa o registro de que a atividade não diz respeito apenas à questão da remissão de pena (a cada três dias trabalhado, é descontado um dia da pena). “Falo sobre o resgate da auto-estima. Elas se sentem vivas, úteis e amadas. Quando chegam aqui, elas acham que o mundo acabou e chega um momento em que, ou você se entrega, ou você

recomeça e a questão do trabalho, é um recomeço”.

Marina Oliveira, de 33 anos, corrobora a fala da diretora. “Estou há dois anos e três meses nesse projeto evoluindo, aprendendo a costurar, decorar, fazer bonecas, fazer bolsas”, diz a apenada, que guarda mais um talento, o de escritora. O livro de poesias ‘Poética do Cotidiano’, lançado pela Editora A União, trouxe de volta o desejo por uma nova vida. “Hoje me sinto digna, porque a dignidade vem a partir de quando a gente começa a fazer as coisas certas e eu acredito que o caminho que estou seguindo é o caminho mais correto para um pós-muro”, diz a Marina.

“Quando eu sair daqui, vou sair preparada para enfrentar a sociedade, o mercado de trabalho e todas as coisas vierem diante de mim, com cabeça erguida, sabendo que eu paguei pelo meu erro e que vou voltar para somar, e não pra diminuir”, finaliza Marina.



Foto: Evandro Pereira

Oficina de produção e confecção de bonecas e bolsas



Foto: Evandro Pereira

Berçário onde são abrigadas grávidas e seus filhos



Foto: Evandro Pereira

Missão da educação é torná-las cidadãs, diz Luciara de Sousa

Educação voltada para a transformação

Atualmente, a Penitenciária Feminina Júlia Maranhão dispõe de 20 alunas que assistem aula regularmente nos ciclos I e II do Eja (Educação para Jovens e Adultos). A grande maioria aprendeu a ler e escrever quando começaram a cumprir pena. Luciara de Sousa, pedagoga e professora, dá aulas na unidade desde 2015 e considera que a educação ajuda as apenadas de várias formas. “Enquanto elas estão aqui, adquirem conhecimento. É uma atividade que as tira de dentro da cela, as motivam. Durante o feriadão do 7 de setembro, elas sentiram saudades”, diz a professora.

“A sala de aula é um ambiente onde elas tem oportunidade de refletir, expressar seus pensamentos, construir seu aprendizado e também adquirir conhecimento. Nossa missão, a missão da educação, é fazer com que se tornem

cidadãs pensantes e conscientes de que se não estudarem, lá fora ficará mais complicado. Elas sabem que do portão para fora, o mundo é muito competitivo. Se você não tem estudo, então as chances são mínimas”, completa Luciara.

Aluna aplicada do ciclo I, Edineide Soares de Araújo, não sabia ler nem escrever e nunca havia ido à escola. “Decidi aprender porque a leitura é algo que ninguém nunca vai tomar de mim, quem sabe ler é a coisa mais linda do mundo. Quando eu vi as primeiras letras que comecei a juntar e formar palavras, foi maravilhoso. Adoro estudar, eu estava lendo o livro de João do Feijão, consegui ler ele todo para a minha professora”, diz Edineide, orgulhosa da própria evolução.

A diretora Cinthya Almeida reforça que sua função é garantir a ordem, a disciplina de resguardar pessoas que estão privadas de liberdade por possuírem uma dívida com a justiça e com a sociedade, mas reconhece que seu trabalho vai além. “As pessoas que estão aqui, estão temporariamente porque a pena é temporária. Mas isso não implica dizer que ela será privada de sua dignidade. A pena tem seu começo, seu meio e seu fim. E nós, enquanto agentes do estado, precisamos garantir essa dignidade”.



Foto: Evandro Pereira

Edneide decidiu aprender a ler dentro do presídio

IDENTIDADE

Manaíra investe no Parque da Lagoa

Local sofrerá intervenções paisagísticas para potencializar um dos principais cartões-portais do município

José Alves
zavieira2@gmail.com

Com a construção do Parque da Lagoa, o município de Manaíra está se preparando para ser um grande atrativo turístico na região do Sertão da Paraíba. O projeto arquitetônico de construção do parque já foi concluído e vai mudar totalmente o visual da lagoa, que já é o cartão-postal da cidade. No passado, conhecida como Lar das Preguiças Gigantes, já que durante uma limpeza foram encontradas enormes ossadas daqueles animais, o espaço é muito visitado pela população local, por sua beleza e também porque foi lá que se deu a origem de Manaíra, que inicialmente foi chamada de Alagoa Nova. Situada a, aproximadamente, 460km de João Pessoa, a cidade, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tem atualmente mais de 10 mil habitantes.

A Capelinha da Menina Maria Lúcia Simplicio é o principal destaque do turismo religioso do município. Construída em uma exuberante região de mata, a aproximadamente, 3km da cidade, a capela atrai devotos de toda a região que chegam lá em busca de milagres e experiências espirituais. Já as Pedras dos Letreiros, situada no Sítio Olho d'Água dos Antas, no sítio Impoeira, tem sido uma atração turística não apenas por suas pinturas rupestres, mas por proporcionar uma emocionante aventura de trilhas que são feitas da cidade até o local.

O Açude Catolé 2 é outro

ponto turístico de Manaíra, por ser um dos maiores mananciais da região que também oferece oportunidades para os visitantes e turistas explorarem as trilhas e apreciar a natureza em seu esplendor. O Museu da Cidade que abriga um valioso acervo sobre a história do município, também é “parada obrigatória” para quem tem interesse no passado de Manaíra.

Outro ponto a ser explorado para quem gosta do turismo de trilhas é a Serra do Pau Ferrado, situado no segundo ponto mais alto da Paraíba. Considerado o berço da colonização manairense, o local além de ter sido palco de muitas lutas entre coronéis e cangaceiros no passado, é um belo destino turístico que proporciona aos visitantes uma experiência única, além de clima agradável, já que o município tem uma altitude de 1.138 metros.

Em Manaíra, também está instalada a comunidade Quilombolas do Fonseca, localizada a cerca de 5km da cidade em uma região de serra de belas paisagens naturais. O município tem uma área territorial de 352,6 quilômetros quadrados e tem como municípios vizinhos Curral Velho, Santana de Mangueira, São José de Princesa, Curral Velho e Santa Cruz da Baixa Verde, município de Pernambuco.

Os habitantes de Manaíra estarão comemorando, no dia 21 de dezembro, os 62 anos do aniversário de emancipação política marcada por uma história de batalhas durante a Revolta de 1930, quando o município ainda era distrito

de Princesa Isabel. Uma das várias obras que a prefeitura está construindo em parceria com o Governo do Estado é a creche, com recursos do Programa Primeira Infância. A creche terá capacidade para

atender 50 crianças e, segundo o prefeito, Messias Simão, a finalidade da obra é melhorar a educação infantil na cidade.

Outras obras em andamento na cidade são as seguintes: a Academia de Saúde, no dis-

trito do Pelo Sinal, o calçamento de várias ruas no Bairro do Doze, a Praça de Eventos, no bairro Barrocão, um espaço que em breve será palco de várias celebrações e atividades culturais e a construção da

PB-378, que vem sendo construída pelo Governo do Estado, ligando Manaíra ao estado de Pernambuco. Esta obra facilitará a conectividade e o desenvolvimento regional entre os dois estados.



Centro de Manaíra abriga o charme da Igreja Católica, a arquitetura local e a movimentação típica de área comercial



Açude Catolé 2 é um dos maiores mananciais da cidade. O espaço é muito frequentado por visitantes e turistas

Desenvolvimento local tem apoio do Governo da Paraíba



Creche em construção vai atender a 50 crianças pelo Programa Primeira Infância

No mês de agosto, o município de Manaíra, sediou a Jornada Paraíba Produtiva 2023, evento organizado pelo Governo do Estado, através da Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer), reunindo sindicatos e instituições bancárias em parceria com a prefeitura local que reuniu agricultores, gestores de órgãos públicos e parceiros estratégicos para impulsionar o desenvolvimento agrícola local, que

atualmente é o “carro-chefe” da economia local. A jornada destacou-se como um espaço dedicado ao apoio aos agricultores e à promoção de inovações no setor.

Durante o evento, foram realizadas palestras para os agricultores, através do programa Mais Pecuária Brasil, sobre diversos assuntos do campo, entre eles a inseminação artificial com o objetivo de melhorar a produção pecuária. Também foram oferecidos serviços de saúde, como

vacinação, testes de glicemia e hepatite, além de atendimento do cadastro único que permitiu acesso a benefícios sociais.

Durante o evento, foram realizadas ações da Secretaria de Educação que se comprometeu com a formação e o progresso educacional nas áreas rurais. Na ocasião, também foi apresentada a proposta para a criação de uma associação de produtores de leite, com o objetivo de proporcionar uma saída eficaz para a produção de leite no município.

Nome da cidade teria relação com homenagem a indígena

A Cidade de Manaíra surgiu na pequena fazenda Alagoa Nova, de propriedade do primeiro comerciante da localidade, Manoel Pereira da Silva, no ano de 1840. Na ocasião, ele instalou uma “bolandeira”, instrumento com o qual classificava o algodão e ainda uma espécie de engenho que servia para descaroçar o produto e preparar a cana para a fabricação de rapadura.

Em 1870 foi construída na localidade a primeira capela, mais tarde demolida. Em seguida, em 1887, em terreno

doado pelas irmãs Catarina e Balbina, cujo sobrenome a história não revela, foi construída a igreja, atual matriz, dedicada a São Sebastião, escolhido como padroeiro do lugar. Em 1889, foi erguida a paróquia, ano em que o comércio já mostrava bom desenvolvimento.

De acordo com historiadores, a denominação Manaíra - Seios de Mel - foi escolhida em homenagem a uma indígena com esse nome, prometida por seu pai Boiasso, como noiva, ao índio Piancó, chefe

da tribo dos coromas. Ainda, segundo historiadores, tendo a índia Manaíra se envolvido com o colonizador Manoel Curado Garra, foi sacrificada pelo pai, em nome do compromisso assumido com Piancó.

Na divisão administrativa do quinquênio 1939/43, a localidade desponta pela primeira vez, com a denominação de Manaíra. A emancipação política foi conseguida através da lei estadual em 21 de dezembro de 1961. A instalação oficial ocorreu no dia 31 de dezembro.



Praça Eleno Simões é uma das obras recentes entregues à população para o lazer

LANÇAMENTO

Obra elenca radiografias de personalidades

Ipojuca Pontes publica livro com 40 perfis de nomes que marcaram a vida artística, política, jornalística e social da Paraíba e de outras localidades

De acordo com o autor paraibano, critério adotado para compor os textos foi o da significativa presença dessas pessoas na vida cultural e política na segunda metade do século 20, na Paraíba e fora dela

Foto: Wilton Junior/Divulgação

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

O jornalista, cineasta e escritor paraibano Ipojuca Pontes está lançando o livro *Os Grandes do Nosso Mundo* (Top Books Editora, 162 páginas, R\$ 50), que reúne 40 perfis não apenas de personalidades que marcaram a vida jornalística, política, artística e social do estado, como também mais algumas figuras de idêntica relevância de outras localidades.

Sexta obra de Ipojuca Pontes, a edição reúne textos sobre paraibanos como Virginius da Gama e Melo, Abelardo Jurema, Argemiro de Figueiredo, Severino Ramos, Paulo Pontes, José Lins do Rego, Augusto dos Anjos, Sivuca, Martinho Moreira Franco, Otinaldo Lourenço, José Rafael de Menezes, Assis Chateaubriand, Genival Lacerda e Geraldo Porto. Originários de outros estados foram selecionados para a coletânea, por exemplo, nomes como Gilberto Freyre, Pelé, Carlos Lacerda, Antônio Maria, Tereza Rachel e o Barão de Itararé. “Todos, de algum modo, ligados à Paraíba”, garantiu o autor.

O levantamento em *Os Grandes do Nosso Mundo* foi traçado ao longo do tempo, sendo boa parte dos perfis publicados em vários, como o portal do jornalista Abelardo Jurema. “São todas as 40 pessoas perfiladas presentes e atuantes nas nossas vidas, e com as quais eu, com relações de afeto, convivi e admirei. Escrita com riqueza de dados, essa coletânea se destaca não só como leitura reveladora da Paraíba aos paraibanos, como se projeta como abordagem perspicaz e bem-humorada de fatos, pessoas e acontecimentos que marcaram a história contemporânea da nossa terra e do nosso mundo. De certo modo, conhecendo relatos levantados no livro sobre a vida dos personagens abordados, o leitor poderá entender a Paraíba do século passado”, comentou Ipojuca Pontes.

“O critério adotado para compor os perfis foi o da significativa presença dessas personalidades na nossa vida cultural e política na segunda metade do século 20, não só na Paraíba como fora dela. No histórico, foram personalidades que se distinguiram no campo do jornalismo, das artes e da política, e que, de resto, contribuíram para a afirmação da Paraíba enquanto povo e sociedade civilizada”, explicou Pontes.

Tempo ipojuquiano

O prefácio do livro é assinado pelo jornalista Walter Santos. “Ipojuca conduz consigo nos relatos memoriais a força e impacto a partir do parentesco como irmão de um gênio do teatro e da intelectualidade brasileira de nome Paulo Pontes, de curta passagem na terra, mas ainda hoje a reluzir sua capacidade extraordinária de marcar a história com sua sabedoria singular. Este ingrediente próximo, intrínseco, é só um dos aspectos da relevância que o escritor e cineasta apresenta à intelectualidade brasileira a partir de João Pessoa com sua nova obra reconhecendo a importância de sua mãe na formação de filhos como ele e Paulo abrindo assim uma grande porta para abordar perfis de muita gente importante na aldeia tabajara ou fora dela. Tudo o que se apresenta em 40 textos abordando personalidades do tempo ipojuquiano e tem a ver com seu filtro particular e sua tês intelectual conservadora a ilustrar seus homenageados pelo valor próprio de cada um frente à fama ou dimensão relativa conquistada no mundo”, escreveu ele.

Este ingrediente próximo, intrínseco, é só um dos aspectos da relevância que o escritor e cineasta apresenta à intelectualidade brasileira a partir de João Pessoa com sua nova obra reconhecendo a importância de sua mãe na formação de filhos, como ele e Paulo, abrindo assim uma grande porta para abordar perfis de muita gente importante na aldeia tabajara ou fora dela. Tudo o que se apresenta em 40 textos abordando personalidades do tempo ipojuquiano e tem a ver com seu filtro particular e sua tês intelectual conservadora a ilustrar seus homenageados pelo valor próprio de cada um frente à fama ou dimensão relativa conquistada no mundo”, escreveu ele.

Os Grandes do Nosso Mundo ainda tem notas do escritor José Alberto Gueiros e do jornalista Abelardo Jurema Filho.

Sobre os eventos presenciais, o escritor deverá lançar, em ses-

são de autógrafos, no final deste mês ou começo do próximo, na cidade de João Pessoa, mas ainda sem local e data definidos, já que a participação do autor dependerá de uma cirurgia a qual vai ser submetido. Porém, a obra está à disposição na Livraria **A União**, instalada nas dependências do Espaço Cultural José Lins do Rego, e na Livraria do Luiz, no Centro da capital e na unidade do MAG Shopping, no bairro de Manaíra. Em dezembro, haverá o lançamento no Rio de Janeiro, cidade onde Ipojuca está radicado.

Ipojuca Pontes também é autor de outros livros, entre os quais o premiado *Brasil Filmes S/A* e dos esgotados *Cinema Cativo*, *A Era Lula*, *Politicamente Corretíssimos* e *A Manha do Barão* (biografia do Barão de Itararé).

Ele é natural de João Pessoa, cidade na qual iniciou no jornalismo trabalhando em **A União**, *O Norte* e *Correio da Paraíba*, depois

se transferiu para o Rio de Janeiro, onde atuou em outros jornais. Na televisão, integrou o Conselho de Criação da TV Educativa e debatedor do programa *Sem Censura*. Foi secretário Nacional de Cultura durante o governo do presidente Fernando Collor de Mello, que assumiu em 1990.

Foi crítico de cinema e, como realizador audiovisual, escreveu roteiros e argumentos, além de produzir e dirigir 10 filmes, entre documentários e ficções, a exemplo de *A volta do filho pródigo* (1979) e *Pedro Mico* (1985), numa carreira reconhecida nacional e internacionalmente.

Na área teatral, foi produtor executivo de montagens de peças como *Um Edifício Chama-do 200*, além de dirigir, nos anos 1970, *Os Emigrados*, de Slawomir Mrozek, produção que levou os atores Sebastião Vasconcelos e Rubens Corrêa a receberem o Prêmio Molière.

“

Essa coletânea (...) se projeta como abordagem perspicaz e bem-humorada de fatos, pessoas e acontecimentos que marcaram a história contemporânea da nossa terra e do nosso mundo.

Ipojuca Pontes

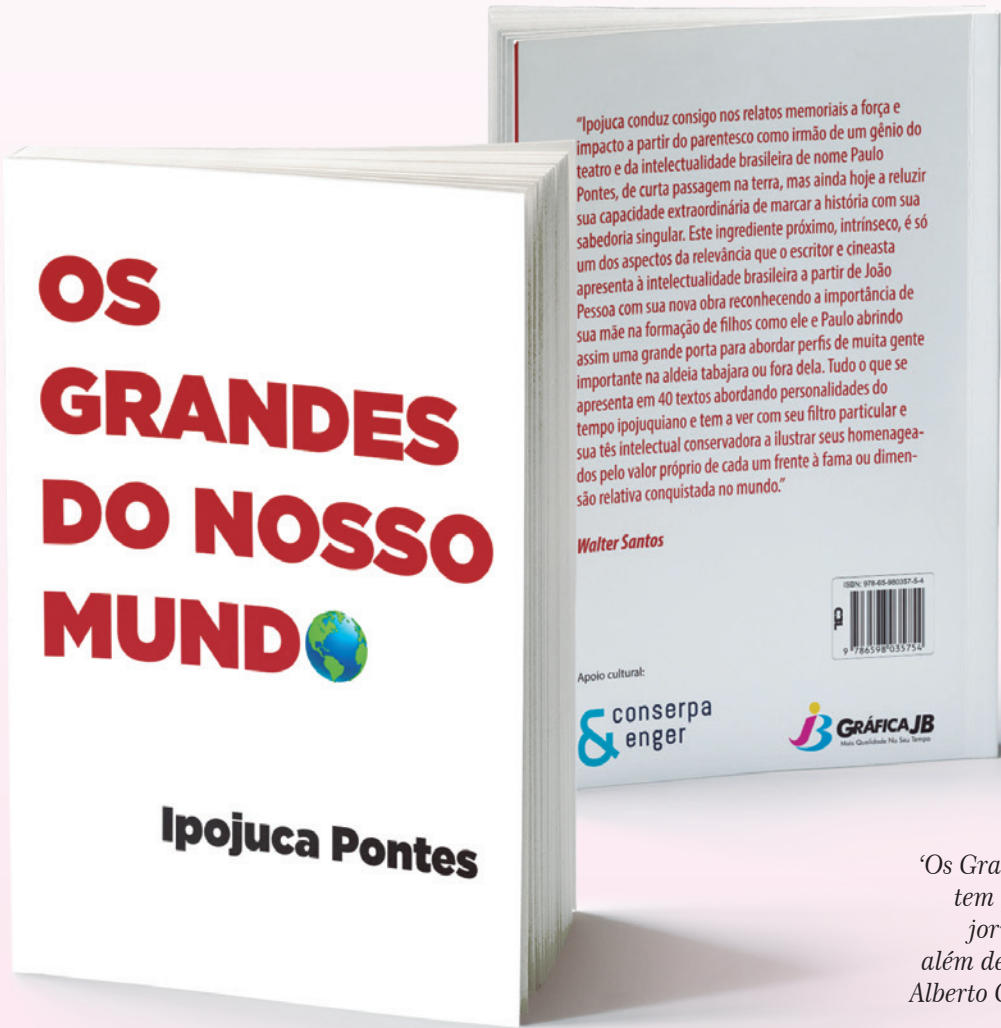


Imagem: Top Books Editora/Divulgação

‘Os Grandes do Nosso Mundo’ tem prefácio assinado pelo jornalista Walter Santos, além de notas do escritor José Alberto Gueiros e do jornalista Abelardo Jurema Filho

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Ciência e paradigmas

Os paradigmas, além de modelos teóricos para orientação da pesquisa científica, são responsáveis por fornecer uma imagem do mundo, fixando quais entidades são ontologicamente reais, válidas, que coisas existem. Para o filósofo Thomas Kuhn, o desenvolvimento da ciência é efeito de mudanças radicais entre paradigmas. Não haveria maneiras concretas de estabelecer que um paradigma seja mais científico que outro, entretanto alguns são mais eficientes quando pretendem responder problemas específicos em determinada época.

Esse pensamento é também uma defesa da importância de se analisar o desenvolvimento científico em sua integralidade histórica, em vez de nos ocuparmos unicamente em contabilizar as contribuições de perspectivas mais antigas a paradigmas mais novos. Com algumas exceções como a Matemática e a Astronomia que possuem estabilidade paradigmática “pré-histórica”, a presença de um paradigma hegemônico é geralmente produto de um longo processo que indica o grau de progresso científico. Há paralelamente a esse acontecimento a formação de uma comunidade, mais ou menos ho-

mogênea de cientistas, que compartilha dos mesmos princípios gerais e que trabalha no sentido de resolver problemas particulares expostos a partir da matriz teórica comum. Os cientistas, nessas condições, ficam desobrigados a empreender reavaliações constantes dos fundamentos de suas disciplinas, por adotarem padrões idênticos de pensamento que impedem conflitos epistemológicos, garantindo unidade e estabilidade. Os momentos de crise, contrariamente, são desenhados por incertezas e alterações. Nas ciências humanas, talvez, por serem menos antigas ou tratarem de objetos do mundo não físico, podemos facilmente encontrar paradigmas conflitantes. O grande desafio da ciência normal seria articular a visão geral formulada pelos paradigmas com as questões práticas e experimentais. Na medida em que existe uma comunidade de cientistas empenhados em tais funções, a atividade científica acaba se assemelhando a resolução de quebra-cabeças. As regras do jogo são previamente definidas pela perspectiva adotada. Na maioria das vezes, se uma experiência não obtém o êxito esperado, acaba-se considerando que há

falhas nas medições ou na forma de operar o sistema. É instrutivo perceber, por fim, como esse tipo de aparelhagem instrumental é dependente dos paradigmas e de que maneiras novas descobertas resultantes desses equipamentos podem afetar o universo teórico, seja para confirmá-lo ou gerar dúvidas inusitadas. A estabilidade, todavia, pode ser comprometida na medida em que aparecem sucessivos desacordos, provocando crises que levam a rupturas epistemológicas. Num mundo onde imperam essas divergências, a incerteza se torna comum.

Avanço

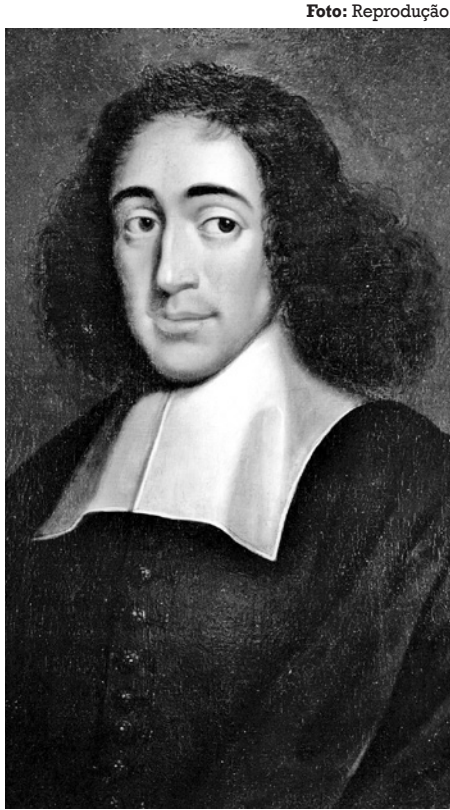
Para o filósofo Thomas Kuhn, o desenvolvimento da ciência é efeito de mudanças radicais entre paradigmas.

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Estética e Existência

Necessidade dos afetos

A filosofia do holandês Baruch Spinoza (1632-1677) ensina a pessoa a perder o medo de viver, estimulando-a a desenvolver a própria intuição, a fim de vivenciar a liberdade e a alegria. Isso conduz o ser humano ao amor, que está associada a uma causa exterior, seja no cotidiano, seja na convivência com os outros. Em seu livro *Ética* (1677), ele apresenta a beleza de existir. Nessa obra, a natureza humana é constituída de uma substância única e infinita e por outros dois modos finitos: corpo e mente. O corpo é um agrupamento complexo de partes que possuem a capacidade de operarem em conjunto ao se manterem unidas. A mente, enquanto ideia do corpo, une-se a ele formando expressões de uma única e mesma realidade. O corpo tem a capacidade de afetar e ser afetado por outros corpos, isso transmite a mente a ser capaz de produzir ideias sobre o que acontece no corpo. Com isso, o que é afeto no corpo é simultaneamente afeto na mente, isto é, o conhecimento intelectual é igual ao conhecimento afetivo. Em Spinoza, o conhecimento é o mais vigoroso dos afetos. No livro citado, no primeiro capítulo, sobre Deus, o filósofo holandês demonstra que existe apenas uma substância infinita que se manifesta em infinitos atributos, que, no seu conjunto, somente são perceptíveis ao homem a extensão e o pensamento. Estes dois se exprimem em modos, distintos em número infinito, enquanto prolongamento da infinidade dos atributos; e finitos, que são conectados nas coisas particulares. Os modos, materiais e ideais, são dominados por um determinismo e são compreendidos em perspectiva lógica, como resultado de uma dedução, em seu sentido etimológico, quer dizer, de uma inferência que guia desde um axioma – o da substância – até sua conclusão final na logicidade da sua existência e causalmente determinada dos entes particulares. O segundo capítulo descreve o paralelismo entre o corpo e a mente da natureza humana, que



Filósofo Baruch Spinoza (1632-1677)

dá origem ao conhecimento sensível e mostra como é possível concordar como verdadeiro e necessário. O terceiro capítulo, sobre os afetos, mostra como as emoções dependem de um impulso fundamental para a autopreservação, ao instinto de sobrevivência, a partir do qual, corresponde a um aumento da própria força que impulsiona a alegria e diminuí a tristeza. O quarto capítulo analisa o como as ideias inadequadas do ser humano determinam a sua passividade relativamente às causas externas das quais o conduz a ser um escravo, como a capacidade da razão para motivá-lo a combater as paixões más e a conviver pacificamente com os outros. O quinto capítulo demonstra que a mente humana, na medida em que atinge a concepção de ideias que não dependem do tempo, é eterna, que constitui uma parte da infinidade da inteligência divina. A mente humana encontra assim, nesta comunhão intelectual com Deus, neste mútuo amor, a sua própria felicidade. Espinoza apresenta o conhecimento intelectual ser igual ao conhecimento afetivo e não é possível alcançar a liberdade sem esse entendimento. O afeto da alegria

é capaz de extrair a ignorância das suas causas e seus efeitos, a fim de construir um pensamento racional. Diante disso, um dos objetivos da filosofia espinosista é mostrar como a razão pode se tornar um afeto. Isso não afirma que a razão precisa da emoção para se tornar efetiva e nem a emoção pode se conduzir com ajuda da razão, porque afeto e razão se torna uma única substância e a mente e o corpo não estão separados. Essa tese apresenta a racionalidade enquanto força para unir o desejo com a racionalidade. A vontade – geralmente – é um esforço para entender o que se deseja e desejar o que se compreende. Considerando isso, a razão pode reordenar os afetos, a fim de estabelecer uma harmonia entre eles. A Ética de Espinoza é a da alegria, na qual o conhecimento se torna afeto, de forma clara e verdadeira. Sua Ética nasce de uma intensa confiança na vida. A partir disso, existe a valorização ao uso prático do corpo e a harmonia entre razão e emoção. Através do pensamento se cria novas formas de sentir. Essa relação se inova na vida cotidiana por ser um conhecimento prático e em cada nova experiência pode se aperfeiçoar. E o objetivo desse desafio está na constante busca de criar novas ideias e de transformar conhecimentos em afetos, que é o estado mais puro da alegria. Dessa forma, aprende-se a beleza de viver em si mesmo.

Sinta-se convidado à audição do 437º Domingo Sinfônico, deste dia 24, das 22h às 00h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Comentarei algumas peças que priorizam o romantismo do regente e compositor russo Sergei Vasilievich Rachmaninoff (1873-1943). Ele demonstrava um grande domínio sobre a escrita de contraponto e fuga. Seu pensamento musical lutou contra o engessamento dos sentimentos e dos afetos impostos pelo formalismo russo. Superou fortes crises de depressão. O conjunto de sua obra apresenta temas sobre nostalgia e melancolia.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Nós lusíadas de Camões

Eu li tão pouco Camões, quase nada. Tenho me aproximado dele impetuosamente. Não costumo dizer que conheço a obra de um escritor, sem que isso tenha acontecido. Sempre li muito Drummond, Bandeira, João Cabral de Melo Neto, o poema sujo de Ferreira Gular, Rimbaud, T. S. Eliot e as flores do mal de Baudelaire, que gosto muito. O que me tem levado a gostar da obra de Camões vem da intimidade com a escritora Ângela Bezerra, uma mulher por quem me apaixonei aos anos 1980 ou bem antes, no útero, mas nunca disse a ela, deixei registrado no texto *Azul Turquesa*, que escrevi em 1992, que abre seu livro *Ao sabor do diálogo*. Ângela sabe de cor a maioria dos poemas de Luís de Camões. É lindo ela de pé recitando pra mim. “Você conhece Mudam-se os Tempos, Mudam-se as Vontades”. Corri para Google, mas ela chegou antes começou declamar, se adiantando, os poros acessos e os olhos turquesa que Deus deu, saúde, que Deus dá. Ali mesmo fiquei a olhar a majestosa cena. Dizer um poema, interpretá-lo é um prazer sem regras, é um prazer sem fim, é como o gozo que entra dentro da gente e chega até o Oriente e nos desorienta total, além de nos fortalecer desse mundo mal. Não é preciso ser ator ou milagreiro, ter bom timbre de voz, mas declamar sentindo cada palavra, como faço quando declamo Drummond, é um transe. Ângela me ensinou a amar Luís de Camões, como se ama uma árvore, um livro, um homem ou uma mulher, como na cena em que começamos a aprender a andar. “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades” é um desses poemas que fortalece pertencimentos, que só falta ser musicado, mas acho que às vezes a melodia estraga o poema, jamais como o fez Renato Russo, com a língua dos homens, dos anjos do Pessoa ou *Canção Amiga*, de Drummond, que Milton Nascimento musicou. “Mudam-se os tempos, os valores, as estradas, as casas, as pessoas mais ainda, as sociabilidades, mas não mudam os poemas, os poetas, os malabaristas, os filhos da puta, sequer o transido em julgado.” “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, Muda-se o ser, muda-se a confiança; todo o mundo é composto de mudança, tomando sempre novas qualidades” isso dele dizer qualidades, eu percebo na amizade que tenho com Ângela Bezerra, que já passa dos 40 sóis. “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, continuamente vemos novidades, diferentes em tudo da esperança; do mal ficam as mágoas na lembrança, e do bem, se algum houve, as saudades”. Tão simples é a compreensão do poema de Camões. “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, o tempo cobre o chão de verde manto, que já coberto foi de neve fria, E enfim converte em choro o doce canto”. Isso de dizer o tempo cobre o chão, é muito chão para bons entendedores. Tudo pode mudar menos o respeito de uns e outros, do nosso eterno respeitar, retribuir, agradecer. O mundo é um homem velho chamado Luís Vaz de Camões que está dormindo. Logo logo ele acorda ou ficará dormindo no acorda. Em que lugar estamos? Na casa de Camões, 1524, apontado como um dos maiores representantes da literatura mundial. Onde estávamos? Na casa de Ângela Bezerra. *Have a feeling*.

Kapetadas

1 - Tem algum período do ano que dá pra mudar de signo não aguento mais comer (virgem);
2 - Matusalém morre de inveja de Camões, sicranos PBS morrem de inveja de Ângela.



Poeta português Luís Vaz de Camões por François Gérard

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

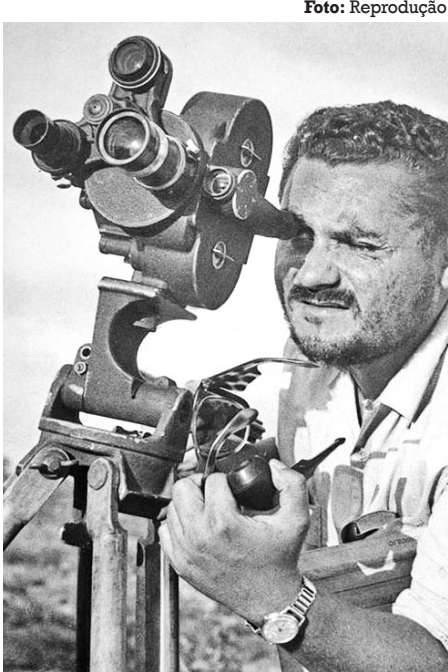
“Cinema verdade” inexistente em absoluto

Houve um tempo seriamente peculiar no cinema paraibano, criado por uma geração considerada “documentarista”. Esse período terá sido o mais ativo entre as décadas de 1960 e 1970, basicamente, da qual também fiz parte. Foi uma fase, como dissera o eloquente Glauber Rocha, de se portar “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”. Isso, sem nenhuma pretensão de ser indústria de cinema. Experiências que serviram para sedimentar, não apenas na Paraíba, as bases do Cinema Novo no Brasil.

Só que, cooptados por essa máxima glauberiana, alguns realizadores da época se autodenominaram (e ainda hoje são rotulados como tal) precursores de um “cinema verdade”. E que o cinema documental seria a “veracidade dos fatos” então flagrados por uma câmera.

Mesmo tendo iniciado como documentarista naqueles tempos, jamais concordei com essa acepção de “cinema verdade”. Sempre discordei de tal rótulo, e até escrevi várias vezes sobre, aqui mesmo nas domingueiras de A União, também em livros que publiquei, explicando os motivos da recusa.

Na realidade, a “verdade” absoluta de quaisquer ocorrências, que sejam registradas documentalmente pelo cinema (ou por simples audiovisual) – os espaços, pessoas e suas ações – não existe de fato. Isso porque, a verdade transcende aos limites de um simples enquadra-



Cineasta Linduarte Noronha (1930-2012) sempre filmou fragmentos da realidade

mento de câmera. O portador de “uma câmera na mão” (ou mesmo em um tripé) detém apenas espaço e tempo limitados de determinada ocorrência. Apreende, sim, parte apenas circunstanciada pelos limites visuais angulares de uma câmera. Técnica essa que limita a totalidade do que realmente está acontecendo naquele momento. Mais ainda, quando o produto dessa filmagem (ou gravação de imagens) vai demandar uma “decupagem”. Isto é, ao final, seleção e junção das imagens captadas para formar o que chamo de “nexo narrativo”.

Teses como essas defendi na Universidade de Brasília, quando do meu Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea. Textos que transcrevi em livro intitulado *Cinema e Televisão: Uma relação antropofágica*, editado pela Editora A União, em 2002, cuja edição está esgotada.

A questão aqui então colocada, se não me engano, me remete aos anos de 1990, quando de encontro que tive com os cineastas Carlos Diegues (Cacá) e José Carlos Avelar, durante um dos festivais de Brasília. Naquela ocasião, indaguei a ambos sobre questão do “cinema verdade”, a partir do que entendo como cinema, sendo “a arte da representação de uma realidade”; documental ou ficção. Os dois foram unânimes em concordar com a “representação”.

Para Avelar, inclusive, em se tratando de cinema, tudo não passa de uma grande ilusão. Mesmo sob uma “visão realista” dos fatos. E afirma: “O que me parece importante destacar é que o cinema tentou estabelecer desde o início, um tipo de sensação de impacto”. E dá exemplos como o da chegada do trem a Gare de Lion, na França, no filme dos Irmãos Lumière.

A questão, enfim, transcende à mera categoria em cinema; se é ficção ou documentário. Fato é que, essa história de “cinema verdade”, a rigor, inexistente. – Mais “Coisas de Cinema”, acesse nosso blog: www.alexssantos.com.br.



APC: patrono Linduarte é homenageado

Aruanda – Tributo a Linduarte Noronha foi realizado na terça-feira passada (dia 19), na Sala de Reuniões do CCTA da Universidade Federal da Paraíba, no Campus I de João Pessoa. Professores da UFPB e integrantes da Academia Paraibana de Cinema percorreram sobre a importância do cineasta paraibano e sua principal obra *Aruanda*. As atividades aconteceram durante o dia todo.

O cineasta Linduarte Noronha, autor de *Aruanda* e *Cajueiro Nordestino*, é patrono da cadeira nº 1 da APC, que tem como ocupante o professor Cláudio Brito, do Instituto Federal de Educação.

Em cartaz

ESTREIAS

ELIS & TOM – SÓ TINHA QUE SER COM VOCÊ (Brasil. Dir.: Roberto de Oliveira. Documentário. 12 anos). Filme mostra imagens inéditas da gravação dos bastidores do álbum *Elis & Tom*, ocorrido em fevereiro de 1974, em Los Angeles, EUA. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP: 14h30 - 17h - 19h30.

OS MERCENÁRIOS 4 (Expend4bles. EUA. Dir.: Scott Waugh. Ação. 18 anos). A equipe enfrenta um traficante de armas que comanda um enorme exército privado. Munidos com todas as armas inimagináveis, os mercenários são a última linha de defesa do mundo. CENTERPLEX MAG 3: 16h45 (leg.) - 21h30 (dub.); CENTERPLEX MAG 4 (dub.): 18h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (leg.): 18h45 - 20h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (dub.): 16h15 - 18h45 - 21h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 14h45 - 17h30 - 20h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - Macro-XE: 14h (dub.) - 16h30 (leg.) - 19h15 (dub.) - 21h45 (leg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 16h30 - 19h - 21h30; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 16h45 - 18h45 - 20h45; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 16h45 - 18h45 - 20h45.

NOSSO SONHO (Brasil. Dir.: Eduardo Albergaria. Biografia. 12 anos). A história da famosa dupla de cantores brasileiros Claudinho (Lucas Penteado) e Buchecha (Juan Paiva). CENTERPLEX MAG 2: 15h45 - 18h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 15h15 - 17h45 - 20h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 15h30 (exceto seg.) - 18h15 (exceto seg.) - 20h45 (exceto seg.); CINE SERCLA TAMBIA 1: 17h40 - 20h; CINE SERCLA PARTAGE 5: 15h20 - 17h40.

OS PELUDOS GUARDIÕES DO LAR (Finnick. Rússia. Dir.: Denis Chernov. Animação. Livre). Finns são criaturas que cuidam de uma casa e guardam o fogão. Finnick só prega peças e, portanto, nenhuma das famílias quer ficar em seu lar por muito tempo. Tudo muda quando uma nova família chega à casa de Finnick, cujos truques não funcionam. CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (dub.): 13h45 (sáb. e dom.); CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 15h; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 15h.

SOM DA LIBERDADE (Sound of Freedom. EUA e México. Dir.: Alejandro Gómez Monteverde. Drama. 14 anos). Um ex-agente federal (Jim Caviezel) embarca em uma perigosa missão para salvar uma menina dos cruéis traficantes de crianças. CENTERPLEX MAG 1: 15h (dub.) - 17h45 (dub.) - 20h30 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 5: 16h (dub.) - 19h (dub.) - 22h (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 15h - 18h - 21h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 15h - 18h - 21h; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 20h; CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub.): 15h30 - 18h

- 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 15h30 - 18h - 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 5 (leg.): 20h.

CONTINUAÇÃO

AFTER - PARA SEMPRE (After Everything. EUA. Dir.: Castille Landon. Romance. 14 anos). Hardin (Hero Fiennes Tiffin) tem um bloqueio criativo e não consegue escrever, já que tudo o faz lembrar de Tessa (Josephine Langford). Será que os dois terão um final feliz? CENTERPLEX MAG 4 (leg.): 16h415; CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 20h; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 14h20; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 14h20.

BESOURO AZUL (Blue Beetle. EUA. Dir.: Angel Manuel Soto. Aventura. 12 anos). Jovem mexicano Jaime Reyes (Xolo Maridueña), recém-formado, volta para casa cheio de aspirações para o futuro. Em meio a uma busca por seu propósito no mundo, ele acha uma antiga relíquia de biotecnologia alienígena, que o escolhe para ser seu hospedeiro simbiótico. O problema é que o item é de grande interesse de uma empresária (Susan Sarandon), que quer recuperá-lo. CENTERPLEX MAG 4 (dub.): 21h; CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 17h15 (exceto seg. a qua.) - 22h10; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 16h45 (exceto seg. e ter.); CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 18h; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 18h.

A FREIRA 2 (The Nun II. EUA. Dir.: Michael Chaves. Terror. 18 anos). Em 1956, na França, um padre é assassinado e parece que um mal está se espalhando. Determinada a deter o maligno, irmã Irene mais uma vez fica cara a cara com uma força demoníaca. CENTERPLEX MAG 3 (dub.): 19h; CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 14h20 (dub.) - 16h50 (dub.) - 19h20 (dub.) - 21h50 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (dub.): 16h20 - 18h50 - 21h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 19h30 (exceto seg. e ter.) - 20h (exceto seg. e ter.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 14h45 - 17h30 - 20h; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 16h05 - 18h10 - 20h15; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 16h05 - 18h10 - 20h15.

GRAN TURISMO: DE JOGADOR A CORREDOR (Gran Turismo: Based On a True Story. EUA e Japão. Dir.: Neill Blomkamp. Aventura. 12 anos). Um jovem (Archie Madekwe) vence uma série de competições de videogame e ganha a oportunidade de se tornar um piloto profissional. CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 14h15.

A NOITE DAS BRUXAS (A Haunting in Venice. EUA, Reino Unido e Itália. Dir.: Kenneth Branagh. Polici. 14 anos). Em Veneza, o detetive Hercule Poirot (Branagh) investiga um assassinato ocorrido em uma festa

enquanto participa de uma sessão espírita de Halloween em um palazzo assombrado. CENTERPLEX MAG 2 (leg.): 20h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 17h15 (seg. a qua.); CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 21h; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 21h.

AS TARTARUGAS NINJA: CAOS MUTANTE (Teenage Mutant Ninja Turtles: Mutant Mayhem. EUA. Dir.: Jeff Rowe. Animação. 10 anos). Os irmãos Tartarugas enfrentam um misterioso crime. CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 13h30 (sáb. e dom.) - 15h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 14h30 (exceto seg. e ter.); CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 16h; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 16h.

CINE BANGUÊ (JP) - SETEMBRO

O ALECRIM E O SONHO (Brasil. Dir.: Valerio Fonseca. Drama. 12 anos). Professor aposentado (Fernando Teixeira) que mora em Natal (RN) vive entre sonhos lucidos e realidade cruel. CINE BANGUÊ: 26/9 - 20h30.

O CRIME É MEU (Mon Crime. França. Dir.: François Ozon. Comédia. 14 anos). Paris, 1930. Uma atriz jovem, pobre e sem talento, é acusada de assassinar um famoso produtor. CINE BANGUÊ: 24/9 - 18h; 26/9 - 18h30.

DIGA O QUE QUISEI! EU VOU ESTAR FELIZ À BEÇA (Brasil. Dir.: Renato Candido. Documentário. 14 anos). Vida e morte do poeta preto periférico Daniel Marques. CINE BANGUÊ: 28/9 - 20h30.

ALHA DOS ILUS (Brasil. Dir.: Paulo G. C. Miranda. Animação. Livre). Pocó está pronto para nascer e viver o melhor dia da sua vida de cachorro. CINE BANGUÊ: 24/9 - 16h; 30/9 - 15h.

MÁQUINA DO DESEJO (Brasil. Dir.: Joaquim Castro e Lucas Weglinski. Documentário. 16 anos). Um mergulho no acervo audiovisual da Associação Teatro Oficina Uzyňa Uzona (SP). CINE BANGUÊ: 27/9 - 18h30.

OLDBOY (Coreia do Sul. Dir.: Park Chan-wook. Drama. 18 anos). Mantido em cativeiro por 15 anos e uma razão desconhecida, homem (Choi Min-sik) parte para a vingança. Filme de 2003 remasterizado. CINE BANGUÊ: 23/9 - 17h; 25/9 - 18h30; 27/9 - 20h30; 28/9 - 18h30; 30/9 - 19h.

RETRATOS FANTASMAS (Brasil. Dir.: Kleber Mendonça Filho. Documentário. 12 anos). Centro do Recife é revisitado através dos grandes cinemas que serviram como espaços de convívio durante o século 20. CINE BANGUÊ: 25/9 - 20h30; 30/9 - 17h.

Letra Lúdica

Hildeberto
Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

O soneto perdura

Por mais que o modernismo de 1922, especialmente em sua 1ª fase, por excelência iconoclástica e transgressora, tentasse fazer tábua rasa do passado, desmerecendo o valor da forma fixa e do verso metrificado, em prol do verso livre e branco, assim como das experimentações formais inovadoras, algo da tradição permaneceu e permanece. Muitos poetas, passando ao largo das novidades e cultivando, sempre, o metro, a rima, a sextilha, a décima e, principalmente, o soneto, continuaram explorando os modelos canonizados. Uns, submissos aos critérios temáticos e estilísticos de velhas escolas; outros, por sua vez, tentando renovar, por dentro, os paradigmas estabelecidos. Digo isto, porque alguns luminares do modernismo, em certas circunstâncias, não foram indiferentes ao desafio da forma fixa, praticando-a com brilho, inventividade e rigor. Bandeira, Drummond, Vinícius, Quintana, Jorge de Lima e Ledo Ivo, por exemplo, são mestres do soneto. Trago o assunto à reflexão para me ater a certa tendência, por sinal muito fértil e muito diversificada, do microsistema literário da PB, sobretudo dos anos 1920 aos dias atuais, considerando a configuração do soneto, forma clássica e permanente que parece seduzir a veia inspiradora dos poetas. Augusto dos Anjos, Silvino Olavo, Américo Falcão, Carlos Dias Fernandes, Pereira da Silva, Osório Paes, Raul Machado, Mauro Luna, decerto representam a linha de frente dos nossos sonetistas, ao mesmo tempo em que se constituem elementos fundantes de uma das mais sólidas vertentes estéticas e literárias da tradição. Cada um, a seu modo de se comportar diante dos apelos expressivos e mesclando aspectos românticos, simbolistas, parnasianos, impressionistas, abriram caminhos para o discurso poético na PB.

Em tempos mais recentes, outras vozes vão aparecer, redimensionando o soneto dentro do quadro histórico, muito embora atentas aos dispositivos métricos e melódicos que o velho parâmetro formal experimenta e exige. Ronaldo Cunha Lima, Raimundo Asfora, Orlando Tejo, Félix Araújo, Bezerra de Carvalho, Osíres de Belli, Anésio Leão, Jansen Filho, Radriel Cavalcanti, Eudésia Vieira, Aldina de Almeida, entre outros(as), respondem por esse filão. Se não renovam os predicados intrínsecos do soneto, garantem, no entanto, a qualidade de seu ritmo e a força sintética de sua expressão. Ariano Suassuna, Jomar Moraes Souto, Otavio Sitônio Pinto e Vanildo Brito também cultivaram o soneto com mestria e intimidade. Ariano, direcionando sua retórica poética pelas balizas do movimento armorial, com uma dicção de estilo elevado, cifrado, cheio de símbolos e mitos; Jomar, na linhagem do lirismo telúrico e sentimental, eivado de tonalidades sutis e sugestivos efeitos cromáticos; Otavio, com sua tecla erudita, medieva, cervantina, cravada em cadência compassada e crítica; Vanildo, reunindo ao mito a energia telúrica, ao mesmo tempo em que faz de seu lirismo uma intensa meditação filosófica. Atualmente, tanto na seara dos livros impressos quanto na velocidade do mundo virtual, Deparo-me com alguns sonetistas a demonstrarem sua fidelidade à forma memorável: Astier Basílio, Gilmar Leite, Astênio César Fernandes, Guilherme Sairinho, Fernando Cunha Lima, Igor Gregório, Melchior Sezefredo, Raniéry Abrantes e Chico Viana.

Astier, com *Os funerais da fala* (1999), ganhou o prêmio Novos Autores Paraibanos, da UFPB, exercitando um soneto de vigor imagético, calcado no intercâmbio entre a literatura erudita e a literatura oral e popular. Gilmar vem do Vale do Pajéu e sabe manejar a técnica como poucos, sobretudo, nos sonetos em que dialoga com Augusto dos Anjos e naqueles que evocam o sabor e o aroma da terra natal. Astênio, com seu *Avirati* (2022), investe na lírica amorosa e sensual, compactando uma unidade de ritmo e de tema dentro das variações possíveis do soneto inglês e petrarquiano. Gregório, no seu livro de estreia, *Alma-de-gato no voo da alvorada* (2023), a par dos torneios face a outras formas, como a quadra, a décima, a sextilha, ensaia o soneto de inclinação armorial, à Ariano, seu mestre, trilhando, como ele, aquela profusão de símbolos e de mitos particulares, sertanejos e medievais. A dicção lírica, entre o descritivo e o confessional, estribada no esteio acústico da rima e da métrica, respondem pela tática apurada de Fernando e de Guilherme. Melchior, Raniéry e Chico vêm dando a lume seus sonetos pela plataforma do Facebook. Chico parece dosar sua veia irônica e seu lastro filosófico numa poética bem elaborada do ponto de vista formal e agudamente atenta a motivos existenciais e cotidianos. Raniéry parece cultivar o lirismo mais calcado no poder dos sentimentos, expressando, através de seus versos, aquelas tópicas essenciais e permanentes do cancionário tradicional. Melchior vai na mesma linha e procura fazer de seus sonetos um mecanismo musical por onde as emoções se cristalizam, a princípio, no plano mais imediato da palpabilidade humana, para se converter, afinal, e em certos momentos, em emoção estética.

É preciso compreender a inclinação literária desses autores. Fazem uma poesia radicada nos modelos canônicos, comprometidos principalmente com a oralidade, com a declamação, com a performance da palavra dentro das grades formais, avessos, portanto, ao culto da inventividade e do construtivismo que bem demarca certos itinerários da poesia moderna e pós-moderna.

Colunista colaborador

RESGATE

Livros trazem ensaios de José Paulo Paes

Projeto da Cepe e Ateliê Editorial reúne em dois volumes a crítica literária do escritor, poeta e tradutor paulista

Da Redação

A Cepe Editora, em parceria com a Ateliê Editorial, está lançando *José Paulo Paes: Crítica Reunida sobre Literatura Brasileira & Inéditos em Livros*, iniciativa em dois volumes com ensaios dedicados a poetas e ficcionistas dos séculos 16 ao 20, na visão de José Paulo Paes (1926-1998).

Autor de dezenas de livros e vencedor de prêmios (entre eles o Jabuti de 1991 na categoria Infantil com *Poemas para brincar*, e o Jabuti de 1997, como Infantil e Livro do Ano Ficção, com *Um passarinho me contou*), o paulista é um intelectual respeitado desde os anos 1980. “Sua obra publicada é muito extensa e envolve poesia, tradução, crítica literária e até a edição, pois durante muitos anos foi responsável pelos lançamentos da editora Cultrix”, explica Fernando Paixão, que organiza os volumes ao lado de Ieda Lebensztayn.

Nos textos selecionados, o autor se debruça sobre Castro Alves, Gregório de Matos, Machado de Assis, Monteiro Lobato, Augusto dos Anjos, Oswald de Andrade, Osman Lins, Graciliano Ramos, Eri-co Veríssimo, Jorge Amado, Jacinta Passos, Lygia Fagundes Telles e Cecília Meirelles, entre outros. “Os ensaios são importantes para a literatura brasileira, para o pú-

Os 150 ensaios que compõem os dois volumes (552 páginas e 544 páginas, respectivamente) estão organizados pela ordem em que fo-

ram escritos e publicados por José Paulo Paes, crítico autodidata. “Reúnem apenas os textos dedicados à literatura nacional e que foram por ele incluídos em livros diversos. Ou seja, aqui se encontra o melhor que o autor produziu no campo da crítica sobre nossos autores”, destaca Fernando Paixão, que é professor da Universidade de São Paulo (USP).

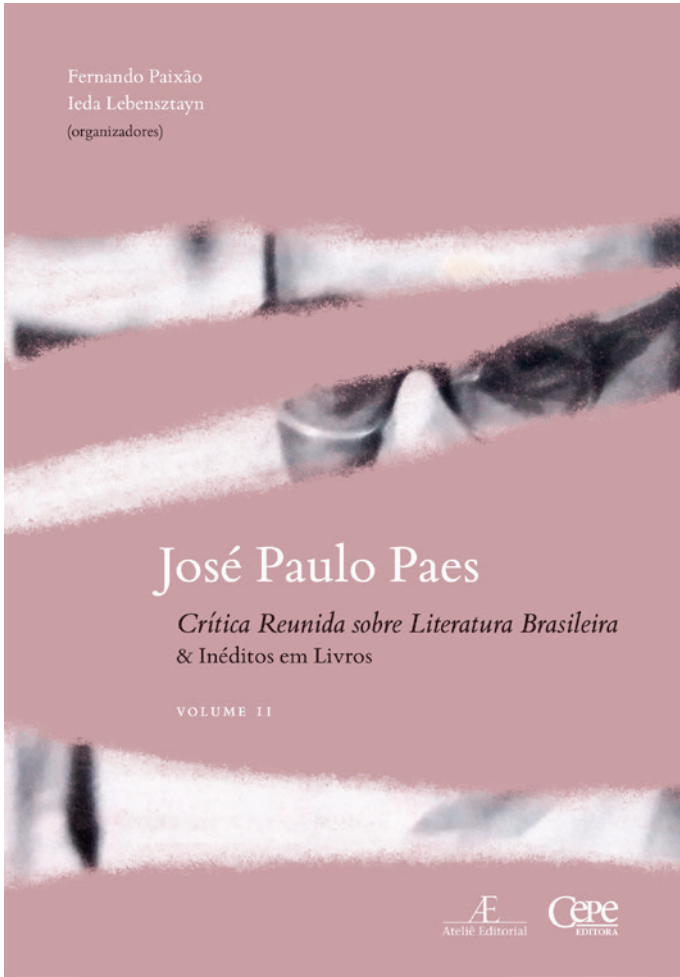
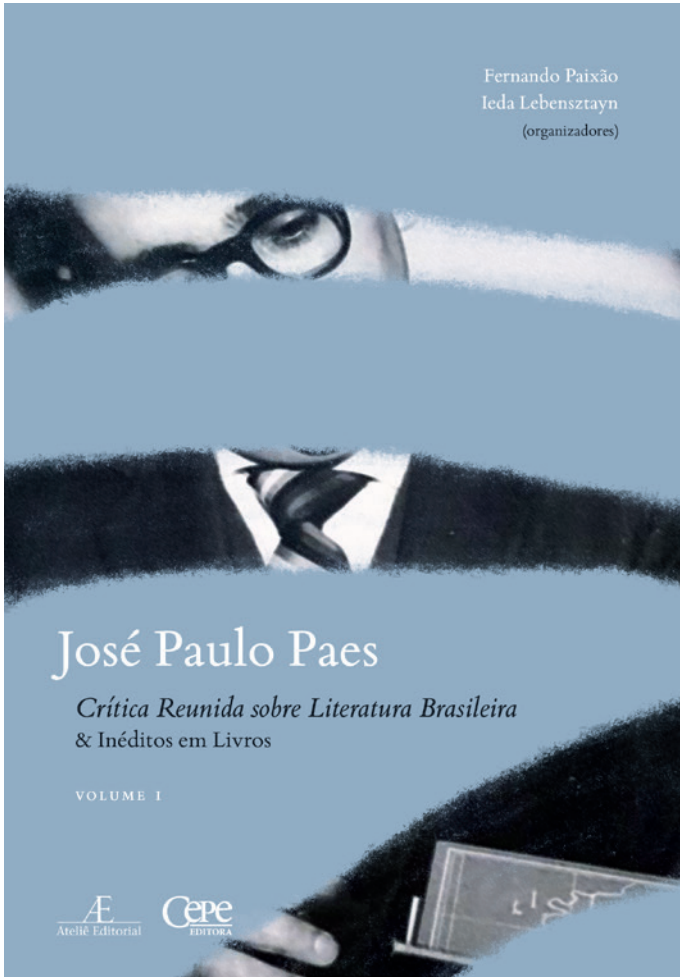
No projeto, há também artigos até então inéditos em livros, localizados em jornais e revistas do acervo da Biblioteca Nacional e no acervo pessoal do poeta, ensaísta e crítico literário de Taquaritinga (SP). E mais uma seção com importantes ensaios da primeira fase do autor. José Paulo Paes escrevia para os cadernos de cultura dos principais jornais do Brasil.

Entre os artigos inéditos em livro, a crítica literária e ensaísta Ieda Lebensztayn chama a atenção para a série Carlos Drummond de Andrade e o *Humour I, II e III*, de 1948. O material, nas palavras da organizadora, “sobressai pela agudeza e expressão precisa do jovem crítico que, aos 21 anos, apreende e analisa a dialética entre inteligência e sensibili-

idade que marca o 'poeta intelectual' Drummond." A série integra o segundo volume da obra lançada pela Cepe com a Ateliê Editorial.

“Os ensaios dedicados a Graciliano Ramos, Oswald de Andrade e Jorge Amado deixam ver como a atenção e o gosto de Paes se voltavam para compreender a um tempo as obras artísticas e as pessoas de seus criadores, o que lhe permitiu, por exemplo, partilhar com Jorge Amado não só a consciência de que a história carrega a perda de ilusões, como também ‘generosas esperanças’ e o ‘gosto de viver em plenitude’”, observava Ieda Lebensztayn.

“A intenção de fazer essa coletânea já vem de muito tempo, pois fui amigo de José Paulo Paes e tive a oportunidade de publicar alguns trabalhos dele na editora Ática”, diz Fernando Paixão. “Seus livros de ensaios quase sempre reuniam os textos escritos pelo autor em certo período. E, como ele gostava de assuntos diversos, os sumários traziam assuntos diversos, temas ‘gregos e baianos’, como ele designou em uma dessas coletâneas”, frisou, apontando que Ieda Lebzstajn fez toda uma pesquisa no acervo do autor para selecionar textos importantes do passado crítico do poeta, quando se juntou ao projeto de resgate.



Imagens: Cepe/Divulgação

Com mais de 500 páginas cada edição, as obras juntam 150 textos dedicados a poetas e ficcionistas dos séculos 16 ao 20

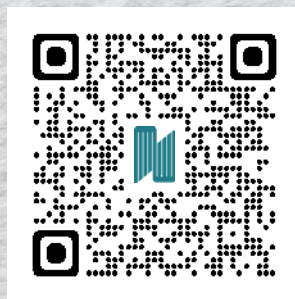


Livraria
A UNIÃO
Casa da literatura paraibana

A casa da literatura paraibana está também online!

Entre na Livraria A União e receba os melhores textos da Paraíba a um clique!

Acesse:



www.livrariaauniao.pb.gov.br/epc_livraria/loja/

marketing epc





EMPRESA
PARAIBANA DE
COMUNICAÇÃO



GOVERNO
DA PARAÍBA



Prefeitos de todas as matizes partidárias se reuniram em João Pessoa, na Assembleia Legislativa, para protestar contra queda nos repasses do FPM, que está inviabilizando as gestões

ARRECADAÇÃO

Prefeituras voltam a perder verbas

Queda registrada ao final do último mês ficou em 24,43%, segundo informações divulgadas pela Famup

Juliana Teixeira
julianaaraujoteixeira@gmail.com

As reduções dos repasses no Fundo de Participação dos Municípios (FPM) se repetiram no mês de setembro. Desta vez, a queda registrada ao final do último mês ficou em 24,43%, segundo informou a Federação das Associações de Municípios da Paraíba (Famup). A situação tem gerado um grande impacto nas finanças municipais, comprometendo o pagamento da folha de pessoal, a manutenção de serviços essenciais e até o repasse do duodécimo para as Câmaras Municipais. A Famup mais uma vez manifestou por meio de nota, a preocupação com a situação enfrentada por gestores paraibanos. O presiden-

te da Famup, George Coelho, faz um alerta para a situação dos municípios que já precisam se preparar para o pagamento dos 13º salário dos servidores. “Os gestores municipais terão que ter cautela para conseguir pagar o 13º, sem que aconteça demissão de funcionários”, diz.

Em nota, emitida na última sexta-feira (22), a Famup manifestou profunda preocupação com a continuidade de queda nos repasses do Fundo de Participação dos Municípios (FPM) no mês de setembro, repetindo o que aconteceu nos meses de julho e agosto.

“A situação compromete a capacidade das prefeituras de honrar compromissos e pagar pessoal. Apesar do diálogo com o Governo Federal



Políticos entregaram carta ao ministro da Casa Civil

e Congresso, nenhum repasse para compensar as perdas foi efetuado”, diz a nota.

Neste contexto, a nota informa que os municípios da Paraíba encontram-se em uma situação financeira extremamente delicada, o que pode

resultar na suspensão de serviços essenciais à população e na necessidade de demissões em larga escala, sem mencionar a dificuldade das cidades para repassar os valores para as Câmaras Municipais.

“A Famup reforça a urgên-

cia e a necessidade de uma ação imediata para socorrer os municípios em crise financeira, atualizar programas federais defasados e promover um novo pacto federativo. Continuaremos mobilizando esforços em busca de soluções. Junto com a CNM e associações de outros estados, organizamos uma mobilização de prefeitos em Brasília nos dias 3 e 4 de outubro em busca de respostas efetivas”, finaliza a nota.

Na semana passada, projeto de lei complementar que prevê transferências ao Fundo de Participação dos Municípios (FPM) e ao Fundo de Participação dos Estados (FPE) para recuperar perdas de 2023 em relação a 2022. Durante a tramitação da matéria, o governo chegou a um

acordo com associações de municípios e aceitou antecipar os repasses inicialmente previstos para 2024.

O montante, excluído do limite de gastos estabelecido para 2023, envolve R\$10 bilhões e na prática poderá aliviar um pouco as contas para o Orçamento de 2024.

Do total antecipado serão descontados os valores já pagos por meio de liminar e as parcelas de dívida a vencer. Deles, 25% ficarão com os municípios, conforme determina a Constituição Federal.

Gestores também buscam um socorro do Governo Federal. O pedido foi feito por meio de uma Carta Aberta elaborada com apoio de prefeitos e prefeitas, ao ministro da Casa Civil do Governo Federal, Rui Costa.

Carta alerta para a crise que afeta municípios do Estado

O documento, elaborado de sessão especial realizada no Poder Legislativo em 23 de agosto, alerta sobre a situação dos municípios paraibanos que têm sido penalizados com a redução significativa dos repasses do Fundo de Participação dos Municípios (FPM), principal fonte de custeio de 61% das cidades.

Foi cobrada a liberação, em caráter de urgência, das emendas parlamentares e a aprovação do Projeto de Lei Complementar no 94/2023 que trata da compensação das perdas com a arrecadação do ICMS em decorrência da Lei Complementar 194/2022.

Consta ainda no documento a necessidade de aprovação da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) no 25/2022, que prevê a ampliação em 1,5% dos repasses do FPM no primeiro decênio do mês de março de cada ano. Também é cobrada a as-

sistência financeira complementar da União aos demais entes federativos para a observância do piso salarial nacional para os enfermeiros, técnicos de enfermagem, auxiliares de enfermagem e parteiras, estabelecido pela Lei 14.434/2022.

As entidades e prefeitos também contam a recomposição e atualização dos valores repassados para as UBS, revisão dos valores da merenda escolar (Governo Federal destina R\$ 0,50 por dia para cada aluno) e transporte, bem como o ressarcimento dos municípios de, no mínimo, 20% das perdas na realização dos programas federais. A dificuldade financeira dos municípios vem motivando uma série de ações. No dia 30 de agosto municípios de 16 estados realizaram mobilização cobrando do Governo Federal solução para o problema. O movimento foi encabeçado pela Pa-



Wilson Santiago: emendas estão repesadas

raíba, através da Famup.

De acordo com o deputado federal Wilson Santiago (Republicanos) existem atualmente cerca de R\$ 13 bilhões em emendas parla-

mentares repesadas, sendo que a maior parte restante do governo passado, de Jair Bolsonaro.

“Aqueles projetos completos dentro das exigências

dos órgão de controle serão liberados até o fim deste mês e os demais teremos até o final do ano, para terminar o restante dos orçamentos anteriores. Do governo passado restou a pagar R\$13 bilhões. Orçamento do governo anterior que não pagou as emendas impositivas. O governo atual decidiu cumprir esse compromisso, não cumpriu anteriormente porque houve um furo no teto fiscal, o que fez com que o governo deixasse para um momento posterior, mas até o final do ano serão zeradas as emendas impositivas destinadas à Paraíba”

Mas segundo o presidente da Famup, George Coelho, o acordo era para que até agosto houvesse a liberação total dos recursos.

Questionado sobre a posição do Governo Federal, Coelho aponta para a falta de atenção dos municípios.

“O governo está tendo um atraso desnecessário

e deveria ter regularizado isso. São emendas especiais, já empenhadas, não vejo motivo para essa lentidão”, completa.

De acordo com George Coelho, 61% dos municípios sobrevivem primordialmente do FPM e do ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços), afirmando que as quedas de arrecadação se acumulam desde julho.

Ele explica que mesmo que o congresso consiga a aprovação do PL 133 para garantir a reposição dos meses julho, agosto e setembro, esse crédito só será enviado aos municípios em outubro. Um alento para os municípios seria a liberação das emendas impositivas federais, que estão em defasagem.

Os gestores aguardam o último decênio de setembro, no dia 30, para que aconteça o fechamento do mês e o apontamento das perdas.

Lúcio Flávio

Uma carreira ligada ao avanço tecnológico, da digitação à editoria do DO

No dia a dia, uma responsabilidade que vai além da coordenação ao exigir o cuidado com detalhes para que tudo saia perfeito na publicação de atos, editais, leis e outros documentos legais, sejam eles privados ou públicos

Luiz Carlos Sousa
lucsjpp@gmail.com

O leitor imagina a responsabilidade do editor do Diário Oficial? Tem ideia de como os atos do governo, um edital, uma publicação oficial qualquer seja da iniciativa privada ou pública, são editados e publicados? Hoje, o Memórias A União conversa com Lúcio Flávio Falcão de Freitas editor do Diário Oficial. É sempre dele a última palavra na hora de publicar. É quem enxerga erros na hora da impressão ou quem suspende os trabalhos diante de qualquer dificuldade, seja legal, operacional ou para uma revisão. Lúcio começou no jornal em 1976. Foi digitador e acompanhou todo o processo de modernização. Substituiu à frente do Diário Oficial, Walter de Souza, um personagem lendário que editou o suplemento por décadas. E esse casamento com o DO surgiu após a necessidade de modernização para colocar a edição no portal do Governo do Estado, com a digitalização de todo o processo, o que tornou tudo mais eficiente. Da recepção do material à publicação.

Entrevista

■ Lúcio, como começou a sua história aqui n'A União?

Entreí em 1976. Para fazer a digitação do jornal. Aquelas que chamavam de perfuradora. Aí a gente chamava de computador, que não era um computador, era leitora, colocava aquela fita na leitora e saía em papel fotográfico. Aquele trabalho de jornal de antigamente.

É porque a gente hoje está tudo no computador. A gente nem se lembra, mas realmente era uma diagramação em cartolina, a paginadora montava aquilo, bem direitinho. Aí depois tirava uma foto?

Exatamente. É chamado de foto linha para poder tirar as imperfeições com a tinta vermelha e colocar as fotografias para fazer a montagem.

■ Quer dizer que você começou nesse período, na consolidação mesmo de quando chegou a impressora offset?

Cheguei com a mudança. Depois quando eu saí do jornal eu fui convocado para o Departamento de Arte.

■ Mas você chegou como n'A União e com quem?

Eu vim convidado por Lourival. Eu era digitador, já tinha o curso de datilografia e fui fazer a digitação. Depois fui convocado para o Departamento de Arte, na gráfica, que era para digitar os livros, tinha muita coisa, muito trabalho. Pegava aquele texto lá e me entregava e eu digitava. Naquela época tinha muitos livros. Inclusive os livros hoje você praticamente recebe sem fazer a digitação, ele já está pronto no Word. Antigamente a gente recebia no papel ou digitado na máquina IBM ou a mão. Para digitar aquilo ali, para depois ir para revisão, para fazer emenda, para entregar ao desenhista, para fazer as páginas do livro, eu acredito que 85% ou mais desses livros publicados na Editora A União fui eu que digitei.

■ Quem eram os colegas ali daquela época?

Tonio, Naldo que trabalha hoje aqui, Milton Nóbrega. Batista que está aposentado e outros que eu não me lembro agora. Mas digitador era só eu, não tinha outro não.

■ E como foi essa migração se dá, por exemplo, da antiga máquina de fotografia, como diziam antigamente, para essa

nova tecnologia? Você não podia errar, né?

Não, onde errava a gente com certo tempo aprendia a ler aquilo. Voltava e apagava aquilo ali e continuava. Eu aprendi a ler aquilo e sabia o que aquelas perfurações significavam graficamente. Trabalhava com Eduardo Félix, Lenine, Paulo, Rogério, Manoel. Como o processo era caro, e tinha que revelar, colocar num balde para revelar depois tinha que fixar no caso do Departamento de Arte e na escrita do jornal também, né?

■ Lembra que, por exemplo, havia várias larguras de papel, porque dependia do tamanho do texto. Eles tinham aqueles textos em uma coluna em duas...

Eu não tenho a certeza agora do maior que tinha mas que era o papel grande, médio e o pequeno. Cada caixinha de papel daquela era caríssima. Veio aí a IBM que só suportava oito mil toques, você estava digitando um livro dava oito mil toques e aí você tinha que imprimir, despejar, sem gravar. Estava ali naquele momento. Você não se recuperava. Mas vieram outras também, mas nesse sentido o que você batesses perdia. Foi então que veio a criação do computador e começaram a colocá-lo para edição.

■ Você ainda estava na gráfica quando chegou o computador?

Estava.

■ Foi uma maravilha? Um salto?

Sim. Você batia e estava gravado, estava salvo.

■ O que você fazia na secretaria?

Alguma coisa que Juca quisesse. Aí digitava, até na máquina comum mesmo. Cheguei a colocar um escritório de artes gráficas para mim.

■ Mas você trabalhou com Milton Nóbrega também, né?

Trabalhei, desde o começo, fui lá para o Departamento de Arte e fui trabalhar com Milton Nóbrega, ele era o gerente da gráfica. Walter Borges do administrativo foi diretor.

■ E você na gráfica, além dessa área de digitação, chegou a desenvolver algum outro trabalho?

Não, só digitação. Eu chegava a trabalhar até 22h da noite, 23h. Muita coisa para fazer. Eu chegava aqui, Milton distribuía todo o trabalho para isso, para os desenhistas. Esses desenhistas iam traçar esse trabalho e me entregavam um texto e eu ia digitando. Entregava, no caso, livros, aí eu já recebia e depois fazia esse trabalho entrar no livro. No final de mês tinham as revistas da secretaria, Cagepa e eu ia fazendo aquilo tudo. Dividia, quando tinha muito trabalho, que era final de mês, os livros eu deixava pra noite. Eu cheguei a bater aqui um livro em Esperanto, na IBM, que trocava de esfera. Só faltava chorar. No Esperanto há palavras que tem três acentos. Você tinha que parar. A máquina quebrava, lá ia para Recife.

■ Eu me lembro que a gente, jornalista, digitava, com todos os dedos na máquina, mas ficou impressionado com a velocidade que vocês tinham...

Eu aprendi quase tudo aqui na A União. Nos anos 90 saí e fui trabalhar na revista A Carta, mas sempre na digitação. Levei muita gente daqui para trabalhar na revista. Gostei muito de trabalhar na revista, é quem pagou melhor.

■ Nunca teve nenhum problema, por exemplo, de vista?

Não. Fui usar óculos depois dos 40 anos.

■ Como é que você chegou ao Diário Oficial?

Eu estava fora de A União e recebi o convite através de Juca Pontes, junto com Milton Nóbrega. Os dois coordenaram o novo Diário Oficial, num formato diferente. O governo Cássio Cunha Lima queria fazer uma mudança no Diário Oficial para poder incorporar o Diário ao Portal do Governo. Então sofreu uma mudança total.



Lúcio passou por vários setores de A União, inclusive pelo Departamento de Artes, na gráfica



Lúcio Flávio conta que chegou para A União no período de mudança da composição no linotipo para o avanço com o offset

■ Por que eu me lembro que ele fazia a edição todo no estilete...

E durex. Exatamente naquele espelho enorme e depois ia para o fotolito e reduzia para o tamanho certo. O projeto novo era um Diário mais fino e maior, muito bonito por sinal. Quando o Ramalho Leite chegou aqui estava pensando em o Diário Oficial sair intercalado com o jornal, o que é impossível. Ele tentou mas não conseguiu.

■ Por quê? É tecnicamente impossível?

Não, houve a mudança de um garbarito maior para menor para poder ser intercalado no jornal. Só que o horário. O horário não casa. O jornal termina agora e o Diário Oficial termina depois de duas, três horas dependendo da necessidade do governo, aí nunca bate. O pensamento de Ramalho era sair intercalado para o interior. E o interior tinha que pegar no máximo carro de três horas, porque tem aquele problema de logística. Aí nunca deu certo e nem vai dar. Ainda hoje o jornal sai primeiro que o Diário. Difícilmente o Diário sai antes.

■ Você chegou para o Diário logo após a aposentadoria de Walter de Souza, que era o nome histórico no Diário Oficial?

Não. Walter saiu muito depois, por conta de problema de saúde da esposa. No governo de Cássio Cunha Lima tinha hora de chegar aqui, houve mudanças no Diário e recebia por e-mail e depois começamos a receber através de disquete, chegava aqui de meia-noite para gente pegar um disquete. Nós saíamos daqui três horas da manhã. Quando era nove da manhã diziam: "Lúcio, vai na secretaria ensinar o pessoal como tem que ser feito". Eu saí daqui de 3h e 9h estava na secretaria para ensinar o pessoal o formato, tudo direitinho. Mas foi quando o governador Cássio Cunha Lima chegou e disse: "Eu quero Diário Oficial no portal. Estou esperando". Porque era muito mais fácil você pegar um papel que o secretário assinou e entregar para o Diário Oficial só o papel. Aí naquele momento não tinha que ter o papel. O original teria que ter gravado de mandar para o Diário.

■ Hoje, Lúcio é muito fácil a gente receber uma notícia dessa de que não vem mais nada e a gente fechar porque é tudo digital. Eu imagino antes, quando você tinha que fazer aquela paginação?

Exatamente é isso. Hoje a gente depende muito do Diário Oficial e do Governo do Estado. Apesar de que as prefeituras são muito importantes para a empresa.

■ Qual é o principal cuidado que o editor do Diário Oficial tem que ter?

Eu abro todos os dias entre 6h30 e 7 h. Abro na minha casa. Aquela primeira parte ali, a capa, a numeração, troca a data. Aí se tem mais alguma coisa, se tiver material e eu já coloco, já vou jogando lá.

■ Mas, uma coisa que eu ainda não entendi. Você chegou depois de Walter de Souza?

Muito depois. Eu aprendi com o Walter Souza muita coisa.

Exatamente, como chegou o curso da EPC, cheguei aqui às 9 horas.

■ E o da Polícia Militar também. Lembra que foi uma edição imensa...

Ali eu tive que pegar já logo cedo. Teve também uns atos de Ricardo Coutinho que ele foi anunciar lá no Espaço Cultural. Foram muitos, sete mil atos. Não teve condições de fazer porque tinha que levar para o Espaço Cultural. Apesar de que o nosso trabalho terminamos às 23h30. Entregamos ao pessoal da gráfica...

■ Na gráfica no momento é análogo, porque vai ter que imprimir. É diferente da parte digital que você faz com velocidade on-line...

É claro. Nessa época, esses atos tinham que se fazer no caderno, a mão. Hoje não, hoje você tem o CTP, já vai direto.

■ A gente escuta muitas histórias do Diário Oficial de, por exemplo, publica uma nova edição com uma atualização, atrasa a publicação à espera, como você falou, nunca bate o horário do jornal porque, às vezes, aguarda a redação do ato, a disponibilização. Houve algum dia que, por exemplo, por causa de algum problema que tem que parar o Diário Oficial e refazer?

Tem muito de parar, que a gente chama fecha, tranca, não vai sair hoje. Às vezes, o governo precisa de uma data que já saiu, aí nós fazemos o suplemento. Eu fiz muito suplemento na pandemia em casa, no sábado, domingo. Com aqueles decretos. Não estava trabalhando presencialmente.

■ Nesse período que você está na frente como editor do Diário Oficial, qual foi a maior edição? Uma coisa é você lidar aqui com as secretarias de Estado onde as pessoas já são tecnicamente preparadas e com relação às prefeituras do interior?

Ainda hoje temos muitos problemas. Mas quando se tem um setor chamado Comissão de Licitação se torna mais fácil para gente trabalhar,

■ Mas a preocupação maior é o material do governo que, às vezes, chega numa hora boa e às vezes chega muito tarde?

Fotos: Edison Matos

porque as coisas vêm mais corretas, porque já sabe o que é uma licitação. Mas hoje, o que eu vejo, é que tem muito escritório de contabilidade enviando para nós. Vem com bastante erro, quatro, cinco linhas, vem errado. 'Opa, corrige, cancela, sabe?' E outros problemas que ocasionam. Isso aí me dá uma misturada. Aí esquenta um pouquinho a cabeça, mas o meu pessoal já conhece, aí vai levando.

■ O processo de chegada da informação que vai ser publicado no Diário Oficial como é? A secretaria manda para A União, para o Departamento Comercial, como é que é esse processo?

O Diário Oficial tem sistema próprio. Tem uma regra: vamos supor a parte comercial que é licitações, extratos, esses negócios que são comerciais, então só do governo, só o material. As prefeituras vêm direto, nós pegamos direto e o privado vem através de particulares. Quem recebe é o Comercial, depois envia pra gente. Do estado é o seguinte: tem uma parte que vai para Secom, que recebe e envia para mim, e tem outra parte que vai para o Setor de Atos, que são portarias, resoluções, leis. Vão para o setor de atos e ele envia para mim. Essa parte grossa de secretarias do Governo do Estado, que tem que passar pelo governo que tem que ver e assinar, aí já é diferente. Já é um negócio mais reservado, e só quem vê sou eu. Porque de uma hora para outra pode cancelar? Sai do governador para Casa Civil, depois para a Diretoria Executiva, para o Setor de Artes, onde é colocado número e datas. Aí posso publicar. Mas assim mesmo ainda eu tenho que dar um tempo, que é um tempo virtual, que eu penso que possa ser que eles mandem parar.

■ E, além do mais, tem essa questão do arquivo, ele tem que vir em condições de ser trabalhado? Claro, você sabe melhor do que eu quando uma figura gráfica vai ser ampliada, vai o arquivo todo? Distorce. Não é o caso do jornal que é feito já pronto para ser colorido aí vem tudo perfeito e você pode mexer nesse caso. A importância que eu falo é de ser a primeira vez na história do Diário.

■ Lúcio, alguma secretaria tem, por exemplo, trânsito livre direto com o Diário Oficial? Tudo tem que passar pelo Setor de Atos.

■ Mas eu digo assim, por exemplo, a Controladoria?

Ele tem o sistema que eu trabalho.

■ Como é?

Mas tem que passar pelo setor para analisar. Extrato é uma ordem de pagamento, então a secretaria prepara aquele extrato. A Controladoria analisa, se ela achar algum defeito devolve para secretaria. Da secretaria vem para cá novamente, daqui vai para análise, se ele disser tá ruim. Tira. Aí eu entro no sistema, tá certo? Retira esse material e bota para publicação. Aí a secretaria de repente diz: "Lúcio, tem um negocinho errado, aí eu quero consertar, dá para consertar?" Aí eu digo não. Você quer que eu devolva para a Controladoria. Mas para mim consertar, não? É documento, eu não posso mudar. Às vezes tem uma letreirinha errada numa lei. Mas não posso trocar. É documento de responsabilidade de quem envia tudo do Diário Oficial, sem exceção, é um documento. Ninguém do Diário Oficial pode mudar nada. Agora, às vezes, vem uma letreirinha nele, tá faltando uma letra, e a gente coloca uma letreirinha. Mas não pode mudar nada.



Lúcio Flávio revela os detalhes do processo de produção do DO, os cuidados e a responsabilidade

como também ela encontrou uma maneira muito boa, para a gente fechar a página no Diário Oficial.

■ O processo de chegada da informação que vai ser publicado no Diário Oficial como é? A secretaria manda para A União, para o Departamento Comercial, como é que é esse processo?

O Diário Oficial tem sistema próprio. Tem uma regra: vamos supor a parte comercial que é licitações, extratos, esses negócios que são comerciais, então só do governo, só o material. As prefeituras vêm direto, nós pegamos direto e o privado vem através de particulares. Quem recebe é o Comercial, depois envia pra gente. Do estado é o seguinte: tem uma parte que vai para Secom, que recebe e envia para mim, e tem outra parte que vai para o Setor de Atos, que são portarias, resoluções, leis. Vão para o setor de atos e ele envia para mim. Essa parte grossa de secretarias do Governo do Estado, que tem que passar pelo governo que tem que ver e assinar, aí já é diferente. Já é um negócio mais reservado, e só quem vê sou eu. Porque de uma hora para outra pode cancelar? Sai do governador para Casa Civil, depois para a Diretoria Executiva, para o Setor de Artes, onde é colocado número e datas. Aí posso publicar. Mas assim mesmo ainda eu tenho que dar um tempo, que é um tempo virtual, que eu penso que possa ser que eles mandem parar.

■ Lúcio, alguma secretaria tem, por exemplo, trânsito livre direto com o Diário Oficial? Tudo tem que passar pelo Setor de Atos.

■ Mas eu digo assim, por exemplo, a Controladoria?

Ele tem o sistema que eu trabalho.

■ Como é?

Mas tem que passar pelo setor para analisar. Extrato é uma ordem de pagamento, então a secretaria prepara aquele extrato. A Controladoria analisa, se ela achar algum defeito devolve para secretaria. Da secretaria vem para cá novamente, daqui vai para análise, se ele disser tá ruim. Tira. Aí eu entro no sistema, tá certo? Retira esse material e bota para publicação. Aí a secretaria de repente diz: "Lúcio, tem um negocinho errado, aí eu quero consertar, dá para consertar?" Aí eu digo não. Você quer que eu devolva para a Controladoria. Mas para mim consertar, não? É documento, eu não posso mudar. Às vezes tem uma letreirinha errada numa lei. Mas não posso trocar. É documento de responsabilidade de quem envia tudo do Diário Oficial, sem exceção, é um documento. Ninguém do Diário Oficial pode mudar nada. Agora, às vezes, vem uma letreirinha nele, tá faltando uma letra, e a gente coloca uma letreirinha. Mas não pode mudar nada.

■ Nessas histórias do Diário Oficial, alguma vez, você já saiu no outro dia? No começo, todos os dias. Quando houve essa mudança do projeto de Diário Oficial nunca saí daqui antes de meia-noite. É muito difícil. Tem um caso aqui, mas isso aí foi mais um

caso particular. Eu passei dois dias aqui, porque nós recebíamos na época através de e-mail, ainda não existia o sistema. Tinha um rapaz que trabalhava, aquele negócio de costa quente. Eu pedi para afastar ele e não tinha quem recebesse isso logo cedo. Eu fiquei. Não pedi para retirar rapaz? É responsabilidade minha então, eu tenho que ficar. E deu certo e arrumamos outra pessoa. Mas arrumar outra pessoa tem que passar no mínimo uma semana para poder aprender e sentir aquele trabalho.

■ Lembra de alguma bronca que deu à frente do Diário Oficial?

Não, tem material, que aparece, que veio com erro. Inclusive de quem mandou, e tem que republicar, isso aí é normal. Eu cobro muito isso, a responsabilidade de quem envia. Mas se tem algum erro gráfico o responsável sou eu.

■ Como é que você lida com a parte técnica. Às vezes a gente sabe que na mancha gráfica, por exemplo, sobrou tinta aqui, estragou, melou um pouco, clareza do documento. Como é que faz?

Mas aí é muito difícil, porque temos uma tecnologia boa. O CTP eu mando para lá, eu fecho o Diário, eu ou Eduardo Santos, fecha o Diário e manda para CTP. A própria máquina divide os cadernos e imprime já na chapa, na clareza. Aí vai depender da impressão. A nossa impressão é uma rotativa com papel que a gente chama de papel chupão, mas o pessoal hoje está fazendo a impressão excelente, inclusive impressão de cores na nossa página que foi a primeira de todo Diário, ela saiu com uma tintinha invadindo a outra.

■ E o arquivo do Diário Oficial, como é que lida, por exemplo? O Diário impresso tem aquele exemplar de livro de memória e como é catalogado?

Nós temos arquivos próprios aqui na sala do Diário Oficial, temos o arquivo da circulação que nós enviamos, tem o arquivo aqui no Arquivo Geral. Hoje tem um arquivo. Não tem que acessar os livros como antigamente. Quer dizer, se a gente quiser uma edição a arquivista Ana Flor vai lá no computador, escolhe, vê e resolve. Porque eu mando para ela todos os dia.

■ Ainda tem isso. Tem um Setor de Circulação, tem assinante no Diário?

Os assinantes têm o Diário normal que é do papel e tem o digital, cujo número de assinantes é maior do que o convencional, que é o papel. Muito mais prático, você não vai juntar papel dentro de casa. Foi desenvolvido para cada cliente desenvolver seu arquivo, para poder haver a interação perfeita. Inclusive a altura de texto, valor de texto, ele vai servir para um arquivo lá. Vamos supor, a Prefeitura de Campina Grande, ela através do sistema, ela tem um arquivo do que publicou e os valores que gastou por dia no Diário Oficial de publicação. Todas as prefeituras e todas as secretarias. ■ E é o tipo do produto que a gente não

vê como é que pode acabar porque se você quer ter validade jurídica de qualquer ato tem que estar no Diário Oficial?

Exatamente isso. É você chegar na Assembleia e perguntar aos deputados, já saiu no Diário? Não? Então, não quero nem conversar

■ Quer dizer Lúcio que além de ser Diário Oficial do Estado já tem que ter esse entendimento com a Assembleia?

Exatamente, vem leis de lá. A Assembleia publica também licitações, extratos, leis. O Diário Oficial é muito importante para todo mundo. Você só vive com um Diário Oficial. É a lei, são os decretos. É importante. É porque o povo não tem o hábito de ler Diário Oficial. É um jornalzinho frio, mas com leis e quente. Você mexe com um comerciante. Você vai botar um fiteirozinho na rua, você tem que pagar uma licença, tem que sair no Diário Oficial a licença de instalação.

■ Você vai criar um sindicato, tem que ter um extrato? Depois tem que publicar o Regimento?

É muito importante, só que ninguém sabe disso.

■ Quanto tempo existe nesse formato que a gente conhece de Diário Oficial?

Rapaz, eu não tenho esse dado. Não dou certeza a você, eu sei que antes de 67 ele é era vinculado dentro do jornal. Depois de 67 veio uma lei desmembrando o Diário do Jornal. Então eram feitos o Diário e um Jornal. Tem outra lei que eu não me lembro desmembrando totalmente. Apesar de que alguns diretores quiseram que saísse encartado. Seria muito bonita e muito importante, mas não tem condições, ninguém tem condições de fazer isso porque o horário é diferente. Como a semana passada mesmo como eu já falei aqui, o governador disse que não tem despacho.

■ Você tem algum detalhe ou alguma informação que gostaria de registrar e que a gente passou batido aqui nessa conversa? Eu agradeço e quero dizer aqui o seguinte. Eu vou ter que sair um dia do Diário Oficial. Espero encontrar uma pessoa que se entregue e se integre. Porque senão, não vai ter aquela confiança que é preciso e é fundamental tanto da Diretoria da EPC, qualquer diretoria, como pessoas do Governo do Estado.



Aponte a câmera do celular e veja a entrevista na íntegra





Dejaci Araújo, Geisa Galvão Ribeiro, Aníbal Luna, Oriol Farias, Rebecca Lisboa, Lu Maia, Elton Rabelo Honfi, Cleide Sousa e Rejane Marinho são os aniversariantes da semana.



O governador João Azevêdo, acompanhado da senadora Daniella Ribeiro, se reuniu, na semana passada, em Brasília, com o ministro da Justiça, Flávio Dino, ocasião em que foram liberados pelo Governo Federal recursos na ordem de R\$ 10 milhões destinados ao fortalecimento das políticas públicas voltadas à segurança das mulheres.

IMOBILIÁRIA

PARAÍBA
PROPERTY

www.paraibaproperty.com.br
☎ +55 83 99302-7071

CRECI 0362-J

SÃO BRAZ
produtos de qualidade

ESPRESSO SÃO BRAZ EM CÁPSULAS.
EXPERIMENTE.

PARA MÁQUINAS NESPRESSO®
*marca de terceiro não relacionada com a São Braz



O médico cardiologista e presidente do Conselho de Administração do Hospital Memorial São Francisco e do Instituto Felipe Kumamoto, Dr. Ítalo Kumamoto, recebeu da Câmara Municipal de João Pessoa a Medalha Cidade de João Pessoa, durante evento de abertura do Festival Brasil / Japão, no Espaço Cultural José Lins do Rego. Na ocasião, a vereadora Raissa Lacerda, autora da propositura da homenagem, fez discurso enaltecendo o homenageado e registrando a importância de se comemorar, também, a chegada, há 100 anos, do japonês Eije Kumamoto, pai do homenageado ao Sertão paraibano. O evento, organizado pela Associação Brasil / Japão da Paraíba, contou com a participação importante da presidente da Associação Cultural Brasil / Japão da Paraíba, Takako Watanabe e do cônsul do Japão em Recife Hiroaki Sano.



A família Lauria/ Paulo Neto, liderada pelo casal Jovani (foto) e Ângela, vai inaugurar, em breve, mais uma unidade hoteleira: o Hotel Corais Manaíra (HCM). Claro que estaremos presentes para registrar o novo empreendimento localizado à beira-mar da Praia de Manaíra.



Magdala Gambarra, ao lado do marido Joaquim Farias e das filhas Jéssica e Juliana Gambarra, festejou seu aniversário com encantadora festa nos salões da Marriage Recepções, casa de eventos da família Gambarra/Farias.



Irene Ribeiro, de tradicional família paraibana, recebeu, em razão de seu aniversário, o carinho de familiares e inúmeras amigas, durante almoço no restaurante do Oceana Atlântico Hotel, no bairro de Bessa. Confira alguns dos melhores momentos.

No dia de ontem, a convite da PBTur, um grupo de jornalistas seguiu para a cidade de Soledade, Sertão paraibano, para vivenciar o 3º Festival do Queijo. O evento, que contou com as presenças da secretária de Turismo e Desenvolvimento Econômico Rosália Lucas, do prefeito do município Geraldo Moura Ramos e do presidente da PBTur Ferdinando Lucena, foi sucesso total.

O casal Gerardo e Patrícia Rabello realizou, na última terça-feira (19), na loja Calzature, do Manaíra Shopping, evento de abertura da Silver Week, semana cultural que valoriza o público sênior 50+.

No próximo dia 27, às 18h30, o escritor e advogado Thélío Queiroz Farias tomará posse, como novo acadêmico, na Academia Paraibana de Letras. Ele, que vai ocupar a Cadeira de número 11, ocupada anteriormente pelo saudoso José Jackson Carneiro de Carvalho, tem, de sua lavra, o rico trabalho “Além do Ipiranga: a extraordinária vida de Pedro Américo e suas incríveis facetas”. Na ocasião, o novo imortal será saudado pelo acadêmico José Mário da Silva Branco.

A 37ª edição do Salão do Artesanato Paraibano, que acontecerá em 2024, vai homenagear os quilombos da Paraíba e será instalado no estacionamento do Hotel Tambaú, em nossa capital. O tradicional evento vai acontecer no período de 12 de janeiro a 4 de fevereiro do próximo ano.

Fui convidada, e claro que aceitei, ser jurada em concurso de Miss no Silver Week, espetacular evento promovido pelo casal Gerardo e Patrícia Rabello. Ainda nesta edição, do Silver Week 2023, vou desfilhar com a famosa marca de calçados Calzature.

Selic Fixado em 20 de setembro de 2023 12,75%	Sálário mínimo R\$ 1.320	Dólar \$ Comercial -0,05% R\$ 4,933	Euro € Comercial -0,17% R\$ 5,252	Libra £ Esterlina -0,41% R\$ 6,037	Inflação IPCA do IBGE (em %) Agosto/2023 0,23 Julho/2023 0,12 Junho/2023 -0,08 Maio/2023 0,23 Abril/2023 0,61	Ibovespa 116.008 pts -0,12%
---	---	--	--	---	--	--

FÉRIAS PLANEJADAS

Reserva antecipada garante imóveis na alta temporada

Valores podem triplicar no período e o risco de golpes aumenta com a demanda

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodriguez@gmail.com

Consumidores devem antecipar a reserva dos imóveis de locação por temporada na alta estação. Durante o auge do período, o mês de janeiro, os valores cobrados podem triplicar, em relação aos períodos de baixa, que normalmente vão de maio a setembro, na Paraíba. Os próximos feriados, como o de 12 de outubro (Nossa Senhora de Aparecida) e o de 2 de novembro (Dia de Finados) também impulsionam a atividade, que vai sendo aquecida com a proximidade do final do ano.

O diretor-secretário do Conselho Regional de Corretores de Imóveis da Paraíba (Creci-PB), Glauco Moraes, afirma que já há reservas de imóveis para o verão de 2024. Segundo ele, a antecipação é para garantir a vaga e mitigar os altos valores do período. “Nas proximidades do Réveillon são cobradas as maiores tarifas, que podem subir 200%, por isso, a procura começa antes. Já nos casos dos feriados, a busca dos interessados é intensificada de três a duas semanas antes das datas”, comenta.

O mercado de aluguel por temporada é especializado e conta com profissionais específicos para atender às necessidades dos clientes, entre locadores e locatários. A gerente comercial da administradora de imóveis Carpediem Homes, Luiza Cavalcanti, afirma que a estimativa para o próximo verão está alta. “João Pessoa e Cabedelo são cidades muito visitadas pelos turistas e por investidores nesse mercado de temporada. Há uma grande oferta de flats e apartamentos para esse perfil”.

A empresa em que ela trabalha administra mais de 600 imóveis no Nordeste, entre Rio Grande do Norte, Pernambuco, Ceará e Paraíba, sendo 100 apenas no estado. O imóveis são mobiliados, decorados e contêm todos os eletrodomésticos e utensílios necessários.

A expectativa de ocupação para os meses de outubro e novembro é de 70% e 75%, respectivamente. Já para dezembro, a empresa estima 85%, chegando ao máximo da capacidade, em janeiro. Os bairros com maior taxa de ocupação em João Pessoa são Cabo Branco, Tambaú e Bessa. Em Cabedelo, a procura maior é por Ponta de Campina e Camboinha, afirma Luiza Cavalcanti. As cidades do Conde e Lucena têm procura menor.

De acordo com a executiva, quem reserva logo, economiza. “Não trabalhamos com preço tabelado, os valores variam conforme o mercado. Quem se planeja, paga menos e não fica na correria em busca de imóveis. Quem deixa para última hora, tem menos opções e paga mais”.



Espaços decorados e bem localizados são disputados por clientes das imobiliárias

Faturamento de R\$ 25 mil ao mês

Luiza Cavalcanti afirma que o investidor pode faturar R\$ 25 mil por mês na alta temporada. A projeção é sobre o perfil de imóveis mais caros da empresa, cuja diária no verão é em torno de R\$ 1 mil. Contudo, o investimento na compra de um imóvel desse porte é de R\$ 1 milhão. Os apartamentos de 140 metros e três quartos estão localizados em um condomínio exclusivo, em Ponta de Campina, na cidade de Cabedelo. “Muitos turistas vêm para conhecer e tornam-se investidores. São pessoas de outros estados e até de outros países, como Argentina, Portugal e Espanha, mas há investidores locais também”, afirma a gerente da administradora.

Cabo Branco é a localização preferida dos turistas. Com valor médio de R\$ 376 em imóveis que podem variar de 17 a 44 metros quadrados, o negócio é bastante lucrativo ao investidor, que fatura uma média de R\$ 90 mil ao ano, considerando a

alta e a baixa temporada. O valor é aproximadamente o triplo do que seria obtido por meio de um aluguel convencional anual, afirma Luiza Cavalcanti.

“O modelo de negócios é vantajoso pelo fato de a Região Metropolitana de João Pessoa ainda não ter muitos leitos de hospedagem. A cidade é muito atrativa, com belezas naturais, gastronomia de qualidade e infraestrutura”, comenta Luiza Cavalcanti. Contudo, na baixa estação, quando não há feriados nem concursos públicos sendo realizados na cidade, a administradora de imóveis reduz os valores para atrair os consumidores.

Home office

Os imóveis de locação por curto período não são utilizados apenas por quem está de férias. Há muitos visitantes que alugam os apartamentos para utilizar enquanto fazem trabalho remoto ou de



Luiza Cavalcanti aposta em bons negócios no verão

home office. “Essa tendência está crescendo em João Pessoa. As pessoas alugam até por um período maior do que uma semana, por exemplo”.

Preços baixos podem indicar fraude

Antes de fechar contratos de aluguel por temporada, o locatário deve ficar atento para não cair em golpes, devendo assegurar-se que o negócio seja fechado com imobiliária ou administradora de imóveis. Conforme a CEO da XM2 Soluções Imobiliárias, Sacha Myrna, o consumidor deve ter cuidado com ofertas atraentes e sem muitas informações, desconfiar de preços muito baixos, sendo importante ter uma noção do valor do aluguel da área.

A executiva indica que, muitas vezes, as informações são prestadas apenas via WhatsApp e as fotos podem ser de imóveis inexistentes.

Ela afirma que, em geral, as pessoas só percebem que é um golpe um pouco antes de viajar para o imóvel alugado, e que já foi pago, porque o golpista passa a não responder mais as mensagens e nem atender ligações.

Outro ponto importante é formalizar o acordo. Hoje, há vários aplicativos que facilitam o aluguel de imóveis de temporada. De cordo com Sacha Myrna, todas as regras e normas acordadas entre o locador e o locatário devem estar no contrato. Também deve-se estabelecer as condições gerais do imóvel e o que está incluso, como taxas de limpeza e de serviço, por exemplo.

“O valor da locação deve ser especificado como aluguel de temporada no contrato de locação, na moeda local e não pode exceder 90 dias para ser considerado temporário pela legislação brasileira”, enfatiza a CEO. Além disso, o pagamento não pode ser feito em contas de terceiros, nem antes do contrato.

Ela ainda indica solicitar uma comprovação de titularidade da propriedade, como conta de energia elétrica, se a pessoa se apresentar como proprietário. Caso haja interlocutor, corretor ou imobiliária, é importante pedir informações sobre a empresa e verificar a legitimidade.

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeujrsilva@gmail.com | Colaborador

Recuperação judicial: estratégias para crise nos negócios

Nos seis primeiros meses de 2023, o Brasil testemunhou um aumento alarmante de 52% nos pedidos de recuperação judicial em comparação com o mesmo período de 2022, de acordo com dados da Serasa Experian. Até junho, 593 solicitações foram registradas, das quais 485 foram aprovadas. Surpreendentemente, 78% desses pedidos partiram de micro e pequenas empresas, seguidos por 32% de médias empresas e 13% de grandes empresas. O foco principal neste ano tem sido o cenário alarmante das grandes empresas, especialmente no que diz respeito ao volume expressivo de dívidas, que tem sido amplamente noticiado.

Esses números são alarmantes e devem ser contextualizados. Nos últimos anos, enfrentamos uma elevação constante da inflação e uma política monetária contracionista, marcada pelo aumento da taxa básica de juros. Portanto, essas empresas provavelmente estão lidando com desafios econômicos desde os primeiros impactos da pandemia. Embora o cenário econômico esteja começando a mostrar sinais de alívio este ano, com a inflação acumulando 4,61% nos últimos 12 meses e uma expectativa de encerrar o ano em torno de 4,86%, minha análise aponta para uma inflação de cerca de 5% a 5,5% para o ano, considerando fatores como o aumento nos preços do petróleo, que se aproxima dos US\$ 100 por barril (agora, enquanto escrevo este artigo).

Ao examinar a atividade econômica, observamos um crescimento de 3,7% no PIB brasileiro no primeiro semestre deste ano em comparação com o mesmo período de 2022, com destaque para a indústria e os serviços. No entanto, a agropecuária registrou queda. As despesas de consumo das famílias e as despesas de consumo do governo também apresentaram crescimento, mas as projeções para o segundo semestre não são tão otimistas. No ano, o PIB cresceu 3,1%. A OCDE estimou um crescimento do PIB de 3,2% para 2023, enquanto as expectativas do mercado brasileiro, apontam para um crescimento de 2,89%. Isso sugere que o PIB pode enfrentar dificuldades no último semestre de 2023.

Nesse cenário desafiador, as empresas precisam investir cada vez mais em análises precisas e ter uma compreensão detalhada de seus números para enfrentar possíveis desacelerações econômicas. Embora a redução recente da taxa de juros de 13,25% para 12,75% possa indicar uma melhoria na perspectiva econômica, os impactos dessa mudança não serão percebidos a curto prazo no ambiente empresarial, afetando inicialmente o mercado financeiro e suas projeções. No entanto, essa redução já aponta para uma perspectiva mais otimista de aquecimento da economia no futuro.

Portanto, cada análise que realizamos enfatiza a necessidade crítica de as empresas planejarem suas ações e estratégias de mercado, não apenas para superar a concorrência acirrada, mas também para enfrentar o arrefecimento econômico previsto para o final de 2023. Nesse contexto, cabe aos gestores aprofundar seu entendimento sobre o negócio, buscando sempre contornar as previsões negativas e evitar o ponto de ruptura que poderia levar à recuperação judicial ou à falência, uma situação que, frequentemente, está carregada de tensões emocionais.

PROGRAMAS DE GESTÃO

Indústria investe em *compliance*

Metade das empresas tem área ou profissional específico para ações de governança, revela pesquisa da CNI

Agência da CNI

Uma pesquisa realizada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) mostra que 49% das empresas industriais têm área própria ou profissional específico responsável pelo segmento de governança corporativa/*compliance*. De acordo com os dados da Sondagem Especial Governança Corporativa, realizada junto a mais de duas mil indústrias, 27% declararam ter conselho fiscal já estabelecido ou em desenvolvimento.

Entre os instrumentos e práticas de governança apontados pelas empresas destacam-se as ações de responsabilidade ambiental (mencionadas por 81% daqueles que têm área ou profissional do setor). Na sequência, aparecem as ações de responsabilidade social (76%), segurança da informação (74%) e proteção de dados pessoais (74%).

Em relação às boas práticas de governança, as mais adotadas pelas indústrias são: definição de metas para o desempenho da gestão orçamentária e financeira (73%); ciência dos colaboradores quanto às normas de conduta ética da empresa e suas eventuais alterações (72%); existência de código de conduta e/ou ética (68%);

“**A governança estimula a transparência, a estabilidade e a segurança jurídica nas organizações. Isso faz com que os negócios amadureçam**

Cris Samorini

políticas/regras claras de remuneração e benefícios (65%). A presidente da Federação das Indústrias do Estado do Espírito Santo (Findes) e coordenadora do comitê Governança para a Indústria da Rede Governança Brasil, Cris Samorini, afirma que os dados da sondagem contribuirão para que o grupo – instituído em 2022 – identifique caminhos e que auxiliem com as empresas na adoção de medidas de go-

vernança corporativa. “A governança estimula a transparência, a estabilidade e a segurança jurídica nas organizações. Isso faz com que os negócios também amadureçam. É muito importante que as empresas, principalmente as de pequeno e médio porte, olhem com atenção para essa pauta”, pontua Cris Samorini. “A adoção de práticas de governança gera benefícios não apenas para a

empresa, mas para toda a sociedade”, acrescenta. A Sondagem Especial Governança Corporativa entrevistou 2.084 empresas, sendo 808 pequenas, 766 médias e 510 grandes, entre os dias 1º e 12 de setembro. Entre os setores que dispõem de melhor estrutura de governança e com maior adesão às ações de boas práticas destaca-se a indústria extrativa. O setor da construção, por sua vez,

revelou menor uso dos instrumentos de governança em suas empresas. **O que é governança?** O termo governança diz respeito a um conjunto de princípios, processos e práticas que buscam direcionar e controlar as ações de uma organização, seja ela pública ou privada. Quando aplicado a empresas ou organizações privadas, o termo utilizado passa

a ser governança corporativa. Na avaliação da CNI, um dos benefícios da implementação de ações de governança corporativa é a valorização institucional da organização, o que favorece a competitividade e a atratividade do negócio. Além disso, medidas nesse sentido contribuem para a longevidade da empresa ao melhorar seu desempenho operacional e impedir abusos e conflitos de interesses.



Foto: Divulgação/ Agência da CNI

Dados devem contribuir para que comitê liderado por Cris Samorini identifique caminhos a serem adotados por empresas

Guia orienta para ações prioritárias e proteção de dados

No mês de julho, a CNI lançou o “Guia de boas práticas de proteção de dados para a indústria”, que tem o propósito de auxiliar as empresas na adoção da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), em vigor há três anos. O documento de mais de 100 páginas descreve os principais conceitos e fundamentos da LGPD. O guia também detalha os processos da indústria submetidos à LGPD, os ti-

pos de dados utilizados pelo setor e os protocolos gerais para as principais etapas das operações de tratamento de dados na gestão de pessoas e na realização de *marketing*. O diretor Jurídico da CNI, Cassio Borges, considera que o guia terá ampla utilidade para indústrias de diferentes portes e segmentos. Ele alerta que o documento reúne com detalhes orientações sobre os bene-

fícios da criação de programas de governança de dados, além de dicas de ações práticas e etapas prioritárias para indústrias. “O guia também é importante para orientar as indústrias diante do que estabelece o artigo 50 da LGPD, que trata da adoção de boas práticas e da governança em relação ao tratamento de dados pessoais”, afirma. “As empresas que incorporarem boas práticas de

governança saem na frente, ante a possibilidade legal de que sejam consideradas no momento de eventual sanção pela ANPD. Por isso, esperamos que as indústrias possam criar seus programas com base nas orientações do guia”, acrescenta Cassio Borges. **Informações sigilosas** As operações de tratamento de dados pessoais realizadas pela indústria

são extremamente diversas e envolvem um conjunto variado de dados pessoais. São tratados tanto dados pessoais comuns quanto sensíveis, a depender da finalidade almejada. Também são tratados dados que podem não identificar uma pessoa natural quando avaliado isoladamente, mas, no contexto das bases de dados da empresa, passem a identificar um indivíduo específico.

■ Documento reúne com detalhes orientações sobre os benefícios da criação de programas de governança

Cinco Razões para Implantar Programas de Governança de Dados

- Auxilia no cumprimento das exigências legais e regulamentares;
- Melhora a organização dos processos de trabalho das empresas envolvendo dados pessoais;
- Auxilia na criação de uma cultura de proteção de dados e privacidade nas corporações;
- Auxilia as empresas a criarem uma relação de fidelização e confiança com clientes, que se sentirão mais seguros com seus dados protegidos;
- Amplia as oportunidades de negócios que envolvem dados pessoais e exigem a adoção de medidas de compliance de dados.

■ Confira 12 passos para um programa de governança em LGPD

- Entender o impacto da LGPD na organização e obter a adesão da alta administração;
- Designar o encarregado pelo tratamento de dados pessoais, e identificar e envolver os principais *stakeholders*;
- Identificar as atividades de tratamento e os dados utilizados pela organização;
- Determinar o papel e as obrigações da organização ao atuar como controladora ou operadora;
- Avaliar os riscos associados ao tratamento de dados pessoais;
- Elaborar e implementar um programa de governança de privacidade e proteção de dados pessoais que cubra as exigências da LGPD;
- Definir as bases legais para as atividades de tratamento de dados da organização;
- Definir medidas técnicas e administrativas para garantir a segurança dos dados pessoais;
- Identificar os terceiros com os quais a organização compartilha dados pessoais e estabelecer um processo de gestão de terceiros;
- Identificar os fluxos internacionais de dados da organização (entrada e saída) e estabelecer os mecanismos apropriados para permitir tal transferência de dados;
- Construir processos eficazes para transparência e gerenciamento dos direitos dos titulares de dados pessoais;
- Treinar funcionários sobre as regras da LGPD e criar um programa de conscientização.



Foto: Divulgação/ Agência da CNI

CAUSADORA DE INFECÇÕES

Pesquisadores estudam bactéria

Pesquisa é financiada pela Fapesq-PB e a Fapesp; gestantes e também animais sofrem com a ‘Streptococcus agalacti’

Helda Suene
Assessoria Fapesq-PB

Pesquisadores da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e da Universidade de São Paulo (USP) analisam uma bactéria que causa infecções em humanos e em animais de criação e é considerada uma das principais causas de infecções graves em recém-nascidos. As amostras obtidas em pacientes atendidos no Hospital Universitário Lauro Wanderley, da UFPB, e de leite cru de vacas na Paraíba, na cidade de Areia, são estudadas com o apoio do Governo do Estado, por meio da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior, através da chamada conjunta entre a Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq-PB) e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

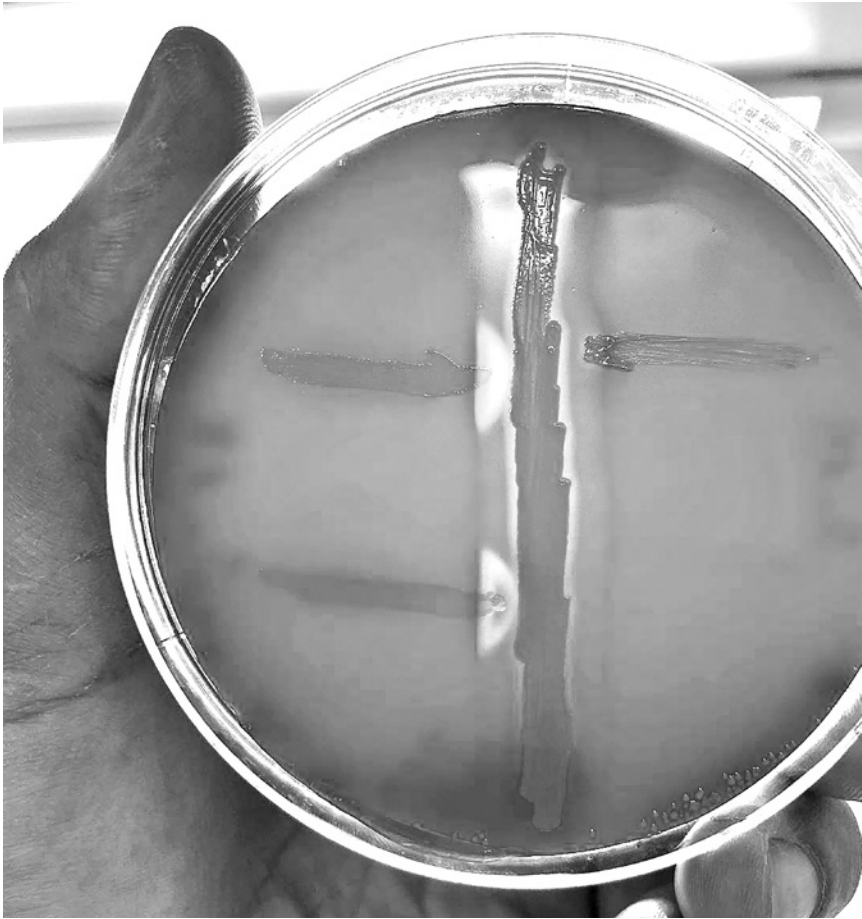
O projeto “Prospecção do impacto da diversidade genética de estreptococos B nas estratégias de controle de doenças no estado da Paraíba através de uma abordagem fundamentada em One Health” foi aprovado na chamada conjunta Fapesq-PB/Fapesp e é coordenado por Vinícius Pietta Perez, do Departamento de Fisiologia e Patologia da UFPB, e Ilana Lopes Baratella da Cunha Camargo, da USP.

Perinatal
A bactéria Streptococcus agalactiae (também conhecida como estreptococo do grupo B) está intimamente relacionada, em humanos, ao período perinatal, causando infecções em gestantes e puérperas e infecções graves em bebês até os dois meses de idade. No gado, é causadora de mastite infecciosa, ou seja: inflamações do tecido mamário. Ela pode afetar rebanhos leiteiros, causando prejuízos aos animais e perdas produtivas importantes.

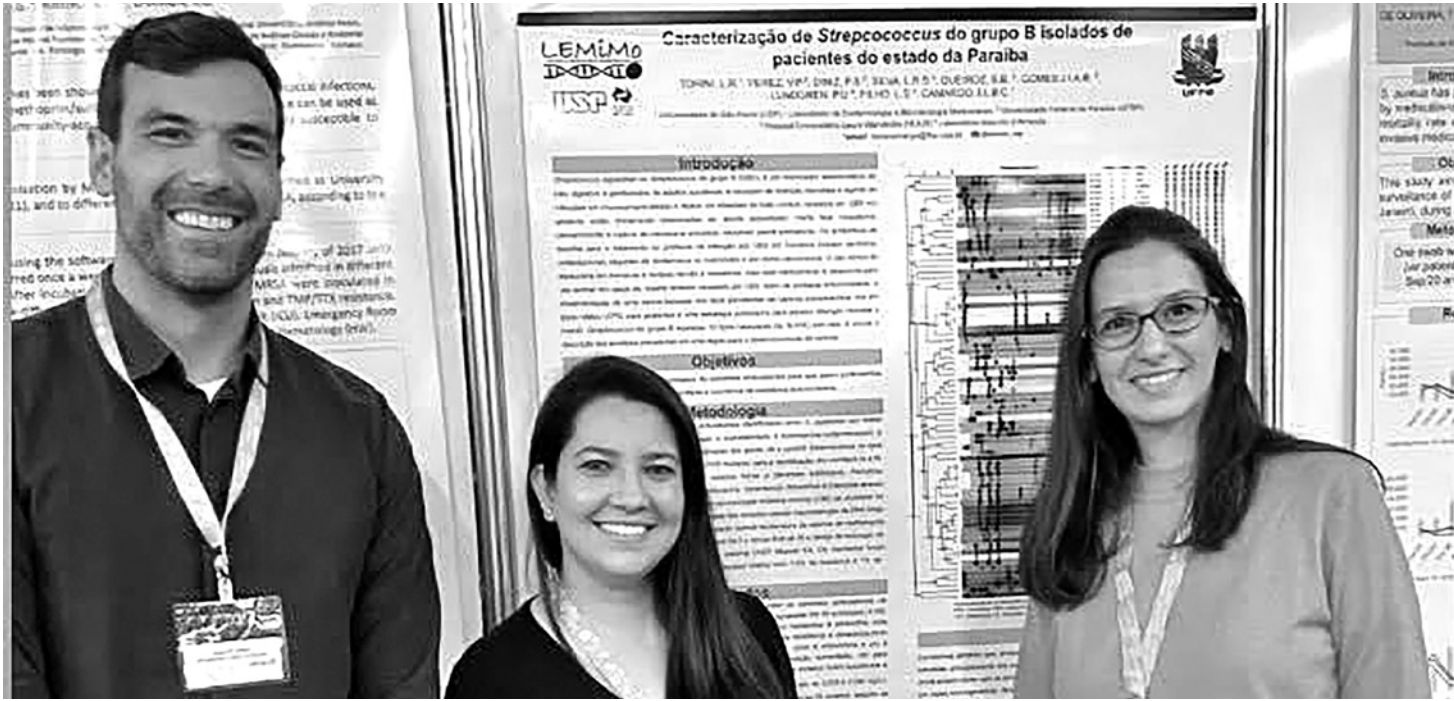
De acordo com a pesquisa, não há programas de controle e erradicação da mastite bovina no Brasil, resultando em uso excessivo e descontrolado de antibióticos na criação. Por isso, também está em estudo o uso excessivo de antibióticos para o combate à bactéria, tanto no gado quanto em humanos.

Rebanhos

No gado, é causadora de mastite infecciosa, ou seja: inflamações do tecido mamário. Ela pode afetar rebanhos leiteiros, causando prejuízos aos animais e perdas produtivas



Fotos: Divulgação



O projeto foi aprovado na chamada conjunta Fapesq-PB/Fapesp e é coordenado por Vinícius Pietta Perez (primeiro da foto a esquerda), do Departamento de Fisiologia e Patologia da UFPB

Investigando as relações genéticas da microbiota

Segundo a Organização Mundial da Saúde, One Health é uma abordagem integrada e unificadora que tem como objetivo melhorar de forma sustentável a saúde de pessoas, animais e ecossistemas. A OMS reconhece que a saúde de seres humanos, animais domésticos e selvagens, plantas e o meio ambiente (incluindo ecossistemas) estão intimamente ligados e interdependentes. A colaboração entre setores e disciplinas

As coletas de leite para a pesquisa são realizadas por pesquisadores do Centro de Ciências Agrárias (CCA) da UFPB, em Areia

contribui para proteger a saúde e lidar com desafios na área, como o surgimento de doenças infecciosas, resistência antimicrobiana, segurança alimentar, além de promover a saúde e a integridade de nossos ecossistemas.

Coletas de leite
As coletas de leite para a pesquisa são realizadas por pesquisadores do Centro de Ciências Agrárias (CCA) da UFPB, em Areia. Essas bactérias são caracteriza-

das por meio de técnicas genéticas para descobrir a distribuição de sorotipos e genótipos (a constituição genética) na Paraíba, além de investigar a sensibilidade aos antibióticos utilizados na profilaxia (as medidas utilizadas para prevenir e atenuar doenças) intraparto e no tratamento dos processos infecciosos. As análises são realizadas no campus I da UFPB em João Pessoa, e as etapas de genotipagem e sequen-

ciamento de genomas são realizadas no campus da USP na cidade paulista de São Carlos. O objetivo é determinar a diversidade genética e a resistência aos antibióticos, a fim de investigar as relações genéticas da microbiota (a variedade de bactérias, vírus e outros microrganismos que habitam nosso organismo) e avaliar o impacto dessas relações nas estratégias de profilaxia e na iminente introdução das vacinas capsulares.

Exposição elevada aos antibióticos gera resistência

Até o momento, foi possível observar na pesquisa a ausência de resistência aos antibióticos de primeira linha para a profilaxia intraparto. No entanto, foi identificada uma importante resistência da bactéria a outras classes de antibióticos. “É relevante monitorar essa situação, uma vez que a exposição elevada aos antibióticos é um fator determinante para a emergência de resistência”, alertou o coordenador da pesquisa, Vinícius Perez. Outro ponto relevante são as vacinas em desen-

volvimento direcionadas para os sorotipos capsulares. “Com base em nossos resultados, observamos que as formulações atuais das vacinas em estudo têm cobertura para 94% dos sorotipos observados na população”, afirma o pesquisador. “Além disso, até o momento, selecionamos 11 amostras de bactérias da microbiota humana para sequenciamento completo do genoma. As análises permitiram observar uma ampla distribuição de genes relacionados à virulência”. A próxima etapa do estudo consistirá no se-

quenciamento de amostras bovinas para realizar uma análise comparativa e evolutiva, em relação as amostras da microbiota humana. O projeto já resultou em alguns trabalhos parciais apresentados: uma apresentação na quinta edição do International Caparica Conference in Antibiotic Resistance (conferência internacional de Caparica sobre resistência a antibióticos), em Portugal, e apresentações no 8º Simpósio Internacional de Microbiologia Clínica, em São Paulo, ambos em 2022. A equipe da pesquisa

é formada pela professora Eloiza Helena Campana e professor Lauro Santos Filho (ambos do Departamento de Ciências Farmacêuticas da UFPB); professor Celso Jose Bruno de Oliveira e professor Artur Cezar de Carvalho Fernandes (os dois do Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal, PPG-CAN, da UFPB); Jorhanna Isabelle Araujo de Brito Gomes e Suellen Bernardo de Queiroz (graduandas em Biomedicina na UFPB); Camila Maria do Santos Boralli (doutoranda na USP); e Leticia Ze-

natti (mestranda na USP). O projeto foi aprovado na chamada Fapesq-PB/ Fapesp de 2019, que somou um investimento total de R\$ 4 milhões (R\$ 2 milhões do Governo da Paraíba, via Fapesq-PB, e R\$ 2 milhões por São Paulo, via Fapesp). Dez projetos foram aprovados nesse edital. Para o estudo aprovado por Vinícius Perez, a fundação paraibana repassou R\$ 166.111,42. Outros 11 projetos foram aprovados no ano passado em nova chamada conjunta das duas fundações.

CLIMA

Primavera e as mudanças no clima

Estação é marcada pelo aumento da temperatura, chuvas mais esparsas e rotina alterada de animais e áreas verdes

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

A primavera, que começou ontem, não é apenas a estação das flores. Ela também provoca transformações na natureza – na fauna e na flora – mas, essas mudanças são pouco perceptíveis no Brasil e, consequentemente, na Paraíba, em razão de estarmos mais próximos à Linha do Equador e não termos as estações bem definidas. É o que afirma o botânico Leandro Giacomini, professor do Departamento de Ecologia e Sistemática da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Ele explica que, antes de falar sobre o que muda na primavera, é importante lembrar que as estações do ano, como definidas internacionalmente, são mais perceptíveis em regiões temperadas, ou seja, latitudes mais altas do que os trópicos. “Nós, que estamos em João Pessoa, a mais ou menos sete graus de latitude, não sentimos de forma tão intensa as mudanças nas estações do ano, a não ser pela alteração no regime de chuvas que é sazonal”, comenta.

Em João Pessoa, cidade onde chove relativamente bastante, por estar no Litoral e ter uma grande influência de chuvas oceânicas, as mudanças mais perceptíveis são num período de chuva concentrado no meio do ano, e um período com chuvas mais esparsas, mais seco a partir de setembro, outubro e que perdura até fevereiro e março. Essa alteração no ciclo das chuvas é mais intensa quando se distancia do Litoral, a exemplo do Cariri, que tem uma das menores intensidades de chuvas no país. “Considerando que essas mudanças não são tão intensas, a mudança na natureza em relação à produção de flores e de frutos está mais relacionada aos regimes de chuvas e não tanto à estação da primavera em si. Apesar disso, há espécies que florescem durante o período de chuvas, outras logo após as chuvas, e isso é muito variável”, diz o botânico. O desabrochar das flores não é, necessariamente, uma das principais características porque depende da espécie. O ipê, por exemplo, tende a florescer no período seco. Outras espécies florescem no começo e durante o período chuvoso. “Temos essa variação e não podemos dizer que é uma regra que a primavera traga flores nas formações naturais aqui da nossa região”. Ele esclarece que isso é mais comum nas regiões temperadas, e a principal influência nessas regiões que induzem a floração é a mudança no número de horas de luz ao longo do dia, o chamado fotoperíodo. “Nós, que estamos próximos à Linha do Equador, temos uma influência muito pequena da alteração desse fotoperíodo ao longo do ano. Assim, a floração é mais ordenada pelo ciclo das chuvas do que por qualquer outra coisa como a mudança do ciclo de luz ao longo do dia ou mesmo mudanças abruptas de temperatura”, explica. A floração,



Biólogo Leandro Giacomini explica que, embora ocorram no inverno, os ciclos de reprodução das plantas são mais percebidos nessa época, considerada a estação das flores

induzida pela mudança do número de horas do dia, se explica porque as plantas captam luz solar e, a partir dessa luz, conseguem produzir os açúcares que precisam para sobreviver. Giacomini afirma que é difícil dizer o que mais muda na natureza com a chegada da primavera porque há reações específicas de cada uma das espécies ou de conjuntos de

Animais ficam mais ativos com alterações climáticas

A atividade dos animais vai ser mais ativa de acordo com os recursos que estão disponíveis. Leandro Giacomini explica que, se um animal consome determinado fruto de uma planta, por exemplo, se é um herbívoro, que come somente vegetais, ou onívoro, que se alimenta de animais e vegetais, ele vai ter uma maior intensidade de forrageio quando há recurso disponível. Quando as plantas estão produzindo frutos ou se eles se alimentam de folhas - há um determinado momento em que as plantas produzem mais folhas quando elas têm uma maior intensidade fotossintética - eles podem estar mais ativos naquele momento. O professor observa que, no caso dos onívoros, que se alimentam tanto de partes de plantas como de insetos e outras fontes de proteína animal, há uma alternância em relação à sua alimentação. Ele provavelmente consome mais recursos de origem animal quando não tem a disponibilidade dos recursos oriundos das plantas e vice-versa. “A atividade dos animais é mediada em função do seu próprio ciclo reprodutivo e dos recursos disponíveis. Em relação aos herbívoros, isso é mais latente. Temos, certamente, uma maior atividade e um período reprodutivo associado ao momento em

espécies. Mas, de maneira geral, o que marca o início da primavera em João Pessoa é uma transição do período chuvoso para o seco. “Temos muitas espécies que floresceram no período chuvoso e vão estar frutificando, ou então vão entrar num período de economia de energia em função da menor disponibilidade de água no solo. E aí temos que analisar cada espécie especificamente”.

que eles têm o recurso mais disponível, e não necessariamente esse recurso é coincidente com a ocasião da primavera”, comenta Giacomini. A produção de frutos pode coincidir com a época da primavera, mas o que modula não é o início da estação e sim o término do período de chuva mais intensa.



A atividade dos animais é mediada em função do seu próprio ciclo reprodutivo e dos recursos disponíveis

Leandro Giacomini



Fotos: Evandro Pereira



Condições ambientais adequadas levam as plantas a crescimento

A razão pela qual as plantas têm a floração ou a frutificação modulada pelas alterações na temperatura está relacionada a vetores associados a elas, sejam dispersores ou polinizadores. A segunda razão é que a produção de flores e frutos constitui o dreno de energia. São estruturas nas plantas que demandam grande canalização de energia. “Quando a planta está passando por um período de seca e ela, naturalmente, já tem uma dificuldade de se manter em função da

ausência de água no solo ou uma menor quantidade para os seus processos naturais, tende a fixar uma produção de drenos fora desse período”, explica o botânico Leandro Giacomini. Na seca, essa planta está lutando para se manter porque há menor disponibilidade de água no solo e ela tende a alocar sua energia para manutenção. O botânico Leandro Giacomini esclarece que quando há um período de chuvas e a água passa a estar abundante no solo, é o momen-

to adequado para investir nessa estratégia de gastar muita energia com as flores e os frutos para poder se reproduzir. “Isso varia conforme a espécie porque algumas têm capacidade de armazenar água, como as árvores barrigudas de áreas secas; algumas também armazenam no sistema subterrâneo. Temos espécies que aceleram seu metabolismo na ausência de água abundante para as reações que têm que fazer para o seu próprio corpo”.

Oferta de água incide nos ciclos de vida e reprodução de vegetação

Em regiões mais secas existe uma mudança muito maior na temperatura em função da presença ou não de água, segundo o biólogo Leandro Giacomini. “Temos uma intensidade muito maior de calor e uma menor disponibilidade de água no

solo. É isso que vai modular o crescimento e a produção de flores pelas plantas”. No Litoral, em cidades como João Pessoa, o especialista diz que as temperaturas oscilam pouco. No período chuvoso, a média é de 26 graus e, no seco, entre 30

e 32 graus. “Uma variação de quatro graus, que não é extremamente notável, tanto é que em João Pessoa não é comum que tenhamos que mudar muito o modo de vestir durante o ano. É claro que essa não é a mesma situação do interior”, disse.



ALDEONE ABRANTES

Dirigente fala das prioridades em 2024

Uma das metas do presidente do Sousa é avançar de fase pela primeira vez na disputa da Copa do Brasil

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

O Sousa fez da temporada de 2023 uma das mais marcantes da história do clube. As marcas deixadas faz a diretoria trabalhar com a responsabilidade de tentar superar os números e as campanhas nas principais competições no calendário esportivo do próximo ano. A meta do clube é dar continuidade ao trabalho desenvolvido nos últimos quatro anos, recolocando a equipe como protagonista do futebol paraibano e garantindo participações na Copa do Nordeste, Copa do Brasil e Campeonato Brasileiro.

“Carregamos a responsabilidade de tentar fazer um 2024 melhor, em função do que fizemos nesta temporada. Vamos disputar grandes competições a começar pelo Campeonato Paraibano, o qual considero que será um dos mais disputados nos últimos anos. Teremos um Botafogo consistente, na iminência de conseguir um acesso para a disputa do Brasileiro da Série D, um Treze que está se reorganizando, um Campinense que não pode ser esquecido, um Serra Branca com poderio financeiro e os dois representantes do Sertão (Sousa e Nacional) vindo de grandes campanhas na Série D”, disse o presidente do Sousa, Aldeone Abrantes.

Ao todo, o Dinossauro disputou 34 jogos em três competições, Copa do Nordeste, Campeonato Paraibano e Campeonato Brasileiro da Série D, tendo em duas delas, a iminência de conquistar o sucesso. No entanto, teve seus objetivos frustrados com a perda do Campeonato Paraibano e a eliminação das quartas de final na Série D, perdendo a chance de conseguir o inédito acesso para a disputa da Série C em 2024.

Na disputa da fase preliminar da Copa do Nordeste, o clube acabou eliminado para o Confiança-SE. Na campanha do Campeonato Paraibano, o Dinossauro se consolidou como a melhor equipe da 1ª fase, a vi-

Fotos: Roberto Guedes



A temporada de 2024 já começou: Aldeone deu início ao processo de renovação de alguns jogadores e segue no mercado

Eventos

Na próxima temporada, o Sousa vai disputar a Copa do Brasil, a Série D do Campeonato Brasileiro, o Campeonato Paraibano e ainda deve disputar a fase preliminar da Copa do Nordeste, a ser definida pela CBF nos próximos dias

tória histórica por 5 a 1, no jogo da volta contra o Botafogo, na segunda partida da semifinal em Sousa, deu a equipe certeza o status de favorita para a conquista do título. Mas o alviverde sucumbiu diante do Treze e acabou perdendo o título, em casa, nos pênaltis, após dois resultados iguais de 1 a 0. Restava ao clube, a aposta na disputa da Série D.

Na competição nacional, o Sousa teria o desafio de buscar uma das quatro vagas no Grupo 3 repleto de agremiações tradicionais como Santa Cruz-PE e Campinense-PB. O clube foi além e não só conquistou uma vaga, como terminou a fase de classificação com a 1ª colocação do grupo. Na fase de mata-mata, eliminou Falcon-SE e Atlético-CE para chegar à disputa de uma vaga de acesso para a Série C, mas novamente decepcionou

o torcedor alviverde.

O alviverde deixou escapar a chance do acesso depois de ter perdido a 1ª partida para a Ferroviária-SP, por 1 a 0, em Araquara-SA. No jogo da volta, em Sousa, o empate em 1 a 1, impediu que o clube garantisse a passagem para a semifinal e a conquista do acesso à terceira divisão do futebol nacional. Nas duas situações, a diretoria do clube atribuiu as frustrações à falta de maturidade nas disputas da fase de mata-mata.

“Apesar dos pesares, tivemos um ano vitorioso. Perdemos as chances de fazer história por duas vezes, coincidentemente, com os jogos sendo realizados nos nossos domínios. Há situações adversas que o futebol proporciona numa partida em específico, que podem custar caro. Mas, acredito que faltou ao clube a maturidade de saber se

comportar em jogos válidos pela fase de mata-mata”, pontuou o presidente Aldeone Abrantes.

O primeiro passo da diretoria foi renovar com o treinador, Renatinho Potiguar. O treinador de 40 anos foi um dos responsáveis pela grande temporada do clube, no comando de 34 partidas frente ao Dinossauro ele obteve um retrospecto de 19 vitórias, seis empates e nove derrotas, acumulando aproveitamento de 61,7%. Números que credenciaram o comandante a estar à frente do clube por mais uma temporada.

Quem também tiveram contratos renovados foram o atacante Luiz Henrique, principal jogador da temporada, e o do volante Alexandre Aruá, um dos nomes importantes na disputa da Série D, bem como o lateral-esquerdo, Leozinho. Na última semana, o clube anun-

“**Vamos disputar grandes competições a começar pelo Paraibano, o qual considero que será um dos mais disputados nos últimos anos**”

Aldeone Abrantes

ciou a chegada do meia Hebert Cristian, 25 anos, que estava no Jequié, time que foi campeão da 2ª divisão do Campeonato Baiano.

Em 2024, o Sousa terá um calendário esportivo repleto de competições. O clube vai disputar logo de início a fase preliminar de grupos da Copa do Nordeste com data ainda a ser definida pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Na agenda de competições ainda tem o Campeonato Brasileiro, a Copa do Brasil e o Campeonato Brasileiro da Série D. Sem dúvidas, a competição mais importante é o Campeonato Paraibano, por se tratar da competição pré-requisito que garante vaga na disputa de outras competições regionais e nacionais.

A cúpula sousense trabalha nos bastidores para formar um elenco ainda mais forte em 2024, capaz de brigar pelas primeiras posições na competição estadual. Mas admite que uma das grandes metas de 2024 é buscar o avanço na 2ª fase da Copa do Brasil. A diretoria entende que esse alcance pode ser um divisor de águas nas questões esportivas e financeiras. Nas cinco vezes que disputou a competição nacional, o clube foi eliminado por Flamengo-RJ (1995), Vitória-BA (2008), Vasco-RJ (2010), Coritiba-PR (2013) e Goiás-GO (2022).

“O clube tenta superar o fato de jamais ter avançado na 1ª fase da disputa na Copa do Brasil, isso nos daria respaldo em termos esportivos e financeiros. O Sousa pensa em investir na infraestrutura com a construção de um centro de treinamento, no entanto, para tornar esse desejo realidade é preciso conseguir aporte financeiro. Do ponto de vista esportivo, a grande competição será o Campeonato Paraibano, mas temos como uma das principais metas buscar o avanço de fase na Copa do Brasil, que ainda é uma pedra em nosso sapato”, finalizou Aldeone Abrantes.



O presidente Aldeone Abrantes em conversa com o dirigente Múcio Fernandes durante reunião do Conselho Técnico para o Campeonato Paraibano de 2023

SETEMBRO LILÁS

CBF e Zico na luta contra o Alzheimer

Parceria entre a entidade e o jogador reforça a importância da atividade física, da prevenção e do diagnóstico precoce

Estima-se que cerca de 1,8 milhão de brasileiros vivem com diferentes tipos de demência, e a cada ano, aproximadamente 100 mil novos casos são diagnosticados. Com o intuito de elevar a conscientização e combater o estigma ligado à demência, foi instituído o Setembro Lilás. Neste ano, a Federação Brasileira das Ações de Alzheimer (Febraz) lançou a campanha “Nunca é Cedo ou Tarde Demais”, que se concentra nos fatores potenciais e no papel crucial da redução desses riscos para evitar, retardar e prevenir o Alzheimer e outras formas de demência.

Além disso, a campanha deste ano apresenta uma parceria com a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e o ex-jogador de futebol Zico, que é o embaixador da causa desde 2019. Durante a abertura dos jogos da 24ª rodada do Campeonato Brasileiro da Série A, aberta na última segunda-feira e fechada ontem, foi exibida uma faixa que alerta a população sobre a prevenção e o diagnóstico precoce do Alzheimer e de outras formas de demência. Embaixador do Alzheimer no Brasil desde 2016, Zico gravou um vídeo convocando voluntários para a campanha do Alzheimerbook 2023: “Alzheimer, conviver é viver”.

Vestindo a camisa da campanha, o ex-craque de futebol falou da importância do mês de setembro, quando ocorre campanhas de conscientização pelo mundo, que visam melhorar a compreensão sobre a demência e a convivência consciente e saudável com as pessoas com Alzheimer.

Conforme as novas diretrizes de saúde, atividades físicas regulares, aliadas a uma

alimentação equilibrada e interações sociais, desempenham um papel vital na redução do risco de possíveis casos de Alzheimer.

“É de suma importância enfatizar que a atividade física figura entre as melhores abordagens para reduzir o risco de demência. Ela promove benefícios para o coração, circulação, peso e bem-estar mental. É aconselhável que os adultos busquem realizar 150 minutos de atividade aeróbica moderada ou 75 minutos de atividade aeróbica vigorosa por semana, como forma de prevenção do Alzheimer e outras demências”, destaca a presidente da Febraz, Elaine Mateus

De acordo com a ADI, até 2050, o número de indivíduos vivendo com demência triplicará, o que torna essa uma das preocupações em saúde mais urgentes. A Febraz destaca os avanços em medicamentos modificadores da doença, que ampliam a possibilidade de uma cura, contudo, ressalta o significativo papel da redução de riscos. A federação acredita que adotar medidas proativas para diminuir os fatores de risco pode aumentar as chances de preservar a saúde cerebral por um período mais extenso.

“Durante o Mês Mundial do Alzheimer queremos combater o estigma em torno da demência, que muitas vezes leva à discriminação e ao mal-entendido. Isso traz isolamento, para aqueles que vivem com a condição e suas redes de apoio, atraso ou impedimento para as pessoas procurarem informações, orientação, apoio e um diagnóstico correto”, finaliza.



Zico é embaixador do Alzheimer desde 2016 e tem se engajado na campanha, mostrando a importância de fazer atividade física

RAFAEL NADAL

Espanhol está na reta final de recuperação para voltar em 2024

Agência Estado

Em reta final de recuperação de cirurgia no quadril, o espanhol Rafael Nadal revelou esta semana que vai voltar às quadras. O tenista garante que sonha em retorno em alto nível, mas revelou que o sonho não é conquistar o Aberto da Austrália ou Roland Garros. Admitiu, ainda, que a temporada de 2024, mesmo aos 38 anos, pode não ser sua última da sua carreira.

"Não tenho um plano definido (de aposentadoria em 2024), quero voltar às quadras e ser competitivo, mas o sonho não é voltar e vencer Roland Garros ou Austrália. Que as pessoas não se confundam, tenho muita consciência de que no momento em que estou na minha vida tudo isso está muito distante", admitiu ao canal Movistar Plus o ex-líder do ranking, dono de 22 títulos de Grand Slam, mas que ultimamente vem travando batalhas com mais frequência contra as dores no corpo do que diante de outros tenistas.

"Não digo impossível (ganhar outro Grand Slam) porque no final as coisas no esporte mudam muito rapidamente. E não estou frustrado por uma razão simples: dentro das minhas possibilidades, fiz todo o possível para que as coisas

corressem da melhor maneira possível para mim. Não me iludo e tenho consciência das dificuldades que enfrento, a idade e os problemas físicos que não me permitem treinar 100%. Mas isso não tira meu entusiasmo", enfatizou.

"Me encontro bem, as lesões desapareceram, então, por qual motivo não seguir?", questionou. "Ter muita dor mudou meu caráter, mais do que o necessário. Agora vivo com a dor controlada e isso não me deixa amargo. Mas quando tenho dificuldade em descer as escadas em casa, é difícil ficar muito feliz", admitiu.

Por causa das lesões, Nadal revelou que se "desligou" do mundo do tênis, evitando acompanhar muitas partidas ou competições. "Quando não jogo, vejo pouco tênis, por pura desconexão. Sou uma pessoa que vira a página rapidamente. Estou em paz e embora não tenha conseguido estar nos lugares onde gostaria, estou bem. Vi a final do US Open e de Wimbledon, não porque não goste, mas porque seria muito ingrato", falou. "Quando você faz algo durante toda a vida, você não se desconecta totalmente."

Sobre ter sido superado como maior ganhador de Grand Slams por Novak Djokovic, que agora tem 24 diante de suas 22 conquistas, Na-

“
Eu gostaria de ser o tenista com mais Grand Slams da história. Mas nunca foi uma obsessão nem me frustra

Rafael Nadal

dal mostrou-se conformado. "Eu gostaria de ser o tenista com mais Grand Slams da história. Mas nunca foi uma obsessão nem me frustra. Com 22 Grand Slams você não pode viver frustrado", disse.

"Novak vive isso de uma maneira diferente da que eu experimentei. Teria sido uma frustração maior para ele não conseguir e talvez por isso tenha conseguido. Ele teve a capacidade de levar a ambição ao máximo. Estive de forma saudável, sem ficar mais irritado do que o necessário na quadra quando as coisas não estavam indo bem. São culturas diferentes de cada jogador, cada país vivencia isso de forma diferente."



Rafael Nadal diz que vai voltar a jogar, mas sem a obsessão de vencer mais um Grand Slam

ENDRICK

Jovem diamante esperando brilhar

Talismã do Palmeiras conta os dias para realizar o seu grande sonho de vestir a camisa do Real Madrid em 2024

Fifa.com

A Fifa foi até a casa de Endrick, em São Paulo, para conhecer um adolescente tímido, ou "tranquilo" como ele gosta de dizer, e quase comum: estuda, ama videogame e queria poder comer mais hambúrguer e açaí do que a rotina de atleta permite. Mas a maior diferença está no fato de que ele já usa o pronome "nós" para falar do Real e da futura parceria com Vinícius Júnior, Rodrygo e Eder Militão.

"Sempre quis o Real. Outros clubes queriam, mas eu só estava em busca do Real. Sempre converso com Vini, Eder e Rodrygo. Que nós possamos levar alegria ao povo madridista", afirmou o atacante, encantado pelo imponente e glorioso Santiago Bernabéu.

"Quando fui assistir a um jogo lá, eu vi aquele estádio bonito, o pessoal cantando o nome dos jogadores. Aquilo é muito lindo. Espero que um dia eu possa pisar naquele estádio e fazer aquela torcida feliz com meu desempenho. Que a gente possa dar show lá!", disse ele sobre a história que começará a escrever em 2024.

Ainda levará um tempo, e, por enquanto, Endrick tem os pés firmes em 2023. "Estou pensando no Palmeiras e em conquistar os títulos aqui", completou o jogador que já foi campeão brasileiro, paulista e da Supercopa com o elenco profissional. Se fôssemos listar aqui todos os títulos que ganhou na base alviverde, esse texto ficaria enorme.

O "Verdão", por sinal, é muito mais do que o time que Endrick defende antes de partir para a Europa. O Palmeiras deu emprego ao pai do jogador – quando o garoto era ainda mais menino – e tornou possível a mudança de 970 km da família de Goiás para São Paulo. Aliás, no passado, Douglas trabalhou limpando a sala em que o filho assinou o primeiro contrato profissional da carreira.

O Palmeiras abriu todas as portas, mas o atleta sabe que, no fim das contas, o maior responsável por mudar a vida de seus familiares é seu próprio talento.

"O Palmeiras me ajudou, tenho uma gratidão imensa. Essa oportunidade fez com que eu pudesse mostrar meu futebol e ajudar minha família. Eu tenho consciência disso e agradeço muito a Deus", disse.

No time profissional alviverde, o atacante já fez 10 gols em 43 jogos, mesmo sem a titularidade. O primeiro gol, aliás, foi com apenas 16 anos, tornando-se o mais jovem a marcar na história do clube. Segundo o Sofascore, dentre todos os jogadores do Brasileirão 2023, ele é quem menos precisa de chutes a gol para marcar: Endrick faz gol a cada 2,4 finalizações. Na base base, foram 161 gols em 188 partidas!

Ele quer comemorar gols em palcos cada vez mais desafiadores, e a Copa do

Mundo Fifa e os Jogos Olímpicos são grandes sonhos.

"É óbvio que a Copa do Mundo é o que eu quero jogar na minha vida. Se Deus quiser, quero conquistar o hexa para o Brasil e deixar todos felizes. Vou agradecer muito se isso acontecer um dia. Mas meu próximo objetivo na Seleção é estar na próxima Olimpíada."

A pressão

Uma mente ativa tem mais do que sonhos. É de se imaginar que Endrick deve ter pelo menos 72 preocupações na cabeça, uma para cada milhão de euros de sua transferência para a Europa – o acordo entre Real Madrid e Palmeiras gira em torno de € 72 milhões, quase R\$ 400 milhões. Basta um pequeno erro em campo para que surjam críticas desproporcionais de quem se esquece que ele ainda está em formação.

"Tenho de jogar bem e

“

Tenho de jogar bem e fazê-los torcerem por mim. Vou fazer com que pensem o contrário. É o que quero para minha carreira, trazer todos para perto

Endrick

fazê-los torcerem por mim. Vou fazer com que pensem o contrário. É o que quero para minha carreira, trazer todos para perto. Espero ter a nação brasileira junto comigo", respondeu.

A expressão de Endrick muda quando ele admite que a expectativa colocada em seu futebol não o deixa totalmente confortável: “Ah, cara, não vou mentir. Eu preferiria ter muito menos visibilidade. Aí eu ia evoluir bem."

"O torcedor, óbvio, fala quando você está mal. Não está errado, tem de cobrar mesmo. Mas aqui no Brasil, se perde um jogo, não pode sair. Quando está bem, é um deus. Quando o time não está bem, não presta. Precisa ter a cabeça no lugar", afirmou.

Mas ele mostra maturidade. "Foi o que Deus planejou, é fruto do meu trabalho. Se tem gente falando mal, é porque estou incomodando. Nenhuma dessas pessoas, se estivesse no meu lugar, gostaria disso. Tenho de seguir com os pés no chão, trabalhando, e eu só penso em melhorar", acrescentou o jovem.

A (experiente) juventude

Endrick convive com

um elenco que não cansa de ganhar títulos. Dentre tantos veteranos vencedores, ele parece ter absorvido especialmente os conselhos do meia Raphael Veiga, a quem trata como um "irmão mais velho" no vestiário. Em entrevista à Fifa, o jogador de 28 anos contou um pouco do que costuma dizer ao garoto.

"Eu falo que cada vez mais o jogo é muito mental. Ser um cara equilibrado que não depende de elogios e não se abala com as críticas. Nem quando faz gol você é o melhor, nem quando perde o gol você é o pior", disse Veiga.

Depois de ouvir vozes experientes, Endrick, que sempre foi um "menino de família" apegado aos pais e ao irmão pequeno, reforçou ainda mais os hobbies caseiros e colocou regras para a alimentação – ou seja, o consumo do amado açaí foi limitado, missão difícil para um adolescente.

"É muito difícil. Você quer comer algo, sair para comer um hambúrguer e não pode, já tiram foto. É melhor se preservar. Eu fico em casa fazendo o que gosto. Mas quando dá para sair e jantar com amigos, eu vou para tirar um pouco a cabeça do futebol."

E do que ele gosta, afinal? O que faz quando não está jogando futebol?

Bem, ele continua jogando futebol, mas no videogame; e faz isso pegando emprestado o talento de Ronaldo Fenômeno e Crujff, escalados em seu time virtual nas gameplays que ele transmite ao vivo na internet.

"São craques na vida real e no game, e creio que dá para colocar alguns lances deles na vida real", contou. São nomes de reconhecimento global, que brilharam na Espanha, como ele sonha em ser um dia. Endrick pode ser tímido no começo das entrevistas, mas vai se soltando aos poucos e quer se comunicar com o mundo.

Enquanto outras pessoas aproveitam a privacidade do banho para ensaiar discursos de prêmios como o Oscar e o The Best FIFA, ele finge que está falando outras línguas. Ensaiar o espanhol é um treino importante para chegar bem a Madri.

"Tenho de chegar falando bem! Se chegar mal, esquece", brincou o jogador, que quer concluir a vida escolar corretamente e se lembra com carinho e bom humor da vez em que tentou jogar o campeonato interclasses no colégio. "Joguei um só, a gente ganhou. Mas depois que me tornei 'isso', fui jogar e deu briga. Acho engraçado. Eu fui escolhido, um menino queria, mas outro também. Rolou uma briga... até que não joguei", relatou.

Quando diz que se tornou "isso", o atacante não imagina a profundidade e o peso que a frase transmite. O futuro não tem pressa para dizer o que ele se tornará no futebol, mas, hoje, Endrick é um jovem diamante ansioso para brilhar.



Endrick reconhece a importância do Palmeiras na sua vida, mas tudo graças ao seu talento



Ele já usa o pronome “nós” para falar do Real e da futura parceria com Vini Júnior e Rodrygo

Fotos: Cesar Greco/Palmeiras



Foto: Reprodução/Profimedia

Foto: Marcelo Cortes/Flamengo

Calleri e Gabigol, dois personagens que podem decidir o título da Copa do Brasil de 2023, hoje, no Morumbi. No primeiro jogo, no Maracanã, o jogador do São Paulo levou a melhor

COPA DO BRASIL

Dia de gritar: É campeão!

São Paulo tem a vantagem do empate no jogo decisivo de hoje contra o Flamengo, no Morumbi, a partir das 16h

Hoje é dia de gritar: É campeão! São Paulo e Flamengo jogam a partir das 16h, no Morumbi. O vencedor leva um prêmio de R\$ 70 milhões. Se do lado do São Paulo, grande favorito ao título, será uma conquista inédita, a primeira em todas as edições da Copa do Brasil desde a sua primeira disputa em 1989, vencida pelo Grêmio, do lado rubro-negro, os quatro títulos - já ganhou nos anos de 1990, 2006, 2013 e 2022 -, abre a possibilidade de um quinto, mas diante do turbilhão de problemas que ronda o Ninho do Urubu, se torna complicado, pois desde o início desta temporada, quando a equipe disputou vários títulos e fracassou como o Mundial de Clubes, Recopa Sul-Americana, Supercopa do Brasil, Campeonato Carioca e Libertadores, este último eliminado nas oitavas de final.

Agora tem a chance de salvar a temporada, mas o resultado adverso no jogo de ida, em casa, com a derrota de 1 a 0 em mais uma exibição medíocre, deixa o torcedor rubro-negro desconfiado de mais uma decepção.

Se do lado tricolor, o ambiente é dos mais tranquilos, desde a chegada de Dorival Junior que hoje pode se tornar bicampeão da Copa do Brasil, afinal estava do outro lado na final contra o Corinthians, quando o Flamengo se tornou campeão nos pênaltis, do lado rubro-negro só problemas com o elenco mais caro do Brasil prestes a encerrar o ano de forma melancólica.

Tem um detalhe interessante sobre esse confronto no Morumbi pela Copa do Brasil nos últimos anos. No ano passado, o Flamengo venceu por 3 a 1 no Morumbi, só que no jogo de ida pelas semifinais e depois ganhou no Maracanã por 1 a 0 para decidir o título com o Corinthians. No entanto, na temporada de 2020, pelas quartas de final, o São Paulo humilhou o Flamengo com uma goleada de 3 a 0 no Morumbi para depois vencer também no Maracanã por 2 a 1. Como se vê, em decisões pela Copa do Brasil, o desempate sai neste domingo.

Técnicos

Fora das quatro linhas, no comando da equipe, Dorival leva gran-

de vantagem sobre Jorge Sampaoli. Ele é um exemplo de sucesso no cenário nacional e internacional, com títulos da Libertadores, Copa do Brasil e estaduais no currículo, além de passagens por grandes clubes. Além de colecionar passagens por grandes clubes no Brasil, Dorival Júnior, de 60 anos, também tem muitos títulos, desde estaduais até internacionais.

A última conquista da carreira foi em 2022, quando ganhou a Copa do Brasil e a Libertadores com o Flamengo. No fim do ano passado foi demitido do rubro-negro. Dorival tem títulos nos Campeonatos Catarinense (Figueirense em 2004), Pernambucano (Sport, em 2006), Paranaense (Coritiba em 2008 e Athletico em 2020), Paulista (Santos em 2010 e 2012), Gaúcho (Internacional, em 2012), Copa do Brasil de 2010, pelo Santos, além da Copa do Brasil e Libertadores pelo Flamengo, em 2022, e ainda, o Brasileiro da Série B pelo Vasco em 2009).

Se o técnico do São Paulo é um colecionador de títulos importantes, o mesmo não se pode dizer de Jorge Sampaoli, do Flamengo. Este, em

toda a sua carreira, soma apenas seis troféus de primeira linha, como a Copa América de 2015, pela Seleção do Chile, a Sul-Americana de 2011 pela Universidade de Chile e ainda o Campeonato Mineiro pelo Atlético em 2020. Os outros torneios não têm muita expressão como o Apertura pela Universidade do Chile em 2011 e 2012 e Clausura.

Calleri x Gabigol

A temporada de 2023 tem sido abaixo do esperado em desempenho do camisa 10 do rubro-negro. Com 20 gols ao longo do ano, a má fase de Gabriel Barbosa é refletida dentro e fora de campo. Decisivo em competições, Gabigol vive uma fase ruim e tem sido um dos piores jogadores do Flamengo nos últimos jogos. No domingo passado, irritou a torcida ao interromper a entrevista de Dorival Junior, cumprimentá-lo e ainda mandar beijinhos, após a derrota de 1 a 0 no Maracanã.

Por outro lado, o artilheiro do São Paulo, Jonathan Calleri encerrou seu jejum de gols na competição nacional pelo São Paulo. Em nove jogos na temporada, a partida

com o Flamengo foi a primeira em que o atacante foi às redes. No mata-mata da Copa do Brasil, desde que retornou ao clube para sua segunda passagem, seu desempenho tem registrado queda, considerando, além da Copa do Brasil, a Copa Sul-Americana.

“Toca no Calleri que é gol.” O canto da torcida são-paulina para o argentino, ao menos em 2023, não havia tido o resultado esperado. Em 12 partidas de mata-mata do time, Calleri marcou apenas dois gols, considerando a final contra o Flamengo do domingo - uma média de 0,16 gol por jogo.

O outro gol foi marcado no duelo de volta das oitavas de final da Copa Sul-Americana, na vitória do São Paulo por 2 a 0 sobre o San Lorenzo, da Argentina.

Com a vantagem na partida de ida, o São Paulo precisa de um empate, hoje, às 16h, para garantir o título inédito da Copa do Brasil. A partida acontece no Morumbi e os ingressos já estão esgotados. O jogo será apitado por Braulio da Silva Machado-SC cm auxílios de Bruno Raphael Pires_GO e Bruno Boschilia-PR



Foto: Rafael Ribeiro/CBF

Além do troféu de campeão, o clube vencedor receberá um prêmio de R\$ 70 milhões pago pela CBF

CURIOSIDADES DA COPA DO BRASIL

- O Cruzeiro é o maior vencedor da Copa do Brasil com seis títulos da competição, seguido do Grêmio, com cinco títulos, e de Flamengo e Palmeiras, com quatro títulos. O estado de São Paulo é o maior vencedor com dez conquistas. A região com mais títulos é o Sudeste, 23 no total.
- Os campeões invictos da Copa do Brasil são: Grêmio (1989, 1994 e 1997), Cruzeiro (2000 e 2003), Palmeiras (2012), Corinthians (1995), Criciúma (1991) e Flamengo (1990).
- Nas cinco primeiras edições, o campeão de cada ano ficava com a taça. Desde a Copa do Brasil de 1994, o clube que vencesse o torneio por três vezes a partir daquela edição ficaria definitivamente com o troféu. O Grêmio conquistou este direito em 2001. De 2002 a 2007 a Copa do Brasil teve um novo troféu em disputa sem posse definitiva. O troféu foi substituído em 2008, criado pelo artista plástico Holoassy Lins de Albuquerque.
- Até 2015 nenhuma final da Copa do Brasil havia sido disputada nos pênaltis. O Palmeiras venceu o Santos na decisão da Copa do Brasil de 2015 na disputa de pênaltis. Fato inédito na história da competição.
- Apenas a Região Norte não teve representantes na final da Copa do Brasil. A Região Centro-Oeste ainda não venceu nenhuma edição, mas já esteve presente na final por duas vezes: em 1990 com o Goiás e em 2002 com o Brasiliense.
- O Sport Club do Recife foi o primeiro campeão nordestino da Copa do Brasil. O "Leão da Ilha" venceu o Corinthians na final em 2008.
- Com 14 gols pelo Cruzeiro em 2005, Fred é o maior artilheiro numa única edição da Copa do Brasil.
- Alcindo do Flamengo marcou o primeiro gol da Copa do Brasil, na vitória por 2 a 0 sobre o Paysandu.
- Atlético Mineiro 11 x 0 Caiçara. Esta é a maior goleada da história da Copa do Brasil. Este jogo foi realizado em 4 de março de 1991 na segunda partida da primeira fase. No primeiro confronto o Atlético Mineiro venceu por apenas 1 a 0 a equipe do Piauí. No histórico jogo de volta, o placar do Estádio Independência, em Belo Horizonte, parou de exibir o placar após 9 a 0 porque o mesmo só tinha um dígito por clube. Apesar da goleada o Atlético foi eliminado pela fase seguinte pelo Criciúma, clube que se sagrou campeão naquele ano.



EDIÇÃO: Jorge Rezende
EDITORACÃO: Ulisses Demétrio

Foto: Evandro Pereira

25
A UNIÃO
João Pessoa, Paraíba
DOMINGO, 24 de setembro de 2023

Palácio da Justiça fica localizado na Praça João Pessoa, no Centro da capital

Andanças de um Tribunal

O Poder Judiciário da Paraíba só passou a ter uma sede própria em 1939; antes disso, peregrinou por diversas repartições públicas e prédios alugados, como a Escola Normal, o Tesouro Estadual e o Lyceu Parahybano

Sara Gomes
sara.gomesreporterauniao@gmail.com

Antes de ocupar definitivamente o prédio do Palácio da Justiça, localizado na Praça João Pessoa, na capital paraibana, o Tribunal de Justiça peregrinou por diversas repartições públicas. Somente veio a ter sede própria em 1939. Antes era no prédio da antiga Escola Normal, também no Centro de João Pessoa. São 84 anos preservando a memória do Poder Judiciário, e “na luta pelos direitos do paraibano”. O Palácio da Justiça abriga também o Museu e Cripta de Epitácio Pessoa – único paraibano que chegou à Presidência da República. O Tribunal de Justiça do Estado da Paraíba (TJPB) foi fundado em 15 de outubro de 1891, na época do governo Venâncio Neiva. Sua primeira instalação foi no primeiro andar do prédio que abrigava o antigo Tesouro Estadual, atual sede do 1º Batalhão da Polícia Militar, no Centro.

Devido à necessidade de reforma no prédio do Tesouro, em 1905, o Tribunal de Justiça passou a funcionar, provisoriamente e de maneira precária, no Palácio do Governo. Por volta de 1910, o Tribunal continuou sua peregrinação se abrigando no prédio do antigo Lyceu Parahybano, onde funcionou a Faculdade de Direito da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), também na Praça João Pessoa, que às vezes é chamada de a Praça dos Três Poderes. Depois o Tribunal passou a realizar sessões em prédios alugados. Um deles, estava localizado na Avenida General Osório, onde hoje é a Biblioteca Pública Augusto dos Anjos, segundo informações do ‘Memorial Virtual’, no site do Tribunal de Justiça da Paraíba.

O presidente estadual Camilo de Holanda (1916-1920) construiu a antiga Escola Normal. Inaugurada em 1919, o prédio abrigou o Curso de Formação de Professoras por quase 20 anos. Em 1935, o interventor Argemiro de Figueiredo foi nomeado por Getúlio Vargas para assumir o Governo da Paraíba.

O desembargador e presidente da Comissão de Cultura e Memória do Poder Judiciário da Paraíba, Marcos Cavalcanti Albuquerque, conta que o presidente do Tribunal de Justiça na época, Arquimedes Souto Maior, reclamou porque o Tribunal ainda não tinha uma sede própria. “Arquimedes comparou a situação do Tribunal como a de um judeu errante, sem morada fixa. Ele é muito importante na história do Palácio da Justiça, tanto é que batizamos o anexo administrativo com seu nome”, declara o desembargador.

Foto: Evandro Pereira



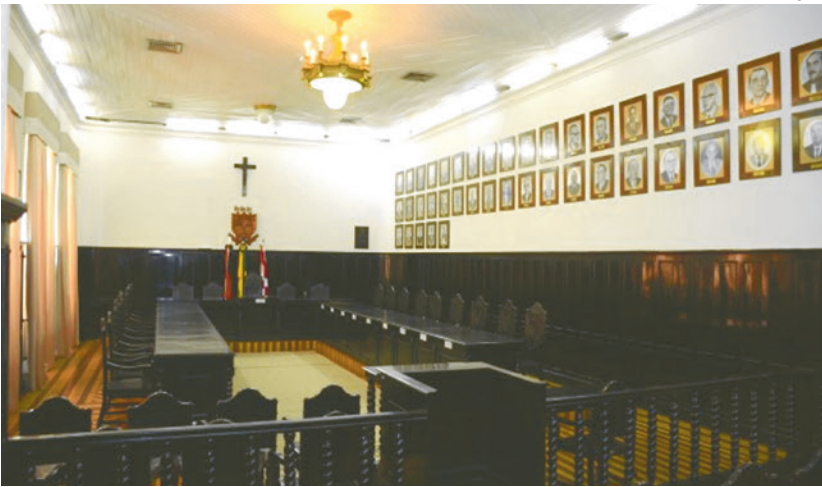
Desembargador Marcos Cavalcanti, presidente da Comissão de Cultura e Memória do TJPB

Foto: Acervo do TJPB



Museu e Cripta de Epitácio Pessoa, que preserva os restos mortais do ex-presidente

Foto: Acervo do TJPB



Antiga sala de sessões que hoje também integra o Museu do Tribunal de Justiça

Obras de revitalização e preservação

A administração estadual do governador João Azevêdo (PSB), por meio da Superintendência de Obras do Plano de Desenvolvimento do Estado (Suplan), está revitalizando o prédio do Palácio da Justiça. As obras de restauração de um dos edifícios históricos mais importantes para os paraibanos, ainda estão em pleno andamento e a previsão de conclusão dos trabalhos é para o final do mês de novembro.

“Mensalmente fazemos o acompanhamento das obras.

Podemos constatar um avanço significativo e estamos satisfeitos com o trabalho conjunto, que envolve os Poderes Judiciário e Executivo”, comenta o desembargador João Benedito da Silva, atual presidente do Tribunal de Justiça da Paraíba.

A superintendente da Suplan, Simone Guimarães, garante que, mesmo antes do mês de novembro, a parte do Palácio (Bloco D) será entregue já no início de outubro. “Na verdade, o prédio passa por um grande processo de restaura-

ção e de preservação histórica, que está sendo tratado com todo zelo. Em 30 de novembro deste ano vamos entregar a reforma completa”, garante Simone Guimarães.

O prédio do Palácio da Justiça é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep). O local é composto pelo Salão Nobre, a sala do antigo Tribunal Pleno, gabinetes e a Cripta de Epitácio Pessoa.

Museu e Cripta de Epitácio Pessoa

A partir de 1965, a edificação do TJPB passou a abrigar o Museu e Cripta de Epitácio Pessoa, quando completou o centenário de nascimento do ex-presidente da República. De acordo com Marcos Cavalcanti, o governador de então, Pedro Moreno Gondim, e o presidente do Tribunal de Justiça da época, Francisco Espínola, tiveram a ideia de abrigar os restos mortais do ex-presidente da República e da sua esposa, Mary Sayão Pessoa.

“No subsolo do Tribunal de Justiça foi construída a cripta. Na parte superior existe um museu do presidente Epitácio, que conta um pouco da história dele por meio de fotos, documentos e objetos, uma fonte de pesquisa, estudos e reflexões que temos a honra de preservar a sua memória”, diz.

Segundo informações do site do Tribunal de Justiça da Paraíba, o ‘Memorial Virtual’ foi criado por ocasião das comemorações dos 120 anos de fundação do Tribunal de Justiça da Paraíba, em 2011, na gestão do desembargador Abraham Lincoln Ramos. Seu objetivo é facilitar o acesso do cidadão à história da Justiça paraibana, de personalidades “que tanto influenciaram para o Estado de direito Democrático”.

Nele, é possível um passeio pelo Museu e Cripta (restos mortais) de Epitácio, conhecer um pouco mais dos dirigentes da Corte ao longo dos anos e de seus integrantes. Há curiosidades como a história da negra Gertrudes; da prisão do cangaceiro Virgulino Ferreira, o Lampião; como também documentos de instalação da Justiça paraibana.

“O Museu do Tribunal de Justiça já existia, mas na gestão do desembargador Abraham Lincoln passou a ganhar força. Ele também criou a Comissão de Cultura e Memória do Poder Judiciário, do qual hoje sou presidente”, ressalta o desembargador.

Marcos Cavalcanti Albuquerque destaca a importância da preservação dos documentos pelos tribunais, não só como resgate da memória do Poder Judiciário, mas também como fonte de pesquisa a serviço da sociedade. “Como entusiasta da história, me sinto lisonjeado em poder contribuir com a preservação da memória de um patrimônio cultural tão importante para o Judiciário na Paraíba. O Museu e o Memorial estão à disposição da sociedade”, frisa.

João Gonçalves Coelho Lisboa

Jornalista de temperamento e espírito irrequieto se recusou a integrar o TCU



O jornalista, político e escritor paraibano João Gonçalves Coelho Lisboa nasceu em Areia, em 1859, e trabalhou nos jornais A Folha e A Verdade, ambos de tendências republicanas e abolicionistas

Hilton Gonvêa
aramjagovcoi74@gmail.com

Em qualquer órgão em que ele constava como integrante, todos o reconheciam como “homem de temperamento e espírito irrequieto”. Logo reconheceu que a cidade de Areia, no Brejo paraibano, era pequena demais para ele. E lançou-se no mundo, com o objetivo de cumprir seus sonhos e objetivos. Não aceitou quando os líderes da Proclamação da República o nomearam presidente da Província da Parahyba do Norte. Mas acatou o cargo de delegado de polícia, que cumpriu com zelo exagerado. Sua filha Rosalina, poetisa de renome, tornou-se uma pioneira líder feminista no Brasil.

O jornalista, político e escritor João Gonçalves Coelho Lisboa nasceu em Areia, em 27 de junho de 1859, no mesmo ano em que Dom Pedro II visitou a Paraíba. Morreu no Rio de Janeiro, em 11 de julho de 1918, aos 60 anos. Era filho de Teodósio Gonçalves Lisboa e de Josefa dos Santos Coelho Lisboa. O casal era descendente de portugueses em primeiro grau. Trabalhou nos jornais paraibanos A Folha e A Verdade, ambos de tendências republicanas e abolicionistas. Seus biógrafos o consideravam “a polêmica personalizada”, principalmente quando não conseguia impor sua vontade às pessoas contrárias às suas ideias.

Formou-se pela Faculdade de Direito de Recife, em 1884. Depois de formado foi promotor público na sua cidade natal, mas ocupou o cargo por poucos meses. Iniciou sua vida política ainda durante o Império, defendendo as causas abolicionistas e republicanas. Nessa militância, proferiu palestras contra o Império nas províncias do Rio Grande do Sul e Espírito Santo. Durante essas atividades, esteve ao lado de Aristides Lobo, também republicano histórico da Paraíba. Essa dupla resolveu centrar fogo ideológico no Rio Grande do Sul e no Espírito Santo por acharem que seus líderes aceitavam melhor abolir a escravidão e proclamar a República, coisa que era pouco simpática em outras províncias do Brasil.

Partido Republicano

Depois da Proclamação da República (15/11/1889), foi nomeado chefe de polícia pelo presidente do estado da Paraíba Venâncio Neiva (1889-1891) e ingressou no Partido Republicano da Paraíba. Devido a desentendimentos políticos, rompeu com Venâncio Neiva e mudou-se para o Rio de Janeiro, então capital do país.

Com o início da Revolta da Armada, levante de oposição ao presidente Floriano Peixoto (1891-1894), que se estendeu de setembro de 1893 a março de 1894, e sob a chefia do almirante Custódio de Melo e mais tarde do almirante Luís Felipe Saldanha da Gama, ele conseguiu a adesão da esquadra sediada na Baía de Guanabara, reforçou o levante e foi capitão do Batalhão 23 de Novembro, criado para defender o Governo Federal.



Foto: Domínio Público

Pouco antes do final do governo (1910-1914), João Gonçalves Coelho Lisboa rompeu politicamente com Marechal Hermes da Fonseca (na foto) e apresentou ao Congresso Nacional uma denúncia contra o presidente, que não foi acolhida

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

A época dos festivais – Parte VI – Os FICs

O V FIC aconteceu em outubro de 1970. O Brasil respirara há pouco a euforia da conquista da Copa do Mundo de Futebol, conquistada pela terceira vez pela seleção brasileira nos gramados do México, em junho daquele ano. Foi a época em que se cantava ainda pelas ruas o ‘Pra frente, Brasil’, de Miguel Gustavo, que serviria de uma espécie de slogan do governo de Garrastazu Médici e do seu preconizado “milagre econômico”. Necessário então se fazia que a música, melhor dizendo, o Festival Internacional da Canção daquele ano, servisse de motivação para a propaganda externa do Brasil, inclusive despertando um interesse ainda maior dos convidados estrangeiros. A TV Globo estava ciente dos trunfos daquele momento. Mesmo havendo uma espécie de boicote por parte dos compositores/intérpretes de outros festivais, uma nova geração compareceu, respondendo aos apelos televisivos. Tanto é assim que, dentre as dez primeiras músicas, pelo menos uma meia dúzia se transformou em “clássicos” de nossa MPB. Assim, quando da fase nacional, surgiram nomes como os de Sueli Costa, Martinho da Vila, Taiguara (embora uruguaio, radidou-se no Brasil), Ivan Lins, Gonzaguinha, Rui Maurity, Aldir Blanc, Lucinha Lins e outros tantos, como se verá adiante.

Na fase nacional, surgiram alguns títulos que viraram “clássicos” de nossa MPB, como



Ilustração: Reprodução

‘O amor é o meu país’, de Ivan Lins/Ronaldo Monteiro de Souza, com Ivan (2º lugar); ‘Meu Laiaraí’, de Martinho da Vila, com ele (7º lugar); ‘Universo no teu corpo’, de Taiguara, com ele (8º lugar), que apareceram ao lado de outros que foram classificados, como ‘BR-3’, de Antônio Adolfo e Tibério Gaspar, com Tony Tornado, Trio Ternura e o Quarteto Os-mar Milito (1º lugar); ‘Encouraçado’, de Sueli Costa e Titi Lemos (3º lugar) com Fábio (pa-

raguaio, radicado no Brasil); ‘Um abraço em você, viu mãe’, de Gonzaguinha, com ele (4º lugar); ‘Abolição – 1860/1960’, de Dom Salvador e Arnoldo Medeiros, com Luis Antônio, Mariá e Conjunto Dom Salvador (5º lugar); ‘Eu também quero mocotó’, de Jorge Ben, defendida pelo maestro paulista Erlon Chaves (6º lugar).

Na fase internacional, a representante do Brasil foi, obviamente, ‘BR-3’. A apresentação causou enormes polêmicas, diante da mise

-en-scène de Tony Tornado cuja vestimenta e trejeitos faziam lembrar o então violento grupo norte-americano dos Panteras Negras o que, desde a fase nacional do festival, já incomodara os governantes de plantão. Junte-se a tudo isso, uma versão criada pelo cronista social Ibrahim Sued de que ‘BR-3’ seria a identificação de uma veia onde os “viciados” recebiam doses de cocaína, e não a simples sigla da rodovia Belo Horizonte/Rio, como vinha sendo entendida...

Outro negro, o maestro Erlon Chaves, mececedor de aplausos na fase nacional, apresentou-se como convidado, com a música de Jorge Ben. Juntos, autor e intérprete e mais o Trio Mocotó e um grupo de “gatas do Caneção”, composto por exuberantes moças brancas, apresentaram-se, com elas trocando os chamados “selinhos”, com os intérpretes, atitude que provocou, ao mesmo tempo, aplausos e vaias da plateia que via a ação como uma provocação de natureza racista.

O fato é que, tirante uma oportuna “fuga” de Tony Tornado para os Estados Unidos e uma prisão temporária de Erlon Chaves, pode-se dizer que, “entre mortos e feridos”, a fase internacional foi vencida por ‘Pedro Nadie’, de Piero em parceria com José Tcherkaski, com interpretação de Piero (Antonio Franco de Benedictis), ator e cantor de canções de protesto e rock, nascido na Itália e atuante na Argentina.

Angélica Lúcio

angelicalucio@gmail.com

Da preguiça como método ou... Uma coluna social sobre jornalistas

Mário Quintana tem um livro intitulado ‘Da preguiça como método de trabalho’. A edição que tenho em casa foi presente do jornalista André Cananéia. Recorro a Quintana esta semana porque fiquei sem tempo e inspiração para um texto tradicional – certo, havia uma boa dose de preguiça também – e resolvi fazer uma coluna ao estilo de notas sociais. A diferença é que, nesta versão, apresento fatos sobre amigos queridos. Aproveitem!

Rasante da cegonha

Três colegas jornalistas me fizeram sorrir com boas notícias esta semana. Othacya Lopes, Luciellen Lima e Camila Alves, cada qual ao seu modo, anunciaram aos amigos a chegada dos bebês Ágatha Maria, Líana e Arthur. Parabéns, mãães! Feliz vida, crianças!

Tese premiada

Se não bastasse a chegada da pequenina Líana ao mundo, Luciellen Lima recebeu outra grande notícia essa semana: sua tese de doutorado (‘A experiência do usuá-



Foto: Instagram

Influenciadora digital e jornalista paraibana Renata Leitão

rio com conteúdos de jornalismo audiovisual em 360° e a centralidade da sensação de presença’ ficou em primeiro lugar no Prêmio Adelmo Genro Filho, da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. Bravo!

Deixa ela, que ela é escritora

A jornalista e escritora Renata Escarião está com um livro novo prontinho e, em breve, começa a pré-venda da obra. ‘Coisas de Escritora’ vai reunir crônicas, poesias e reflexões (que a autora denomina de prosa poética).

Quebrou o Instagram

O jornalista – Ok, Ok, Ok, hoje ele é mais escritor – Tiago Germano deu um susto nos amigos esses dias, ao compartilhar um vídeo surreal no Instagram. Ao acompanhar a transmissão online dos finalistas do Prêmio Oceanos, Tiago ouviu quando anunciaram o nome do seu mais recente romance (‘O que pesa no Norte’) e torceu como se vibrasse com um gol em final de Copa do Mundo. Eu faria o mesmo.

Assunto sempre necessário

Quem também está com livro à venda é a jornalista Mabel Dias. Intitulada ‘A desinformação e a violação aos direitos humanos das mulheres: um estudo de caso do programa Alerta Nacional’, a obra é fruto da dissertação de mestrado da autora.

La dolce vita

A influenciadora digital e jornalista Renata Leitão (sim, filha da querida jornalista Ivani Leitão) resolveu comemorar o aniversário fora do Brasil. Quem a acompanha nas redes sociais viu não apenas os closes de Renatinha, mas também lindos cenários da Itália. Como é bom viajar nas fotos dos colegas!

Tá faltando pauta?

Enquanto eu pesquisava algum mote para a coluna, anúncios de frigideira surgiram na tela do meu computador. O título chamativo do anúncio, “panelas que não grudam”, lembrou-me que eu ainda tinha uma pia inteirinha de louça para lavar depois de concluir a coluna. Fui!

HÁ 1800 ANOS

No Japão, havia a prática de achatar crânios de bebês

Deformação era praticada pelo povo Hirota, grupo indígena da ilha de Tanegashima

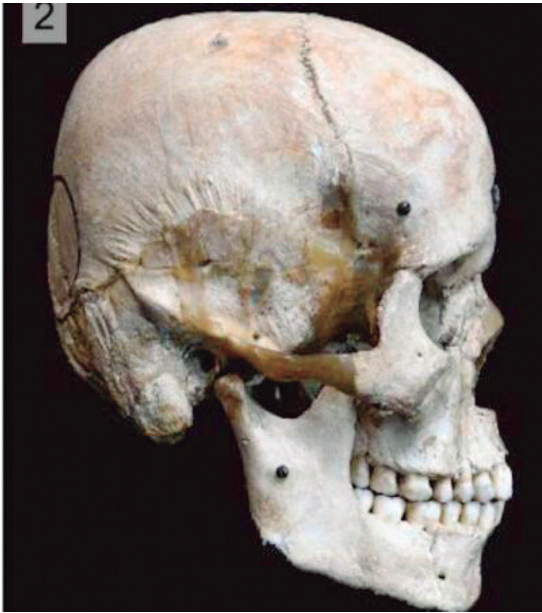
Da Redação

Um novo estudo publicado na *Plos One* (uma revista científica de acesso livre disponível apenas online, publicada pela *Public Library of Science*, que cobre principalmente pesquisa primária de qualquer disciplina na área da ciência e da medicina) descobriu a prática deliberada de deformação craniana em bebês por parte do povo Hirota, um grupo indígena que viveu entre os séculos III e VII na ilha de Tanegashima, no Japão, que durou mais de 400 anos.

Os esqueletos escavados entre 1957 e 1959 e de 2005 a 2006 na Tanegashima revelaram que a maioria dos crânios estava deformada. A principal questão era determinar se essa deformação era natural ou resultado da deformação craniana artificial (DCA) – um processo que envolve a remodelação intencional do crânio de um bebê pouco após o nascimento.

Liderados por Noriko Seguchi, uma antropóloga biológica da Universidade de Kyushu no Japão, os pesquisadores, como também registra o *Site Zap*, compararam os crânios Hirota com os dos povos Yayoi e Jomon da mesma era.

Os restos Hirota exibiam consistentemente uma cabeça ligeiramente encurtada com a parte de trás do crânio achatada, distinta dos crânios Yayoi ou Jomon. Ao analisar as formas de crânio



Pesquisadores compararam os crânios Hirota com os dos povos Yayoi e Jomon da mesma era

em 2D e em 3D, a equipe de pesquisadores encontrou danos consistentes no osso occipital e depressões nas partes do crânio que ligam os ossos. Isso sugere fortemente uma modificação craniana intencional.

Curiosamente, as deformações cranianas foram observadas igualmente em restos masculinos e femininos, sem distinção entre os gêneros, aponta o *Live Science*. As razões dessa prática única entre o povo Hirota continuam sem explicação. Uma teoria sugere que tal deformação ajudava os Hirota a distinguirem-se de grupos vizinhos. Os pesquisadores pretendem estudar mais crânios deformados antigos da região para compreender melhor a razão por trás da DCA.

A DCA não é apenas uma prática de civilizações antigas.

Historicamente, evidências de DCA foram encontradas em diversos grupos como os Hunos, mulheres europeias medievais, os Maias, algumas tribos indígenas americanas e a antiga cultura Paracas no atual Peru. Os equívocos modernos sobre os crânios alongados desse último grupo até geraram teorias da conspiração sobre origens extraterrestres.

Atualmente, a DCA

é observada na nação do Pacífico de Vanuatu, onde o processo é realizado para os indivíduos ficarem parecidos com uma divindade representada com uma cabeça alongada. Além disso, algumas regiões na República Democrática do Congo ainda veem as cabeças alongadas como um símbolo de status social, levando à continuação da prática em meninas recém-nascidas.



Imagem: Pixabay

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: retratos (2) = fotos + resumo (3) = síntese. **Solução:** Solução: conjunto de processos químicos (5) = fotossíntese. **Charada de hoje:** a letra grega (1) levou o drogado (2) a ser considerado algo sem valor (3).

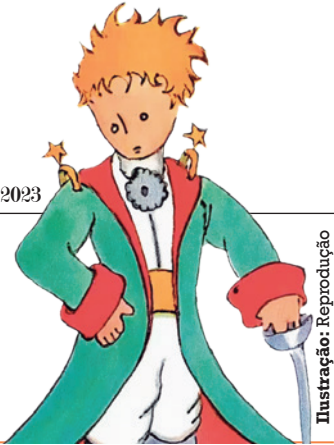


Ilustração: Reprodução

Eita!!!

Chegando aos 80 anos

Escrito pelo francês Antoine de Saint-Exupéry, o livro ‘O Pequeno Príncipe’ está completando oito décadas de publicação em 2023. Considerada um dos maiores clássicos da literatura de todos os tempos, a obra foi publicada pela primeira vez em 1943 e virou livro de cabeceira para leitores de diferentes gerações, sendo traduzida para mais de 500 idiomas ao redor do globo.

Talento como ilustrador

Além de escrever a história, Saint-Exupéry também foi quem ilustrou ‘O Pequeno Príncipe’. Embora não se considerasse um desenhista, ele com frequência praticava rabiscando imagens de pessoas pequenas em pedaços de papel por onde ia. ‘O Pequeno Príncipe’ foi inspirado em uma queda que o próprio Saint-Exupéry sofreu com seu avião, em 1936, quando uma aeronave pilotada pelo escritor, que também era aviador, caiu no Saara e ele precisou passar quatro dias no deserto. Ele sofreu com desidratação e fome, e teve até alucinações, antes de ser resgatado por um beduíno.

Autor de muitos livros

Apesar de ser seu maior sucesso, ‘O Pequeno Príncipe’ não foi o único livro publicado por Saint-Exupéry. Ele já era um autor famoso com obras respeitáveis, como ‘‘Correio do Sul’ (1929), ‘Voo Noturno’ (1931), ‘Terra dos Homens’ (1939), ‘Piloto de Guerra’ (1942) e ‘Carta a um Refém’ (1943).

Asteroides e a rosa

Os asteroides citados em ‘O Pequeno Príncipe’ realmente existem e têm numeração, denominação e nomes próprios, com exceção do B612: o 612 é chamado de Veronika, o 325 de Heidelberg, o 326 de Tamara, o 327 de Columbia, assim por diante. A rosa retratada no livro era inspirada em Consuelo, esposa de Saint-Exupéry. Ele pediu Consuelo em casamento no mesmo dia que a conheceu. Sua paixão por ela era tão arrebatadora que ele escreveu para ela uma carta de 40 páginas.

Passagens pelo Brasil

Antoine de Saint-Exupéry era piloto de avião e chegou a fazer algumas passagens pelo Brasil entre 1929 e 1930, quando foi diretor da Sociedade Latécoère de Aviação (posteriormente chamada de Aéropostale), na Argentina – empresa prestava serviço de correio aéreo entre a Europa, África e América Latina. Foi assim que o escritor acabou parando em algumas cidades da costa brasileira, especialmente em Florianópolis, Rio de Janeiro e, possivelmente, em Natal. O autor era tão celebrado em Florianópolis, que ficou conhecido como ‘‘Zeperri’’ pelos pescadores locais.

9 erros

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Solução

1 – unha do pé; 2 – mancha do pé; 3 – dedo da mão; 4 – dedo da mão; 5 – dedo da mão; 6 – cruz; 7 – dedo da mão; 8 – dedo da mão; 9 – dedo da mão.

Tiras

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

O Conde



Zé Meiota

